



Cadernos de Tradução

Porto Alegre, n. 44, jan./jul., 2019

Flores da Antologia Grega



Carlos Leonardo Bonturim Antunes
José Carlos Baracat Júnior
Rafael Brunhara
(Org.)

Instituto de Letras - UFRGS

ISSN: 2594-9055

ISSN-L: 1807-9873



Cadernos de Tradução
do Instituto de Letras

Número 44, jan./jul. — 2019

Flores da Antologia Grega

**Carlos Leonardo Bonturim Antunes
José Carlos Baracat Júnior
Rafael Brunhara
(Organizadores)**



UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS — UFRGS

Direção

Sérgio de Moura Menuzzi (Diretor)

Beatriz Cerisara Gil (Vice-Diretora)

COMISSÃO EDITORIAL

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva

Rozane Rebechi

Sandra Dias Loguercio

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO

Carlos Leonardo Bonturim Antunes

José Carlos Baracat Júnior

Rafael Brunhara

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 - CEP 91540-000 - Porto Alegre (RS)

<http://www.ufrgs.br/letras/index.html>

Como citar este periódico (ABNT):

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 44, jan./jul. 2019.

Cadernos de Tradução

Flores da Antologia Grega

Carlos Leonardo Bonturim Antunes
José Carlos Baracat Júnior
Rafael Brunhara
(Organizadores)

SUMÁRIO

Flores da Antologia Grega

Apresentação / 5

Carlos Leonardo Bonturim Antunes

José Carlos Baracat Júnior

Rafael Brunhara

Antologia grega de Bruno Palavro / 19

Bruno Palavro

Antologia grega de Clara Mossry Sperb / 26

Clara Mossry Sperb

Antologia grega de Eduardo Laschuk / 31

Eduardo Fischli Laschuk

Antologia grega de João Victor Kuhn / 38

João Victor Kuhn

Antologia grega de Baracat Júnior / 42

José C. Baracat Júnior

Antologia grega de Leonardo Antunes / 47

Leonardo Antunes

Antologia grega de Leonardo Mário Ferraro / 53

Leonardo Mário Ferraro

Antologia grega de Luciana Malacarne / 57

Luciana Malacarne

Antologia grega de Marcos Müller / 62

Marcos Müller

Antologia grega de Rafael Brunhara / 84

Rafael Bunhara

Antologia grega de Rodrigo Garcia Garay / 94

Rodrigo Garcia Garay

Antologia grega de Thiago Koslowski da Rosa / 101

Thiago Koslowski da Rosa

Antologia grega de Thirzá Berquó / 106

Thirzá Amaral Berquó

APRESENTAÇÃO

Carlos Leonardo Bonturim Antunes
José Carlos Baracat Júnior
Rafael Brunhara

Sobre esta edição

É uma alegria muito grande ver reunidas neste volume as traduções de nossos alunos do curso de Grego da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contribuem com o volume alunos que concluíram (ou estão concluindo) a formação em Língua e Literatura Grega, bem como egressos de outros cursos, que chegaram ao Grego por amor pelos clássicos.

Nossa ideia ao planejar este volume dos *Cadernos de Tradução* foi a de fazer uma pequena antologia da *Antologia Grega*¹, selecionando preferencialmente poemas menos conhecidos do *corpus*. O segundo critério utilizado para a seleção foi puramente subjetivo: participantes puderam escolher aqueles poemas que lhes pareciam mais interessantes.

Do ponto de vista metodológico, também preferimos deixar que cada tradutor trabalhasse da maneira que se sentisse mais à vontade, sem impor um método único para a tradução nem para a anotação dos poemas. Por conta disso, o leitor perceberá que varia bastante a quantidade de notas e a abordagem adotada para a tradução dos poemas.

Antes de vermos essa falta de padronização como um problema, acreditamos que ela seja a virtude principal deste trabalho: ao mesmo tempo em que apresentamos uma seleção de poemas menos conhecidos da antiguidade, nós o fazemos com uma variedade de estilos e de soluções. Alguns participantes tentaram se ater ao conteúdo semântico dos textos, enquanto outros buscaram reproduzir elementos formais ou até mesmo ousaram soluções ainda mais inusitadas.

Essa variedade se torna um duplo, no plano metodológico e estético, da variedade de autores e de temáticas aqui encontradas. Com isso, cria-se, portanto, uma dupla *poikilia* nestas nossas grinaldas de poemas.

¹ Para este volume, adotamos e traduzimos o texto grego editado por Cougny em seu *Epigrammatum anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova* (Paris: Didot, 1890).

Pelo contraste das várias abordagens adotadas, temos como que uma espécie de lente multifocal, capaz de focalizar diferentes aspectos da poesia antiga pelas diferentes maneiras com que ela é abordada em tradução.

Não acreditamos em uma fórmula perfeita para se traduzir e trabalhar com a poesia antiga. Pelo contrário, defendemos que é por meio da multiplicidade de vozes e de perspectivas que podemos obter um panorama mais rico das obras que estudamos. Este trabalho é um pequeno testemunho, portanto, não só da produção de nossos alunos, mas também de como essas obras dialogam entre si e se complementam pela pluralidade de concepções estéticas e epistemológicas aqui presentes.

Sobre a Antologia Grega

A obra que se convencionou chamar *Antologia Grega* é a maior coletânea de poesia grega que sobreviveu aos nossos dias. Dois desenvolvimentos diversos que ocorreram no século III a.C. refletem-se na Antologia e ajudam a explicar a sua formação: a prática, que se torna comum entre os poetas, de reunir seus poemas em coleções que permitiam a ampla difusão de sua produção; e o desenvolvimento do epigrama como forma literária legítima, deixando de ser inscrição de versos em suporte material – estátuas, túmulos, vasos – para se tornar uma poesia multitemática, de elocução extremamente diversificada, cujo maior critério e ponto de unidade é a concisão.

O epigrama logo se torna o gênero poético favorito da maioria dos poetas, em parte devido a sua simplicidade formal, o dístico elegíaco². Os mais comuns eram compostos por um único dístico, mas a flexibilidade da forma levava também poetas a chamarem “epigramas” poemas compostos por mais dísticos – quadras ou ainda mais versos –, a ponto de embaçar as fronteiras e a entrar nos limites de outros gêneros, como

² O dístico elegíaco é uma estrutura formal composta, como o nome indica, por dois versos: o primeiro é em hexâmetro dactílico (um verso feito com seis dactilos, sendo o último catalético, i.e., menor do que o previsto), como os versos da épica homérica, com possibilidade de contração das breves em todos os pés (exceto no quinto, que se prefere não contrair, ainda que em cerca de 5% dos casos, em Homero, ele se contraia), respeitando-se ainda a cesura mandatória ou após a terceira longa natural ou após a breve que a segue; o segundo se constrói pela justaposição de dois hemistíquios hexamétricos, ou seja, de duas metades de hexâmetro dactílico, havendo possibilidade de contração no primeiro hemistíquio, mas não no segundo. Resulta, portanto, na seguinte estrutura, que, num poema elegíaco, pode se repetir ao gosto do poeta.

a elegia e a epístola, problema já reconhecido na Antiguidade, como testemunha o poeta Cirilo, presente nesta Antologia na tradução de Marcos Müller:

Epigrama sem par tem um dístico. Além
rapsodias, não epigramatizas.

A história do epigrama terá seu marco com a *Antologia Grega*, ou *Palatina* – nome pela qual é popularmente conhecida esta coleção, por causa do principal manuscrito que a transmitiu. É a maior coletânea de poesia grega que nos restou: mais de 4000 poemas (em sua maioria, epigramas), divididos em 16 livros, reunindo poemas de todos os períodos da história grega, do arcaico ao bizantino.

Esses poemas foram compilados a partir do manuscrito de outras duas antologias, a *Antologia Palatina*, datada de 980 d.C., e a *Antologia de Planudes*, contendo o autógrafo do monge bizantino e erudito Máximo Planudes (c.1260-1305 d.C.). São atribuídos a uma vasta quantidade de poetas, desde aqueles considerados os autores cânones da poesia lírica até indivíduos de quem nada sabemos.

Pelo que podemos historiar, esses dois manuscritos seriam cópias de uma antologia que se perdeu, do início do século X, elaborada por Constantino Céfalas, literato de quem pouco sabemos hoje, senão que teria ocupado um alto posto eclesiástico em Constantinopla. A Antologia de Céfalas era uma *Antologia de Antologias*, pois reunia antologias anteriores: a de Meleagro de Gádara (I a.C.), com os poemas de quarenta e sete poetas dos períodos arcaico, clássico e helenístico, dentre os quais ele próprio; a de Filipe da Tessalônica (I d.C.), com poemas da época Imperial, em geral feitos na própria Itália, e não na Grécia, e a de Agatias (VI d.C.), que reunira poemas do início do Império Bizantino. A estas Antologias, Céfalas incluiu uma variedade maior de fontes: epigramas de autores célebres, copiados de inscrições em pedra; a *Musa Pueril*, de Estratão; uma coleção de poemas amorosos atribuídos a Rufino; e os epigramas de Paladas de Alexandria.

O manuscrito da *Antologia de Planudes*, o *Marcianus Graecus 481*, foi o primeiro a ser encontrado, em 1494. Em 1606, um códice de fins do século X é descoberto na Biblioteca Palatina, em Heidelberg, a *Antologia Palatina*. Em 1622, o códice é ofertado ao Papa Gregório XV, e lá permanece até o ano de 1797, quando Napoleão o leva à França. Hoje, o códice da Palatina (*Codex Palatinus Graecus 23*) está

na Biblioteca da Universidade de Heidelberg, mas uma pequena parte sua permaneceu na França (*Parisinus Graecus Suppl.* 384).

O conteúdo da Antologia Palatina e da Antologia de Planudes se sobrepõe, à exceção de 380 epigramas presentes em *Planudes*, mas ausentes na *Palatina*. O formato atual da *Antologia Grega* foi-nos dado por seu primeiro editor, Johann Friedrich Dübner, entre 1866 e 1877, que a dispõe nos 16 livros que conhecemos, assim organizados:

Livro I: Epigramas cristãos datados do séc. IV-X d.C.

Livro II: Um longo poema em hexâmetros composto por Cristodoro de Tebas (491-518 d.C.), descrevendo 80 estátuas de personagens mitológicas e figuras históricas famosas que decoravam o Ginásio de Zêuxipo, famoso balneário público da cidade de Constantinopla.

Livro III: “Os Epigramas Cízicenos”, talvez o mais misterioso livro da *Antologia Grega*, reunindo 17 epigramas presentes no templo de Apolônios de Cízico, que teria sido uma importante rainha de Pérgamo e, quando de sua morte, aproximadamente entre 179-159 a.C., recebera um templo em sua homenagem pelos filhos, repleto de epigramas retratando cenas míticas de amor filial. Tais informações são conjecturais, baseadas na introdução do Livro III:

ἐν Κυζίκῳ εἰς τὸν ναὸν Ἀπολλωνίδος, τῆς μητρὸς Ἀττάλου καὶ
Εὐμένους, ἃ εἰς τὰ στυλοπινάκια ἐγγράπτο περιέχοντα
ἀναγλύφους ἱστορίας, ὡς ὑποτέτακται.

Em Cízico, no templo de Apolônios, mãe de Átalo e Êumeno, os
epigramas que foram escritos nos pilares contém registros em
baixo-relevo, assim dispostos abaixo.

Livro IV: Breve livro que contém os prefácios das Antologias de Meleagro, Filipe e Agatias.

Livro V: Coleção de epigramas eróticos, já dispostos como tal na Antologia original de Céfalos, que prefacia o livro com a advertência *Φεύγετε, νεοί, παῖδα Κυθήρης, τοξόβολος Ἔρωος* (“Fugam, jovens, do filho de Afrodite, Eros flechador”).³

³ Tradução de Rafael Brunhara.

Livro VI: Epigramas votivos, isto é, poemas que relatam os motivos das oferendas a deidades. A compilação não distingue aqueles que teriam sido votos reais de outros, meros exercícios retóricos/poéticos.

Livro VII: O livro dos Epitáfios. Assim como no caso do Livro VI, muitos destes são exercícios poéticos sobre exemplares reais do passado.

Livro VIII: Epigramas de Gregório de Nazianzo (329-389 d.C.), patriarca de Constantinopla.

Livro IX: Epigramas epidíticos. Os versos coletados neste extenso livro de 827 epigramas remontam à tradição retórica e suas fontes são diversas. Muitos dos epigramas presentes aqui são originários da Antologia de Filipe, do séc. I d.C., período em que a associação entre retórica e poesia se torna comum. Também reúne inscrições em obras de arte e edifícios públicos.

Livro X: Apresentados nos códices como epigramas exortativos, os epigramas do Livro X podem ser mais bem definidos como gnômicos ou sentenciosos. Grande parte dos epigramas destes livros pertencem a Paladas de Alexandria, poeta do séc. IV d.C., que se adequa a esta tradição gnômica e se tornou célebre por retratar em seus versos os estertores do paganismo em um mundo de hegemonia cristã.

Livro XI: Epigramas satíricos ou “simpóticos”, isto é, destinados ao momento do banquete em que os convivas se dedicavam a beber em conjunto. O Livro IX conserva ainda poemas de temática erótica.

Livro XII: O livro XII provém de uma antologia anterior, *Musa Pueril*, organizada pelo poeta Estratão de Sárdis, também autor da maioria dos epigramas, e que teria atuado possivelmente durante o império de Adriano (76 – 138 d.C.). Reúne, sobretudo, poemas de matéria homoerótica, que exploram a relação, típica na cultura grega e romana, entre ἐράστης (*erástēs*), o erasta, homem mais velho, e ἐρώμενος (*erómenos*), o jovem a quem ele dedicava seus amores e cortejos.

Livro XIII: Exercícios poéticos escritos em metros variados, não elegíacos.

Livro XIV: Os poemas deste livro são problemas aritméticos, charadas e ditos oraculares.

Livro XV: Os poemas do livro XV são de origem e temática variada, ao que tudo indica ausentes na antologia original de Céfalas, mas inseridos no *Codex Palatinus*. Os poemas mais notórios deste livro são os chamados τεχνοπαιγνία, *tekhnopaignía*, poemas que intentam, com sua variada forma métrica, emular o formato dos objetos que descrevem.

Antecessores da poesia concreta moderna, estes poemas remontam ao período helenístico e são dotados de uma linguagem muitas vezes cifrada e ambígua.

Livro XVI: Compila os epigramas presentes na *Antologia de Planudes*, mas ausentes na *Antologia Palatina*.

Tamanha é a influência da Antologia Grega que o próprio termo “Antologia” nasce com ela: em grego, *Anthologia*, “coleção de flores”, “guirlanda”. É como flores que o poeta Meleagro se refere aos demais poemas presentes em sua coleção⁴. Elaborar uma antologia, portanto, é entrelaçar flores variadas em uma guirlanda. Esta imagem é também pertinente a nossa “Antologia da Antologia Grega”, que reúne uma diversidade de poemas, práticas e estilos tradutórios.

Poemas Traduzidos

O leitor encontrará os poemas desta Antologia da *Antologia Grega* divididos em capítulos que levam o nome de cada tradutor. Cada capítulo funciona, assim, como um minicatalecto, uma guirlanda pessoal de poemas na qual se evidenciam as preferências e o estilo de cada tradutor – desde o poema escolhido até os critérios adotados em suas versões. Para facilitar a consulta, abaixo listamos os 219 poemas traduzidos nesta Antologia da *Antologia Grega* organizados por livro, remetendo o leitor para o capítulo específico de cada tradutor.

Livro I

Poema 37 (Agátias Escolástico, “acerca da gênese de Cristo”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 38 (Agátias Escolástico) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 39 (Agátias Escolástico, “acerca dos pastores e anjos”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 40 (Agátias Escolástico, “da gênese de Cristo”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 41 (Agátias Escolástico, “sobre os magos”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 92 (Gregório de Nazianzo, “*Em Cesareia na igreja de São Basílio*”) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

⁴ Ver, nesta edição, a tradução de Luciana Malacarne para o poema que teria inaugurado a Antologia de Meleagro (IV.1).

Livro II

Sobre Hesíodo, Políido e Simônides (vv.38- 49) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Safo (vv.69-71) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Sobre Afrodite (vv.78-81) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Hermafrodito (vv.102-107) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Crises (vv.86-91) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Sobre Platão (vv.97-98) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Sobre Apolo (vv.266-270) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Aquiles (vv.291-296) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Hermes (vv.297-302) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Ártemis (vv.306-310) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Homero (vv.311-350) – trad. Luciana Malacarne.

Sobre Tucídides (vv.372-376) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Sobre Heródoto (vv.377-381) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Livro III

III.8. Odisseu interpela a própria mãe no Hades – trad. Bruno Palavro.

Livro IV

Poema 1 (Meleagro de Gádara) – trad. Luciana Malacarne.

Livro V

Poema 1 (Constantino Céfalas) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 4 (Filodemo) – trad. Marcos Müller.

Poema 6 (Calímaco) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 7 (Asclepiades) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 8 (Meleagro) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 10 (Alceu) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 14 (Rufino) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 16 (Marco Argentário) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 23 (Calímaco) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 24 (Filodemo ou Meleagro) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 29 (Cilactor) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 46 (Filodemo) – trad. Marcos Müller.

Poema 57 (Meleagro) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.
Poema 60 (Rufino) — trad. Marcos Müller.
Poema 79 (Platão) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 80 (Platão) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 83 (anônimo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 84 (anônimo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 85 (Asclepiades) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 89 (Marco Argentário) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.
Poema 95 (anônimo) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 102 (Marco Argentário) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.
Poema 112 (Filodemo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 123 (Filodemo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 125 (Basso) – trad. Marcos Müller.
Poema 128 (Marco Argentário) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 129 (Filodemo) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 131 (Filodemo) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 134 (Posídipo) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 135 (anônimo) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 136 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 137 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 139 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 140 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 141 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 146 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 147 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 148 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 149 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 158 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 169 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 170 (Nóssis) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 173 (Meleagro) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 177 (Meleagro) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 186 (Posídipo) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 189 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 207 (Asclepiádes) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 219 (Paulo Silenciário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 230 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.
Poema 232 (Paulo Silenciário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 242 (Eratóstenes Escolástico) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 243 (Cônsul Macedônio) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 244 (Paulo Silenciário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 253 (Irineu Referendário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 255 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.
Poema 290 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.
Poema 291 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.

Livro VI

Poema 1 (Platão) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 2 (Simônides) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 18 (Juliano, governante do Egito) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 19 (Juliano, governante do Egito) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 59 (Agátias Escolástico) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 60 (Paladas de Alexandria) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 74 (Agátias Escolástico) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 92 (Filipe de Tessalônica) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 123 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 146 (Calímaco) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 153 (Anite) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 174 (Antípatro) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 177 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
Poema 231 (Filipe) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 276 (Antípatro) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 285 (Nícarco, ao que parece) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 303 (Aríston) – trad. Marcos Müller.
Poema 312 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 353 (Nóssis) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.

Livro VII

- Poema 6 (Antípatro de Sídón) – trad. Rafael Brunhara.
- Poema 7 (Antípatro de Sídón) – trad. Rafael Brunhara.
- Poema 8 (Antípatro de Sídón) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 9 (Damágeto) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 10 (Damágeto) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 11 (Asclepiades) – trad. João Victor Kuhn.
- Poema 14 (Antípatro de Sídón) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 16 (Pinito) – trad. João Victor Kuhn.
- Poema 17 (Túlio Láurea) - trad. Leonardo Antunes.
- Poema 18 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 19 (Leônidas de Tarento) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 43 (Íon) – trad. Rafael Brunhara.
- Poema 55 (Alceu de Mitilene ou Messene) – trad. Bruno Palavro.
- Poema 71 (Getúlico) – trad. Marcos Müller.
- Poema 75 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 89 (Calímaco) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 108 (Diógenes Laércio) – trad. João Victor Kuhn.
- Poema 159 (Nícarco) – trad. Leonardo Antunes.
- Poema 202 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
- Poema 208 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
- Poema 215 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
- Poema 309 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
- Poema 310 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
- Poema 317 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.
- Poema 318 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.
- Poema 352 (anônimo ou Meleagro) – trad. Marcos Müller.
- Poema 364 (Marco Argentário) – trad. Marcos Müller.
- Poema 376 (Crinágoras) – trad. João Victor Kuhn.
- Poema 383 (Filipe de Tessalônica) – trad. Marcos Müller.
- Poema 398 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Marcos Müller.
- Poema 405 (Filipe) – trad. Marcos Müller.
- Poema 486 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
- Poema 492 (Anite de Mitilene) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 525 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.

Poema 646 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 709 (Alexandre de Etólia) – trad. Leonardo Antunes.

Livro VIII

Poema 158 - *Sobre Naucrácio, irmão de Basílio, o Grande* (Gregório de Nazianzo) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 233 – *Contra os violadores de túmulos* (Gregório de Nazianzo) – trad. João Victor Kuhn.

Livro IX

Poema 7 (Júlio Polieno) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 24 (Leônidas de Tarento) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 101 (Alfeu de Mitilene) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 112 (Antípatro de Tessalônica) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 120 (Luciano de Samósata) – trad. Marcos Müller.

Poema 123 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 144 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 239 (Crinágoras) – trad. Leonardo Antunes.

Poema 251 (Eveno) – trad. Marcos Müller.

Poema 313 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 314 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 332 (Nóssis) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 331 (Meleagro) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.

Poema 334 (Perses) – trad. Marcos Müller.

Poema 350 (Leônidas de Alexandria) – trad. Marcos Müller.

Poema 359 (Posídipo ou Platão cômico) – trad. Marcos Müller.

Poema 360 (Metrodoro) – trad. Marcos Müller.

Poema 368 (Imperador Juliano) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 369 (Cirilo) – trad. Marcos Müller.

Poema 385 (Estéfano Gramático) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 401 (anônimo) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 441 (Paladas de Alexandria) – trad. Leonardo Antunes.

Poema 489 (Paladas de Alexandria) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 507 (Calímaco) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 577 (Ptolomeu) – trad. Marcos Müller.
Poema 603 (Antípatro) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 604 (Nóssis) – trad. Clara Mossry Sperb.

Livro X

Poema 1 (Leônidas) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.
Poema 3 (anônimo) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.
Poema 20 (Adaio) – trad. Marcos Müller.
Poema 45 (Paladas de Alexandria) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 58 (Paladas de Alexandria) – trad. Marcos Müller.
Poema 82 (Paladas de Alexandria) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 100 (Antífano) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 118 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
Poema 124 (Glícon) – trad. Marcos Müller.

Livro XI

Poema 6 (Calícter) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 10 (Lucílio) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.
Poema 11 (Luciano) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 19 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 23 (Antípatro) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 25 (Apolônides) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 28 (Marco Argentário) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 31 (Antípatro) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 34 (Filodemo) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 36 (Filipe) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 41 (Filodemo) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 44 (Filodemo) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 61 (Cônsul Macedônio) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 70 (Leônidas de Alexandria) – trad. Marcos Müller.
Poema 71 (Nícarco) – trad. Marcos Müller.
Poema 79 (Lucílio) – trad. Marcos Müller.
Poema 130 (Poliano) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 211 (Lucílio) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 223 (Meleagro) – trad. Marcos Müller.
Poema 224 (Antípatro) – trad. Marcos Müller.
Poema 226 (Amiano) – trad. Marcos Müller.
Poema 276 (Lucílio) – trad. Marcos Müller.
Poema 278 (Lucílio, “a propósito de um gramático chifrudo”) – trad. Marcos Müller.
Poema 430 (Luciano) – trad. Rafael Brunhara
Poema 431 (Luciano) – trad. Marcos Müller.
Poema 432 (Luciano) – trad. Marcos Müller.

Livro XII

Poema 1 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 2 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 4 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 5 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 6 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 16 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 18 (Alfeu de Mitilene) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 20 (Júlio Leônidas) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 188 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 207 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 216 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 237 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 258 (Estratão) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.

Livro XIII

Poema 7 (Calímaco) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 13 (Anacreonte) – trad. Rafael Brunhara.

Livro XIV

Poema 64 (anônimo – “O Enigma da Esfinge”) – trad. Rafael Brunhara.

Livro XV

Poema 24 (As Asas de Eros, de Símias de Rodes) – trad. Bruno Palavro.

Poema 25 (O Altar, de Besantino) – trad. Bruno Palavro.

Poema 35 (Teófanos) – trad. Luciana Malacarne.

Livro XVI

Poema 1 (Damágeto) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 8 (Alceu de Messene) – trad. Bruno Palavro.

Poema 52 (Gauradas) – trad. Marcos Müller.

Poema 309 (Leônidas de Tarento) – trad. Leonardo Antunes.

Como citar este texto (ABNT):

ANTUNES, C. L. B.; BARACAT JR., J. C.; BRUNHARA, R. Apresentação. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 5-18, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE BRUNO PALAVRO

Bruno Palavro

Livro II

II.1.38-49 – Sobre Hesíodo, Poliido e Simônides

Ἡσίοδος δ' Ἀσκραῖος ὄρειάσιν εἶδετο Μούσαις
φθεγγόμενος, χαλκὸν δὲ βιάζετο θυιάδι λύσσει,
ἔνθεον ἱμείρων ἀνάγειν μέλος. – Ἐγγύθι δ' αὐτοῦ
μαντιπóλος πάλιν ἄλλος ἔην Φοιβηίδι δάφνη
κοσμηθεὶς Πολύιδος· ἀπὸ στομάτων δὲ τινάξαι
ἤθελε μὲν κελάδημα. θεοπρόπον, ἀλλὰ ἐ τέχνη
δεσμῷ ἀφωνήτῳ κατερήτυεν. – Οὐδὲ σὺ μολπῆς
εὐνασας ἄβρὸν ἔρωτα, Σιμωνίδη, ἀλλ' ἔτι χορδῆς
ἱμεῖρεις, ἱερὴν δὲ λύρην οὐ χερσὶν ἀράσσεις.
ὥφελεν ὁ πλάσσας σε, Σιμωνίδη, ὥφελε χαλκῷ
συγκεράσαι μέλος ἡδύ· σὲ δ' ἂν καὶ χαλκὸς ἀναιδῆς
αἰδόμενος ῥυθμοῖσι λύρης ἀντήχεε μολπὴν.

E contemplava-se Hesíodo de Ascra, e as Musas do monte
ele invocava, e o bronze forçava com fúria impetuosa
ao desejar elevar a canção divinal. Perto dele
outro profeta estava também com a láurea de Febo
ornamentado, Poliido – e ele dos lábios queria
estremecer o seu divinatório rumor, mas a arte
com o grilhão da mudez o detinha. Nem tu repousaste
teu tenro amor de cantar, ó Simônides, inda desejas
cordas e lira sagrada que em mãos entretanto não pulsas.
Falta de quem te moldou, ó Simônides, falta com bronze
ter misturado o prazer musical – e afinal bronze mudo
te venerando, aos ritmos da lira canção ressoaria.

II.1.291-296 – Sobre Aquiles

Αἰχμητῆς δ' ἀνίουλος ἐλάμπετο δῖος Ἀχιλλεύς,
γυμνὸς ἐὼν σαγέων· ἐδόκευε μὲν ἔγχος ἐλίσσειν
δεξιτερῇ, σκαιῇ δὲ σάκος χάλκειον ἀείρειν,
σχήματι τεχνήεντι. μόθου δ' ἀπέπεμπεν ἀπειλὴν
θάρσεϊ τολμήεντι τεθηγμένος· αἱ γὰρ ὀπωπαὶ
γνήσιον ἦθος ἔφαινον ἀρήιον Αἰακιδάων.

E lampejava, lanceiro sem barba, o Aquiles divino
estando despido de aprestos – sua lança talvez a girasse
com sua destra, na sestra o escudo de bronze portava,
de artificiosa feição – o terror do tumulto apartava
com resoluta bravura aguçado, pois ambos os olhos
elucidavam o etos genuíno e melhor dos Eácidas⁵.

⁵ Descendentes de Éaco.

II.1.297-302 – Sobre Hermes

Ἦν δὲ καὶ Ἑρμείας χρυσόρραπις· ἰστάμενος δὲ
δεξιτερῇ πτερόεντος ἀνείρνε δεσμὰ πεδίλου,
εἰς ὁδὸν αἶζαι λελημένος· εἶχε γὰρ ἤδη
δεξιὸν ὀκλάζοντα θοὸν πόδα, τῷ ἔπι λαιὴν
χεῖρα ταθεὶς ἀνέπεμπεν ἐς αἰθέρα κύκλον ὀπωπῆς
οἷά τε πατρὸς ἄνακτος ἐπιτροπῶντος ἀκούων.
E Hermes da vara dourada estava também, e erigido
ele com a destra atava os laços da alada sandália,
ávido para lançar-se ao caminho – pois tinha de pronto
sua veloz perna destra dobrada, por cima a esquerda
mão esticada, e erguia ao éter seu ciclo da vista
como se ouvindo uma ordenação de seu pai e senhor.

II.1.306-310 – Sobre Ártemis

Φοίβου δ' οὐρεσίφοιτος ὁμόγνιος ἵστατο κούρη
Ἄρτεμις, ἀλλ' οὐ τόξον ἐκηβόλον οὐδὲ φαρέτρην
ιοδόκην ἀνέχουσα κατωμαδόν· ἦν δ' ἐπὶ γούνων
παρθένιον λεγνῶτον ἀναζωσθεῖσα χιτῶνα
καὶ τριχὸς ἀκρήδεμνον ἀνιεμένη πλόκον αὔραις.

Gêmea de Febo se erguia, a moça vagante dos montes,
Ártemis, mas sua aljava flecheira e seu longicerteiro
arco não tinha aos ombros – cingida por cima dos joelhos,
com virginal variegado na borda das vestes estava,
e do cabelo a elevar despojado trançado às brisas.

II.1.266-270 – Sobre Apolo

Εἶδον ἀκερσεκόμην ἑκατον θεόν, εἶδον ἀοιδῆς
κοίρανον, ἀδμήτοισι κεκασμένον ἄνθεσι χαίτην·
εἶχε γὰρ ἀμφοτέροισι κόμης μεμερισμένον ὥμοις
βόστρυχον αὐτοέλικτον. ἔλισσε δὲ μάντιν ὀπωπῆν,
οἷά τε μαντοσύνη μεροπήια πῆματα λύων.

Vi o de longos cabelos, longínquo divino, eu vi o
sumo senhor da canção, cabeleira em floreio indomável –
pois tinha em ambos os ombros, à parte do próprio cabelo,
um de seus cachos volteados – volteava seus mânticos olhos
como com mântica então desatando as humanas desgraças.

II.1.78-81 – Sobre Afrodite

Ἄγχι δὲ Κύπρις ἔλαμπεν, ἔλειβε δὲ νόροπι χαλκῷ
ἀγλαΐης ῥαθάμιγγας· ἀπὸ στέρνοιο δὲ γυμνῇ
φαίνεται μέν, φᾶρος δὲ συνήγαγεν ἄντυγι μηρῶν,
χρυσεῖη πλοκαμῖδας ὑποσφίγξασα καλύπτρη.

Perto, a Cípris⁶ lampeava, libava no brilho do bronze gotas de seu esplendor – e ao longo do peito despida se elucidava, com manto amontoadado em torno das coxas, sob dourado suas tranças ao ter enlaçado num véu.

II.1.102-107 – Sobre Hermafrodito

Ἴστατο δ' Ἑρμαφρόδιτος ἐπήρατος, οὐθ' ὅλος ἀνὴρ
οὐδὲ γυνή· μικτὸν γὰρ ἔην βρέτας, ἧ τάχα κοῦρον
Κύπριδος εὐκόλποιο καὶ Ἑρμάωνος ἐνίψει·
μαζοὺς μὲν σφριγόνοντας ἐδείκνυνεν οἷά τε κούρη·
σχῆμα δὲ πᾶσιν ἔφαινε φυτοσπόρον ἄρσενος αἰδοῦς,
ξυνῆς ἀγλαΐης κεκερασμένα σήματα φαίνων.

E Hermafrodito amorável se erguia, nem todo mulher,
nem todo homem – pois mista era a imagem, tão logo dirias
ser filho moço da Cípris de seio bem-feito e de Hermes:
peitos robustos expunha, tal como se fosse uma moça –
toda a feição genital ilustrava de um macho louvável,
sempre a ilustrar misturados sinais de comum esplendor.

Livro III

III.8 – Odisseu interpela a própria mãe no Hades

*Ἐν τῷ Η ἡ τοῦ Ὀδυσσέως νεκρομαντεία· καθέστηκεν τὴν ἰδίαν μητέρα Ἀντίκλειαν περὶ
τῶν κατὰ τὸν οἶκον ἀνακρίνων*

Μᾶτερ Ὀδυσσῆος πινυτόφρονος, Ἀντίκλεια,
ζῶσα μὲν εἰς Ἰθάκην οὐχ ὑπέδεξο πάιν·
ἀλλὰ σε νῦν Ἀχέροντος ἐπὶ ῥηγμῖσι γεγῶσαν
θαμβεῖ, ἀνὰ γλυκερὰν ματέρα δερκόμενος.

*Em oitavo, a necromancia de Odisseu – apontou a própria mãe, Anticleia, perguntando
sobre as coisas de casa.*

Mãe de Odisseu ponderado às entranhas, ó mãe Anticleia:
viva em Ítaca então, não recebeste teu filho –
mas sobre as margens do rio Aqueronte agora surgida,
ele se assombra e sua mãe doce de novo contempla.

Livro VII

VII.55 – Alceu (de Metilene ou Messene)

Λοκρίδος ἐν νέμεϊ σκιερῷ νέκυν Ἡσιόδοιο
Νύμφαι κρηνίδων λοῦσαν ἀπὸ σφετέρων

⁶ Epíteto de Afrodite que faz referência a seu culto na ilha de Chipre. Hesíodo, na *Teogonia*, chama a deusa de “Ciprogênia” por ter lá nascido.

καὶ τάφον ὑψώσαντο· γάλακτι δὲ ποιμένες αἰγῶν
ἔρραναν ξανθῷ μιζάμενοι μέλιτι·
τοίην γὰρ καὶ γῆρυν ἀπέπνεεν ἐννέα Μουσέων
ὁ πρέσβυς καθαρῶν γευσάμενος λιβάδων.

Num arvoredo sombrio pela Lócria, o corpo de Hesíodo
ninfas foram lavar na água lá de suas fontes.
Elas um túmulo ergueram – com leite os pastores de cabras
logo o aspergiram, ao ter misto com mel aloirado:
tal era a voz afinal que expirava das nove das Musas
esse ancião, que provou delas os fluxos tão puros.

Livro XV

XV.24 – As asas de Eros, de Símiás

Λεῦσσε με τὸν Γᾶς τε βαθυστέρνου ἄνακτ' Ἀκμονίδαν τ' ἄλλυδις ἐδράσαντα·
μηδὲ τρέσης, εἰ τόσος ὢν δάσκια βέβριθα λάχνα γένεια.
τᾶμος ἐγὼ γὰρ γενόμαν, ἀνίκ' ἔκραιν' Ἀνάγκα,
πάντα δὲ Γᾶς εἶκε φραδαῖσι λυγραῖς
ἐρπετά, πάνθ', ὅς' ἔρπει
δι' αἶθρας.
Χάους δέ,
οὔτι γε Κύπριδος παῖς
ὠκυπέτας οὐδ' Ἄρεος καλεῖμαι·
οὔτι γὰρ ἔκρανα βία, πραῦνόφω δὲ πειθοῖ·
εἶκε δέ μοι Γαῖα Θαλάσσας τε μυχοὶ χάλκεος Οὐρανός τε·
τῶν δ' ἐγὼ ἐκνοσφισάμαν ὠγύγιον σκάπτρον, ἔκρινον δὲ θεοῖς θέμιστας.

Vê-me, de Gé⁷ funda no seio eu sou senhor, eu destronei pois o rebento de Ácmon⁸ –
sem te espantar, pelo que sou, se me pesar barba nas faces felpas,
pois eu nasci nos primordiais, quando Ananqué⁹ reinava:
tudo às fatais ordens rendeu, de quantos
rolam no chão e rolam
no éter.
De Caos¹⁰
filho sou eu, da Cípris
e Ares não sou, asa-veloz me chamam¹¹,
pois eu reinei pela gentil persuasão, não força –
e se render eu fiz o céu brônzeo afinal, fundos do mar e a terra,
deles tomei cetro ancestral, como juiz aos divinais eu defini sentenças.

⁷ Nome alternativo de Gaia (terra).

⁸ Ácmon é uma figura obscura. A palavra grega tem relação com meteoritos e metalurgia, e pode ser traduzida como “bigorna”. Aqui, parece considerado uma divindade primordial, talvez pai de Urano (céu).

⁹ Traduzível como “necessidade, restrição”.

¹⁰ A palavra grega *kháos* tem a ideia de “abertura”, “separação”, e é geralmente traduzida como “abismo”. Não deve ser confundida com o “estado de desordem” que a palavra portuguesa sugere.

¹¹ Tradução de uma versão alternativa do texto grego: “[...] tudo rastejante se rendia aos juízos lúgubres dela [Ananqué], tudo quanto rasteja pelo éter e pelo abismo. E ainda sou filho da Cípris, e chamo-me prazeroso Eros asa-rápida [...]”.

XV.25 – O altar, de Besantino¹²

Ὅλος οὖ με λιβρὸς ἱρῶν
Λιβάδεσσιν οἷα κάλχη
Ὑποφονίῃσι τέγγει·
Μαύλεις δ' ὕπερθε πέτρης Ναζίης θοοόμεναι
Παμάτων φείδοντο Πανός· οὐ στροβίλῳ λιγνύι
Ἴξος εὐώδης μελαίνει τρεχνέων με Νυσίων.
Ἐς γὰρ βωμὸν ὀρῆς με μήτε γλούρου
Πλίνθοις μήτ' Ἀλύβης παγέντα βώλοις,
Οὐδ' ὄν Κυνθογενῆς ἔτευξε φύτλη
Λαβόντε μηκάδων κέρα,
Λισσαῖσιν ἀμφὶ δειράσιν
Ὅσσαι νέμονται Κυνθίαις,
Ἰσόρροπος πέλοιτό μοι·
Σὺν οὐρανοῦ γὰρ ἐκγόνοις
Εἰνάς μ' ἔτευξε γηγενῆς,
Τάων ἀεῖζον τέχνην
Ἐνευσε πάλμυς ἀφθίτων.
Σὺ δ', ὦ πῶν κρήνηθεν, ἦν
Ἴνις κόλαψε Γοργόνος,
Θύοις τ' ἐπισπένδοις τ' ἐμοὶ
Ὑμηττιάδων πολὺ λαροτέρην
Σπονδὴν ἄδην. ἴθι δὴ θαρσέων
Ἐς ἐμὴν τεῦξιν· καθαρὸς γὰρ ἐγὼ
Ἴὸν ἰέντων τεράων, οἷα κέκευθ' ἐκεῖνος,
Ἀμφὶ Νέαις Θρηκίαις ὃν σχεδόθεν Μυρίνης
Σοί, Τριπάτωρ, πορφυρέου φῶρ ἀνέθηκε κριοῦ.

O negror dos sacrifícios,
Liquefeito em rubro fluxo
Igual tinta, não me tinge.
Muitas facas bem afiadas sobre a pedra naxia¹³
Roupam bens de Pã, nem me escurece com fumaça
Inflamada o visgo em bom odor dos galhos nísios¹⁴.
O altar visto por ti não é de ouro,
Por torrões de Alibé¹⁵ não sou lavrado;
Outro ainda, que obraram Cintogênios¹⁶
Roubando cápreos cornos lá,
Morros do Cinto, plácidos,
Uso de quantos vão pastar,
Igual a mim tampouco é.

¹² Embora os manuscritos tragam a forma “Besantino”, acredita-se que o nome seja uma corruptela de “(Júlio) Vestino”. Ainda, o acróstico “Olímpio, por muitos anos imoles” é provavelmente dedicado ao imperador Adriano (117-138 d.C.).

¹³ A ilha de Naxos era famosa por suas pedras de amolar.

¹⁴ Nisa era uma região montanhosa consagrada a Dioniso, de cujas árvores se extraía uma resina cheirosa para produzir incenso.

¹⁵ Região próxima de Troia que produzia prata. Ver *Ilíada*, II. 857.

¹⁶ Apolo e Ártemis, nascidos no monte Cinto, onde se conta que construíram um altar com chifres quando ainda crianças. Ver *Hino a Apolo*, de Calímaco, v. 60.

Também da filiação do céu,
 Obra das Nove Térreas¹⁷ sou:
 Sua arte a sempre perdurar
 Anui o rei dos eternos.
 No teu beber da fonte, a qual
 O filho gorgôneo¹⁸ fendeu,
 Sobre mim vem com libações,
 Imolando também, e mais doces que o mel
 Mais profuso do Hímeto¹⁹ – vem com vigor
 Onde estou feito em obra, pois puro sou eu,
 Longe a letais víperos tais quais os que esconde o altar
 Entre as Neas Trácias, o qual rente a Mirina o ladrão
 Sacralizou, Tríptor²⁰, pra ti, o do ilustre toção²¹.

Livro XVI

XVI.8 – Do mesmo (Alceu de Messene)²²

Οὐκέτ' ἀνὰ Φρυγίην πιτυοτρόφον ὥς ποτε μέλψεις
 κροῦμα δι' εὐτρήτων φθεγγόμενος δονάκων,
 οὐδ' ἔτι σαῖς παλάμαις Τριτωνίδος ἔργον Ἀθάνας
 ὥς πρὶν ἐπανθήσει, νυμφογενὲς Σάτυρε.
 δὴ γὰρ ἀλυκτοπέδαις σφίγγῃ χέρας, οὐνεκα Φοίβῳ
 θνατὸς ἐὼν θεῖαν εἰς ἔριν ἠντίσας.
 λατοὶ δ' οἱ κλάζοντες ἴσον φόρμιγγι μελιχρὸν
 ὥπασαν ἐξ ἀέθλων οὐ στέφος, ἀλλ' Αἶδαν.

Nem dançarás como outrora na Frígia nutriz dos pinheiros,
 com melodia a soar pelos furinhos das flautas,
 nem mais terás em tuas palmas a obra de Atena Tritônia
 como exaltavas em flor, sátiro, filho da ninfa.
 Sim, nas correntes apertas as mãos, pois topaste com Febo,
 sendo tu mesmo mortal, numa disputa divina.
 Flautas de lotos silvantes, melíficas tal como a lira,
 deram das provas a ti não a coroa, mas o Hades.

¹⁷ As nove Musas, aqui não filhas de Mnemosine (memória), mas de Gaia (terra). Já a “filiação do céu” do verso anterior provavelmente se refere às Cárites (graças).

¹⁸ Pégaso, nascido do sangue de Medusa. Com uma patada, fez botar a fonte Hipocrene.

¹⁹ Monte Hímeto, famoso pelas abelhas, “filhas do Hímeto”, e por seu mel.

²⁰ Comumente entendido como epíteto de Atena, relacionado aos outros “Tritogênia” e “Tritônia” (também controversos). A princípio, significa “a de três pais”, mas, por ser um substantivo também masculino, “três vezes pai” ou “ancestral” são traduções aceitáveis. Os sentidos desses epítetos são obscuros.

²¹ Os três versos finais aludem a Jasão, ao roubo do Velocino de Ouro e à história de Filoctetes. Entende-se que Jasão teria erigido o altar junto do qual, mais tarde, Filoctetes seria picado por uma cobra venenosa. Mirina é uma cidade da ilha de Lemnos, esta visitada por Jasão em sua jornada. Não fica claro se as Neas Trácias são um local pontual próximo de Mirina ou uma região mais ampla da Trácia que abarca a ilha de Lemnos.

²² Poema sobre o sátiro Mársias, que recolheu a flauta inventada e descartada por Atena e desafiou Apolo para uma competição musical, da qual saiu perdedor e punido pelo deus.

Como citar este texto (ABNT):

PALAVRO, B. Antologia grega de Bruno Palavro. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 19-24, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE CLARA MOSSRY SPERB

Clara Mossry Sperb

Livro VI

VI.123 – Anite

Ἔσταθι τεῖδε, κράνεια βροτοκτόνε, μηδ' ἔτι λυγρὸν
χάλκεον ἄμφ' ὄνυχ' αὖ στάζε φόνον δαΐων·
ἀλλ' ἀνὰ μαρμάρειον δόμον ἡμένα αἰπὺν Ἀθάνας,
ἄγγελ' ἀνορέαν Κρητὸς Ἐχεκρατίδα.

Fica aqui, lança assassina, não mais ao redor da triste
garra brônzea gotejes com os assassinatos dos inimigos;
mas, imóvel sobre o alto templo marmóreo de Atena,
anuncia a coragem do Cretense Execratida.

VI.312 – Anite

Ἦνία δὴ τοι παῖδες ἐνί, τράγε, φοινικόνετα
θέντες καὶ λασίῳ φιμὰ περὶ στόματι,
ἵππια παιδεύουσι θεοῦ περὶ ναὸν ἄεθλα,
ὄφρ' αὐτοὺς ἐφορῇ νήπια τερπομένους.

Os meninos, bode, puseram em ti rédeas
escarlates e mordaca na boca barbuda
e treinaram-te em corridas de cavalo em volta do templo do deus,
para que ele assista às suas alegrias infantis.

Livro VII

Οὐκέτι μ' ὥς τὸ πάρος πυκινὰς πτερύγεσσιν ἐρέσσων
ὄρσεις ἐξ εὐνῆς ὄρθριος ἐγρόμενος·
ἦ γάρ σ' ὑπνώοντα σίνις λαθρηδὸν ἐπελθὼν
ἔκτεινεν λαιμῷ ῥίμφα καθεὶς ὄνυχ'.

O Galo

Não mais, como antes, com rápido agitar de asas
despertarás, levantando-me cedo da cama.
Pois um malfeitor que vinha furtivo te matou
enquanto dormias, agilmente cravando-lhe a garra.

VII.208 – Anite

Μνᾶμα τόδε φθιμένου μενεδαΐου εἶσατο Δᾶμις
ἵππου, ἐπεὶ στέρνον τοῦδε δαφρινὸς Ἄρης
τύψε· μέλαν δέ οἱ αἶμα ταλαυρίνου διὰ χρωτὸς
ζέσς', ἐπὶ δ' ἀργαλέα βῶλον ἔδευσε φονᾶ.

Este túmulo Dâmis ergueu para o seu cavalo

forte morto pelo sangrento Ares, que o feriu
no peito; o sangue negro ferveu através da pele
resistente, e a terrível morte encharcou a terra.

VII.215 – Anite

Οὐκέτι δὴ πλωτοῖσιν ἀγαλλόμενος πελάγεσσιν
αὐχέν' ἀναρρίψω βυσσόθεν ὀρνύμενος,
οὐδὲ περὶ † σκαλάμοισι νεῶς περικαλλέα χεῖλη
ποιφύσσω, τὰμᾶ τερπόμενος προτομᾶ·
ἀλλά με πορφυρέα πόντου νοτὶς ὧς' ἐπὶ χέρσον,
κεῖμαι δὲ † ῥαδινὰν τάνδε παρ' ἡίονα.

Não mais, exultante em mares navegáveis,
lançarei meu pescoço, pulando do fundo do mar,
nem de novo bufarei com belíssimos lábios em
volta dos remos, alegre com a minha cabeça no navio;
mas a umidade púrpura do mar me lançou na terra,
e jazo ao longo desta tenra praia.

VII.486 – Anite

Πολλάκι τῷδ' ὀλοφυνδὰ κόρας ἐπὶ σάματι Κλείνα
μάτηρ ὠκύμορον παῖδ' ἐβόασε φίλαν,
ψυχὰν ἀγκαλέουσα Φιλαινίδος, ἃ πρὸ γάμοιο
χλωρὸν ὑπὲρ ποταμοῦ χεῦμ' Ἀχέροντος ἔβα.

Muitas vezes sobre este túbulo da menina, a mãe, Clina,
chamou em prantos a filha querida, que morreu prematuramente,
evocando a alma de Filênis, que antes do casamento
atravessou as águas lívidas do rio Aqueronte.

VII.492 – Anite de Mitilene

Ὡχόμεθ', ὦ Μίλητε, φίλη πατρί, τῶν ἀθεμίστων
τὰν ἄνομον Γαλατᾶν κύπριν ἀναινόμεναι,
παρθενικαὶ τρισσαὶ πολιήτιδες, ἃς ὁ βιατὰς
Κελτῶν εἰς ταύτην μοῖραν ἔτρεψεν Ἄρης.
οὐ γὰρ ἐμείναμεν ἅμμα τὸ δυσσεβὲς οὐδ' Ὑμέναιον
νυμφίον, ἀλλ' Αἶδην κηδεμόν' εὐρόμεθα.

Partimos, ó Mileto, querida pátria, recusando
o amor ilegítimo dos Gálatas sem lei,
três cidadãs virgens, a quem o violento
Ares dos Celtas desviou para esse destino.
Pois não permaneceremos com laços ímpios nem jovens
esposas no casamento, mas encontraremos Hades protetor.

VII.646 – Anite

Λοίσθια δὴ τάδε πατρὶ φίλῳ περὶ χεῖρε βαλοῦσα
εἶπ' Ἐρατῷ, χλωροῖς δάκρυσι λειβομένα·
ὦ πάτερ, οὗ τοι ἔτ' εἰμί, μέλας δ' ἐμὸν ὄμμα καλύπτει
ἤδη ἀποφθιμένης κυάνεος θάνατος

Isto foi a última coisa que Erato disse, abraçando
o amado pai e derramando lágrimas frescas:
“ó pai, não sou mais; pereço, a morte sombria
já cobre de negro meus olhos.

Livro IX

IX.26 – Antípatro de Tessalônica

Τάσδε θεογλώσσους Ἑλικῶν ἔθρεψε γυναῖκας
ὕμνοις, καὶ Μακεδῶν Πιερίας σκόπελος,
Πρήξιλλαν, Μοιρῷ, Ἀνύτης στόμα, θῆλυν Ὅμηρον,
Λεσβιάδων Σαπφῷ κόσμον ἐνπλοκάμων,
Ἥρινναν, Τελέσιλλαν ἀγακλέα, καὶ σέ, Κόριννα,
θοῦριν Ἀθηναίης ἀσπίδα μελψαμένην,
Νοσσίδα θηλύγλωσσον, ἰδὲ γλυκυαχέα Μύρτιν,
πάσας ἀενάων ἐργάτιδας σελίδων.
ἐννέα μὲν Μούσας μέγας Οὐρανός, ἐννέα δ' αὐτὰς
γαῖα τέκεν, θνατοῖς ἄφθιτον εὐφροσύναν.

Estas mulheres de línguas divinas o Hélicon educou
nos hinos, e o cimo macedônio de Piéria,
Praxila, Moiró, Ânite eloquente, o feminino Homero,
Safo, honra das lésbias de belas tranças,
Erina, Telessila muito gloriosa, e tu Corina,
que celebrou o escudo impetuoso de Atena,
Nóssis de língua feminina, e Mírtis de doce voz,
todas autoras de eternos escritos.
Nove Musas são do grande Urano, e nove a própria
terra pariu, para a imperecível alegria dos mortais.

IX.144 – Anite

Κύπριδος οὗτος ὁ χῶρος, ἐπεὶ φίλον ἔπλετο τήνῃ
αἰὲν ἀπ' ἠπείρου λαμπρὸν ὀρεῖν πέλαγος,
ὄφρα φίλον ναύτησι τελεῇ πλόον· ἀμφὶ δὲ πόντος
δειμαίνει, λιπαρὸν δερκόμενος ξόανον.

Esta é a terra de Cípris, pois sempre lhe fora
agradável ver da terra o brilhante mar,
para que realizasse amável viagem para os marinheiros; e o mar
em volta espanta-se, olhando a esplêndida estátua.

IX.313 – Anite

Ἴζεο ἅπας ὑπὸ καλὰ δάφνας εὐθαλέα φύλλα,
ὠραίου τ' ἄρυσαι νάματος ἀδὺ πόμα,
ὄφρα τοι ἀσθμαίνοντα πόνοις θέρεος φίλα γυῖα
ἀμπαύσης, πνοιῇ τυπτόμενα Ζεφύρου.

Sentai, todos juntos, sob as belas e viçosas folhas do loureiro,
e tirai a doce bebida da formosa fonte,
para que, ofegante por causa dos trabalhos de verão,
descanses seus membros, atingidos pelo sopro de Zéfiro.

IX.314 – Anite

Ἑρμῆς τᾷδ' ἔστακα παρ' ὄρχατον ἠνεμόεντα
ἐν τριόδοις, πολιᾶς ἐγγύθεν αἰόνος,
ἀνδράσι κεκμηῶσιν ἔχων ἄμπαυσιν ὁδοῖο·
ψυχρὸν δ' ἀχραὲς κρᾶνα † ὑποῖαχει.

Hermes, fico em pé junto ao pomar ventoso
na encruzilhada, perto da praia cinzenta,
repouso aos homens cansados do caminho:
na fonte transborda água fria e pura.

IX.332 – Nóssis

Ἐλθοῖσαι ποτὶ ναὸν ἰδώμεθα τᾷς Ἀφροδίτας
τὸ βρέτας, ὥς χρυσῶ διαδαλόεν τελέθει.
εἴσατό μιν Πολυαρχίς, ἐπαυρομένα μάλα πολλὰν
κτῆσιν ἀπ' οἰκείου σώματος ἀγλαΐας.

Vemos ao templo ver a estátua
de Afrodite, como é forjada em ouro.
Poliácris a ergueu e desfrutou de muitos
bens, graças ao esplendor do corpo dela.

IX. 604 – Nóssis

Θαυμαρέτας μορφὰν ὁ πίναξ ἔχει· εὖ γε τὸ γαῦρον
τεῦξε τὸ θ' ὠραῖον τᾷς ἀγανοβλεφάρου.
σαῖνοι κέν σε' ἐσιδοῖσα καὶ οἰκοφύλαξ σκυλάκαινα,
δέσποιναν μελάθρων οἰομένα ποθορῆν.

A pintura ilustra a forma de Taumareta: bem
reproduz a altivez e a beleza dos olhos amenos!
Se a visse, seu cão de guarda balançaria o rabo,
pensando olhar para a senhora da casa.

Como citar este texto (ABNT):

SPERB, C. M. Antologia grega de Clara Mossry Sperb. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 26-29, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE EDUARDO LASCHUK

Eduardo Fischli Laschuk

Livro V

V.10 – Alceu

Ἐχθαίρω τὸν Ἔρωτα. τί γὰρ βαρὺς οὐκ ἐπὶ θήρας
ὄρνυται, ἀλλ' ἐπ' ἐμὴν ἰοβολεῖ κραδίην;
τί πλέον, εἰ θεὸς ἄνδρα καταφλέγει; ἢ τί τὸ σεμνὸν
δηώσας ἀπ' ἐμῆς ἄθλον ἔχει κεφαλῆς;

Odeio esse deus, o Amor: por que não persegue as feras,
ferrenho, em vez de lançar flechas em meu coração?
Se um deus faz um homem arder, que proveito tira daí?
Que soberbo troféu obtém esse que me corta a cabeça?²³

V.24 – Filodemo ou Meleagro

Ψυχὴ μοι προλέγει φεύγειν πόθον Ἥλιοδώρας,
δάκρυα καὶ ζήλους τοὺς πρὶν ἐπισταμένη.
φησὶ μὲν, ἀλλὰ φυγεῖν οὐ μοι σθένος· ἢ γὰρ ἀναιδὴς
αὐτὴ καὶ προλέγει καὶ προλέγουσα φιλεῖ.

Minha alma me adverte para fugir do desejo por Heliadora,
conhecedora que é das lágrimas e ciúmes pregressos.
Ela manda, mas faltam-me forças para fugir. É que a sem-vergonha
não apenas me adverte, mas enquanto adverte, ama-a.^{24 25}

V.29 – Cilactor

Ἀδὸ τὸ βινεῖν ἐστι. τίς οὐ λέγει; ἀλλ' ὅταν αἰτῇ
χαλκόν, πικρότερον γίνεται ἔλλεβόρου.

²³ Ao traduzir este epigrama, tentou-se produzir um ritmo semelhante ao do original: 6 sílabas tônicas nos hexâmetros, e 3+3 com cesura pronunciada nos pentâmetros. Isso foi feito tomando-se como inspiração as ideias de M. C. Grochowski (*Translatio* 11, 98-108, 2016).

²⁴ Nos manuscritos consta o nome de Filodemo como autor do poema. Acredita-se, porém, que a autoria é de Meleagro, tanto pelo estilo como pela referência a Heliadora, personagem recorrente nos epigramas desse poeta. Por outro lado, pode ser que o epigrama seja mesmo de Filodemo, e que este seja um imitador de Meleagro.

²⁵ Outras leituras do texto grego são possíveis para a parte final do poema. O adjetivo grego para “sem-vergonha” (ἀναιδής) poderia referir-se tanto à alma como a Heliadora. Nessa última hipótese, pode-se entender o verbo φιλεῖ ao fim do poema como “beija”:

Minha alma me adverte para fugir do desejo por Heliadora,
conhecedora que é das lágrimas e ciúmes pregressos.
Ela manda, mas faltam-me forças para fugir. É que ela, sem-vergonha,
também me adverte, e enquanto adverte, me beija.

Essa leitura me parece menos provável, já que πόθος (“desejo”) muitas vezes tem um quê de saudade ou nostalgia, sugerindo que a pessoa amada está ausente. Uma terceira leitura pode ser feita admitindo-se a identidade entre Heliadora e a alma do eu-poético. Esse entendimento é sugerido por um fragmento de Meleagro (AP 5.155) em que Heliadora é chamada de “alma de minha alma”.

Transar é bom: quem não concorda? Mas quando pedem grana, fica mais amargo que heléboro.²⁶

V.79 – Platão

Τῷ μίλῳ βάλλω σε· σὺ δ' εἰ μὲν ἐκοῦσα φιλεῖς με,
δεξαμένη τῆς σῆς παρθενίης μετάδος.
εἰ δ' ἄρ', ὃ μὴ γίγνοιτο, νοεῖς, τοῦτ' αὐτὸ λαβοῦσα
σκέψαι τὴν ὥρην ὡς ὀλιγοχρόνιος.

Jogo-te a maçã. Se me amas de bom grado,
aceita-a, e de tua virgindade dá-me um pouco.
Mas se entendes que não poderia ser, pega-a
e repara: como é efêmera a beleza.²⁷

V.80 – Platão

Μῆλον ἐγὼ· βάλλει με φιλῶν σέ τις. ἀλλ' ἐπίνευσον,
Ξανθίππη· κἀγὼ καὶ σὺ μαραινόμεθα.

Sou uma maçã. Alguém que te ama me joga para ti. Aceita,
Xantipa: eu e tu já começamos a murchar.

V.124 – Filodemo

Οὔπω σοι καλύκων γυμνὸν θέρος, οὐδὲ μελαίνει
βότρυς ὁ παρθενίους πρωτοβολῶν χάριτας.
ἀλλ' ἤδη θοὰ τόξα νέοι θήγουσιν Ἑρωτες,
Λυσιδίκη, καὶ πῦρ τύφεται ἐγκρύφιον.
φεύγωμεν, δυσέρωτες, ἕως βέλος οὐκ ἐπὶ νευρῇ·
μάντις ἐγὼ μεγάλης αὐτίκα πυρκαϊῆς.

Teu verão ainda não se pôs a nu, nem estão maduras
as uvas de tuas primeiras graças juvenis:
mas já afiam suas setas os novos Amores,
Lisídica, e um fogo já começa a arder escondido.
Fujamos, infelizes, enquanto a flecha não está no arco!
Profetizo um imenso incêndio muito em breve.

V.158 – Asclepiades

Ἑρμιόνη πιθανῇ ποτ' ἐγὼ συνέπαιζον ἐχούση
ζωνίον ἐξ ἀνθέων ποικίλον, ὃ Παφίη,
χρύσεα γράμματ' ἔχον· “Διόλου,” δ' ἐγέγραπτο, “φίλει με
καὶ μὴ λυπηθῆς, ἦν τις ἔχη μ' ἕτερος.”

²⁶ O heléboro é uma planta tóxica, de sabor extremamente amargo. Era utilizada na Antiguidade para fins medicinais.

²⁷ Entre os antigos gregos, a maçã era uma fruta consagrada a Afrodite, e jogar uma maçã para alguém era uma maneira de declarar o amor por essa pessoa.

Com a dócil Hermíone brinquei. Ela tinha
um cinto pintado com flores, ó Páfia,
e em letras douradas estava escrito: «ama-me por completo,
e não te magoes se alguém mais me tiver.»²⁸

V.169 – Asclepiádes

Ἡδὺ θέρους διψῶντι χιῶν ποτόν, ἡδὺ δὲ ναύταις
ἐκ χειμῶνος ἰδεῖν εἰαρινὸν Στέφανον·
ἦδιον δ', ὅποταν κρύψη μία τοὺς φιλέοντας
χλαῖνα καὶ αἰνῆται Κύπρις ὑπ' ἀμφοτέρων.

Delícia no verão é o sedento tomar neve, e delícia
no inverno é sentir o navegante o zéfiro primaveril.
Mas delícia maior é quando uma mesma coberta esconde
os amantes, e Cípris é louvada por ambos.²⁹

V.170 – Nóssis

Ἄδιον οὐδὲν ἔρωτος· ἅ δ' ὄλβια, δεύτερα πάντα
ἐστίν· ἀπὸ στόματος δ' ἔπτυσσεν καὶ τὸ μέλι.
τοῦτο λέγει Νοσσίς· τίνα δ' ἂν Κύπρις οὐκ ἐφίλησεν,
οὐκ οἶδεν τίνα γ', ἄνθεα ποῖα ῥόδα.

Nada é mais doce que o amor; outras delícias vêm
em segundo lugar. Até mesmo o mel eu cuspi fora.
Isso é Nóssis quem diz. Aquela a quem Cípris não amou,
essa desconhece que flores são as rosas.³⁰

V.173 – Meleagro

Ὅρθρε, τί νῦν, δυσέραστε, βραδὺς περὶ κόσμον ἐλίσση,
ἄλλος ἐπεὶ Δημοῦς θάλπεθ' ὑπὸ χλανίδι;
ἀλλ' ὅτε τὰν ῥαδινὰν κόλποις ἔχον, ὥκως ἐπέστης,
ὥς βάλλον ἐπ' ἐμοὶ φῶς ἐπιχαιρέκακον.

Por que, manhã desamadora, tu agora contornas tão devagar o cosmos,
agora que outro se aquece debaixo do manto da Demó?
Quando eu tinha a esbelta no colo, tu chegavas bem depressa,
só para lançar sobre mim tua maldosa claridade.

V.177 – Meleagro

Κηρύσσω τὸν Ἔρωτα, τὸν ἄγριον· ἄρτι γάρ, ἄρτι
ὀρθρινὸς ἐκ κοίτας ᾗχετ' ἀποπτάμενος.

²⁸ Segundo algumas versões dos mitos, Afrodite nasceu na localidade de Pafos, no Chipre, sendo por isso chamada Páfia.

²⁹ Afrodite é também conhecida como Cípris ou Cípria, apelativo que significa cipriota, pois segundo algumas versões de seu mito ela nasceu no Chipre.

³⁰ As rosas são um símbolo de Afrodite.

ἔστι δ' ὁ παῖς γλυκύδακρυς, αἰλαλος, ὠκύς, ἀθαμβής,
 σιμὰ γελῶν πτερόεις νῶτα, φαρετροφόρος.
 πατὴρ δ' οὐκέτ' ἔχω φράζειν τίνος· οὔτε γὰρ Αἰθήρ,
 οὐ Χθὼν φησι τεκεῖν τὸν θρασύν, οὐ Πέλαγος.
 πάντῃ γὰρ καὶ πᾶσιν ἀπέχθεται. ἀλλ' ἐσορᾷτε
 μή που νῦν ψυχᾷς ἄλλα τίθησι λῖνα.
 καίτοι κείνος, ἰδοῦ, περὶ φωλεόν. οὔ με λέληθας,
 τοξότα, Ζηνοφίλας ὄμμασι κρυπτόμενος.

Procura-se o Amor, esse arisco! Agorinha mesmo
 o madrugador levantou da cama e se foi voando.
 O garoto verte doces lágrimas, tagarela sempre, é ligeiro
 e desassombrado, gozador, tem asas e leva flechas.
 Já não sei dizer quem é seu pai: nem o Céu, nem a Terra,
 e tampouco o Mar admitem ter gerado esse folgado,
 mas com todo mundo e em toda parte faz desafetos. E cuidado,
 que decerto está armando mais arapucas para as almas.
 Ei, olha ali! É ele em sua toca. Tu não me escapaste,
 arqueiro, estou te vendo escondido nos olhos de Zenófila.

V.186 – Posídipo

Μή με δόκει πιθανῶς ἀπατᾶν δακρύοισι, Φιλαινί.
 οἶδα· φιλεῖς γὰρ ὅλως οὐδένα μεῖζον ἐμοῦ,
 τοῦτον ὅσον παρ' ἐμοὶ κέκλισαι χρόνον· εἰ δ' ἕτερός σε
 εἶχε, φιλεῖν ἂν ἔφησ μεῖζον ἐκείνων ἐμοῦ.

Não queiras enganar-me com tuas convincentes lágrimas, Filênis.
 Eu já sei: a ninguém tu amas mais do que a mim.
 Mas isso é só enquanto me deito contigo: se tu estivesses
 com outro, dirias que amas mais a esse do que a mim.

V.189 – Asclepiádes

Νῦξ μακρὴ καὶ χειῖμα, μέσην δ' ἐπὶ Πλειάδα δύνει,
 κἀγὼ πὰρ προθύροις νίσσομαι ὑόμενος,
 τρωθεὶς τῆς δολίης κείνης πόθῳ· οὐ γὰρ ἔρωτα
 Κύπρις, ἀνηρὸν δ' ἐκ πυρὸς ἦκε βέλος.

É inverno, as Plêiades se põem na metade da longa noite.
 Eu caminho junto ao portão, debaixo de chuva,
 ferido de desejo por aquela falsa. Não foi amor
 o que Cípris enviou, mas uma dolorosa seta de fogo.³¹

V.207 – Asclepiádes

Αἰ Σάμιαι Βιττὼ καὶ Νάννιον εἰς Ἀφροδίτης

³¹ A presença das Plêiades no céu noturno demarca o tempo do inverno. No poema, elas têm seu ocaso à meia-noite, e isso significa que o inverno está no auge.

φοιτᾶν τοῖς αὐτῆς οὐκ ἐθέλουσι νόμοις,
εἰς δ' ἕτερ' αὐτομολοῦσιν, ἃ μὴ καλά. δεσπότι Κύπρι,
μίσει τὰς κοίτης τῆς παρὰ σοὶ φυγάδας.

As sâmiás Bitó e Naninha recusam-se a frequentar a casa
de Afrodite da maneira como ela determina,
mas por conta própria vão a outras, nada belas. Execra,
senhora Cípris, essas desertoras de teu leito.

V.219 – Paulo Silenciário

Κλέψωμεν, Ῥοδόπη, τὰ φιλήματα τήν τ' ἐρατεινήν
καὶ περιδηριτὴν Κύπριδος ἐργασίην.
ἦδὺ λαθεῖν φυλάκων τε παναγρέα κανθὸν ἀλύξαι·
φώρα δ' ἀμφοδίῳ λέκτρα μελιχρότερα.

Sejamos furtivos, Ródope, em nossos beijos e nos gostosos
e mui combativos trabalhos de Cípris.
É bom sumir, escapar aos olhos atentos da vigilância:
o leito clandestino é mais doce que o conhecido.

V.232 – Paulo Silenciário

Ἴππομένην φιλέουσα νόον προσέρισα Λεάνδρῳ·
ἐν δὲ Λεανδρείοις χεῖλεσι πηγνυμένη
εἰκόνα τὴν Ξάνθοιο φέρω φρεσί· πλεξαμένη δὲ
Ξάνθον ἐς Ἴππομένην νόστιμον ἦτορ ἄγω.
πάντα τὸν ἐν παλάμῃσιν ἀναίνομαι· ἄλλοτε δ' ἄλλον
αἰὲν ἀμοιβαίοις πῆχεσι δεχνυμένη
ἀφνειὴν Κυθήρειαν ὑπέρχομαι. εἰ δέ τις ἡμῖν
μέμφεται, ἐν πενή μιμνέτω οἰογάμῳ.

Se beijo Hipômenes, minha mente se fixa em Leandro,
e enquanto Leandro me crava seus lábios,
a imagem de Xanto me vem à cabeça; mas se estou abraçada
com Xanto, meu coração sente falta de Hipômenes.
Todo aquele que está em minhas mãos, eu o rejeito. Cada vez
recebo alguém novo e seu diverso abraço, e assim
vou me entregando à generosa Citereia. E se alguém
quiser nos condenar, que permaneça em monogâmica pobreza.³²

V.242 – Eratóstenes Escolástico

Ὡς εἶδον Μελίτην, ὥχρός μ' ἔλε· καὶ γὰρ ἀκοίτη
κείνη ἐφωμάρτει· τοῖα δ' ἔλεξα τρέμων·
“Τοῦ σοῦ ἀνακροῦσαι δύναμαι πλεῶνος ὀχῆας,
δικλίδος ἡμετέρης τὴν βάλανον χαλάσας,

³² Afrodite é também chamada Citéria ou Citereia porque, segundo algumas versões de seu mito, depois de nascer, ela teria passado pela ilha de Citera, junto à costa sul do Peloponeso.

καὶ δισσῶν προθύρων πλαδαρὴν κρηπῖδα περῆσαι,
ἄκρον ἐπιβλήτος μεσσόθι πηξάμενος;”
ἡ δὲ λέγει γελάσασα καὶ ἀνέρα λοξὸν ἰδοῦσα·
“Τῶν προθύρων ἀπέχου, μή σε κύων ὀλέσῃ.”

Quando vi Mérita, empalideci: seu esposo
vinha logo atrás. Disse a ela, trêmulo:
“Você me permite remover a trava de seu portão,
depois de liberada a chaveta de vosso umbral,
para eu meter, naquela parte úmida ao pé da sua porta dupla,
a ponta do ferrolho, pregando-o bem no meio?”
Ela, rindo e olhando de soslaio para o marido:
“Fique longe dessa porta, que o cachorro pode te pegar.”

V.243 – Cônsul Macedônio

Τὴν φιλοπουλυγέλωτα κόρην ἐπὶ νυκτὸς ὀνείρου
εἶχον ἐπισφίγξας πῆχεσιν ἡμετέροις.
πείθετό μοι ζύμπαντα καὶ οὐκ ἀλέγιζεν ἐμεῖο
κύπριδι παντοίῃ σώματος ἀπτομένου.
ἀλλὰ βαρύζηλός τις Ἔρωσ· καὶ νύκτα λοχήσας
ἐξέχεεν φιλίην, ὕπνον ἀποσκεδάσας.
ὥδέ μοι οὐδ' αὐτοῖσιν ἐν ὑπναλέοισιν ὀνείροις
ἄφθονός ἐστιν Ἔρωσ κέρδεος ἡδυγάμου.

Fiquei com aquela risonha garota essa noite, em sonho,
e eu a apertava forte em meus braços.
Ela fazia todas as minhas vontades, e não se importava
por eu possuí-la com meu corpo em todo tipo de Cípris.
Porém um certo Amor, ciumento insuportável, emboscou-se
à noite para frustrar as carícias e espantou o sono.
Eis que até no torpor de meus próprios sonhos
o Amor inveja as benesses que adoçam o casamento.

V.244 – Paulo Silenciário

Μακρὰ φιλεῖ Γαλάτεια καὶ ἔμψοφα, μαλθακὰ Δημό,
Δωρὶς ὀδακτίζει. τίς πλέον ἐξερέθει;
οὔατα μὴ κρίνωσι φιλήματα· γευσάμενοι δὲ
τρηχαλέων στομάτων ψῆφον ἐποισόμεθα.
ἐπλάγχθης, κραδίη· τὰ φιλήματα μαλθακὰ Δημοῦς
ἔγνωσ καὶ δροσερῶν ἡδὺ μέλι στομάτων·
μῖμν' ἐπὶ τοῖς· ἀδέκαστον ἔχει στέφος. εἰ δέ τις ἄλλη
τέρπεται, ἐκ Δημοῦς ἡμέας οὐκ ἐρύσει.

Galateia beija longamente e com estalo, Demó tem beijos suaves,
e Dóris dá mordidinhas. Quem provoca mais?
Não julguem os ouvidos os beijos. Depois de três vezes
saborear as bocas, lançaremos nosso voto.
Ficaste confuso, coração. Que são suaves os beijos de Demó,

tu o percebeste, e também o doce mel dessa boca úmida.
Permanece ali: o peito os escolhe sem suborno. Se alguém
se delicia com outra, nem por isso nos afasta de Demó.

V.253 – Irineu Referendário

Τίπτε πέδον, Χρύσιλλα, κάτω νεύουσα δοκεύεις
καὶ ζώνην παλάμαις οἷά περ ἀκρολυτεῖς;
αἰδῶς νόσφι πέλει τῆς Κύπριδος· εἰ δ' ἄρα σιγᾷς,
νεύματι τὴν Παφίην δεῖξον ὑπερχομένη.

Por que, Crisila, inclinas a cabeça e olhas para o piso,
e, com o cinto nas mãos, meio que desatas suas pontas?
A vergonha mora longe de Cípris: por isso, se nada falas,
demonstra com um gesto que tu te entregas à Páfia.

Como citar este texto (ABNT):

Laschuk, E. Antologia grega de Eduardo Laschuk. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 31-37, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE JOÃO VICTOR KUHN

João Victor Kuhn

Livro VII

VII.11 – Asclepiades

Ὁ γλυκὺς Ἡρίνης οὗτος πόνος, οὐχὶ πολὺς μὲν,
ὥς ἂν παρθενικᾷς ἐννεακαιδεκέτευσ,
ἀλλ' ἐτέρων πολλῶν δυνατώτερος· εἰ δ' Αἶδας μοι
μὴ ταχὺς ἦλθε, τίς ἂν ταλίκον ἔσχ' ὄνομα;

Este é o doce trabalho de Erina, de fato não é muito,
sendo de uma moça de dezenove anos,
mas mais poderoso que os de muitos outros. Se Hades
não tivesse vindo ligeiro para mim, quem teria um nome como [o meu]?

VII.16 – Pinito

Ὅστέα μὲν καὶ κωφὸν ἔχει τάφος οὖνομα Σαπροῦς·
αἱ δὲ σοφαὶ κείνης ῥήσιες ἀθάνατοι.

O túmulo contém os ossos e o nome surdo
de Safo: mas os sábios dizeres dela são imortais.

VII.108 – Diógenes Laércio

Καὶ πῶς, εἰ μὴ Φοῖβος ἂν' Ἑλλάδα φύσε Πλάτωνα,
ψυχὰς ἀνθρώπων γράμμασιν ἠκέσατο;
καὶ γὰρ ὁ τοῦδε γεγὼς Ἀσκληπιὸς ἐστὶν ἱητὴρ
σώματος ὡς ψυχῆς ἀθανάτοιο Πλάτων.

Se Febo não tivesse gerado Platão na Grécia,
como teria curado pelas letras as almas dos homens?
Pois Asclépio foi gerado como curandeiro
do corpo, como Platão da alma imortal.

VII.376 – Crinágoras

Δεῖλαιοι, τί κεναῖσιν ἀλώμεθα θαρσήσαντες
ἐλπίσιν, ἀτηροῦ ληθόμενοι θανάτου;
ἦν ὁδε καὶ μύθοισι καὶ ἥθεσι πάντα Σέλευκος
ἄρτιος, ἀλλ' ἥβης βαιὸν ἐπαυρόμενος
ὑστατίοις ἐν Ἰβηρσι, τόσον δίχα τηλόθι Λέσβου
κεῖται ἀμετρήτων ξεῖνος ἐπ' αἰγιαλῶν.

Infelizes, por que vagamos confiantes em esperanças
vazias, esquecidos da morte funesta?

Havia esse Seleuco, perfeito em todas as palavras e em todo o caráter;
mas, pouco tendo aproveitado a juventude,
nos confins da Ibéria, afastado e distante de Lesbos,

jaz como estrangeiro sobre costas inexploradas.

Livro VIII

VIII.158 – Gregório de Nazianzo [Sobre Naucrácio, irmão de Basílio, o Grande]

Ναυκράτιος πλεκτοῖο λίνου δεσμοῖσιν ἐλυσθεῖς
δεσμῶν τοῦδε βίου ἐξ ἀλῆς ἐλύθη.

Naucrácio, enrolado às ligas da rede tortuosa,
foi libertado das ligas dessa vida pela pesca.

VIII.233 – Gregório de Nazianzo [Contra os violadores de túmulos]

Τίπτε μ' ἀνοχλίζεις; νεκύων ἀμενηνὰ κάρηνα
μοῦνα φέρω· τύμβων ὅστέα πλοῦτος ἅπας.

Por que me tiras do chão? Levo apenas fugidias cabeças de mortos:
os ossos são toda a riqueza dos túmulos.

Livro IX

IX.7 – Júlio Polieno

Εἰ καὶ σευ πολύφωνος ἀεὶ πίμπλησιν ἀκουὰς
ἢ φόβος εὐχομένων ἢ χάρις εὐξαμένων,
Ζεῦ Σχερίης ἐφέπων ἱερὸν πέδον, ἀλλὰ καὶ ἡμέων
κλῦθι καὶ ἀψευδεῖ νεῦσον ὑποσχεσίῃ,
ἤδη μοι ξενίης εἶναι πέρας, ἐν δέ με πάτρη
ζῶειν τῶν δολιχῶν παυσάμενον καμάτων.

Ainda que, em muitos tons, sempre encham teus ouvidos
quer o temor dos que rogam, quer a gratidão dos que rogaram,
Zeus, que reges a sagrada terra de Esquéria, ainda assim,
escuta também de mim, e concede com sincera promessa
que já venha a termo meu exílio, e que na pátria
eu habite, tendo posto fim aos extensos trabalhos.

IX.24 – Leônidas de Tarento

Ἄστρα μὲν ἡμαύρωσε καὶ ἱερὰ κύκλα σελήνης
ἄξονα δινήσας ἔμπυρος ἡέλιος·
ὑμνοπόλους δ' ἀγελήδον ἀπημάλδυνεν Ὅμηρος
λαμπρότατον Μουσῶν φέγγος ἀνασχόμενος.

O sol flamejante, girando em seu curso,
apaga as estrelas e os sagrados ciclos da lua;
Homero, erguendo o facho mais radiante das musas,
apaga cantores aos rebanhos.

IX.101 – Alfeu de Mitilene

Ἡρώων ὀλίγαι μὲν ἐν ὄμμασιν, αἱ δ' ἔτι λοιπαὶ
πατρίδες οὐ πολλῶ γ' αἰπύτεραι πεδίων·
οἷν καὶ σέ, τάλαινα, παρερχόμενός γε Μυκῆνην
ἔγνων αἰγιαλοῦ παντὸς ἐρημοτέρην,
αἰπολικὸν μῆνυμα· γέρων δέ τις· “Ἡ πολύχρυσος,”
εἶπεν, “Κυκλώπων τῇδ' ἐπέκειτο πόλις.

Poucas são as pátrias de heróis ainda à vista;
as remanescentes não são muito mais altas que o chão.
Assim também, infeliz Micenas, ao passar,
te reconheci, mais devastada que qualquer pasto de bodes.
O rebanho de bodes é que indica, e um velho me disse:
“A cidade dos ciclopes, repleta de ouro, ficava aqui.”

IX.112 – Antípatro de Tessalônica

Τρὶς δέκα με πνεύσειν καὶ δις τρία μάντιες ἄστρον
φασίν, ἐμοὶ δ' ἄρκεϊ καὶ δεκάς ἢ τριτάτη·
τοῦτο γὰρ ἀνθρώποις βιοτῆς ὄρος· οἱ δ' ἐπὶ τούτοις
Νέστορι, καὶ Νέστωρ δ' ἦλυθεν εἰς Αἴδην.

Três vezes dez e duas vezes três disseram os adivinhos dos astros
que eu viveria, mas me basta o terço de décadas.
Pois esse é o limite da vida dos homens. O para além disso
fica a Nestor: e Nestor também foi ao Hades.

IX.603 – Antípatro

Πέντε Διωνύσοιο θεραπνίδες αἶδε Σαώτεω
ἐντύνουσι θοᾶς ἔργα χοροστασίης·
ἃ μὲν ἀερτάζουσα δέμας βλοσυροῖο λέοντος,
ἃ δὲ Λυκαόνιον καλλίκερων ἔλαφον,
ἃ τριτάτα δ' οἰωνὸν εὐπτερον, ἃ δὲ τετάρτα
τύμπανον, ἃ πέμπτα χαλκοβαρεὲς κρόταλον·
πᾶσαι φοιταλέαι τε παρηόριόν τε νόημα
ἐκπλαγέες λύσσα δαίμονος εὐιάδι.

Essas cinco moças de Dioniso Salvador
preparam os trabalhos da dança ligeira:
uma erguendo o corpo de um leão cabeludo;
outra, um cervo árcade de belos chifres;
a terceira, um pássaro de belas penas; a quarta,
um tímpano; a quinta, um pesado crótalo de bronze.
Todas estão enfurecidas, o pensamento perturbado,
enlouquecidas pela fúria báquica do deus.

Livro X

X.100 – Antífano

Ἀνθρώποις ὀλίγος μὲν ὁ πᾶς χρόνος, ὃν ποτε δειλοὶ
ζῶμεν, κῆν πολὺν γῆρας ἅπασι μένη·
τῆς δ' ἀκμῆς καὶ μᾶλλον. ὅτ' οὖν χρόνος ὥριος ἡμῖν,
πάντα χύδην ἔστω, ψαλμός, ἔρως, προπόσεις.
χειμῶν τοῦντεῦθεν γήρως βαρὺς· οὐδὲ δέκα μνῶν
στύσεις· τοιαύτη σ' ἐκδέχεται ὀρχιπέδη.

Para os homens seria pouco todo o tempo em que, infelizes,
vivemos, ainda que a velhice cinzenta esperasse por todos:
o tempo do apogeu, ainda menor. Então, quando o tempo nos é maduro,
que tudo venha torrencialmente, a música, o amor, a bebida.
O inverno da velhice, após isso, é pesado: nem por dez dracmas
ficarás ereto, tamanha a impotência a te restringir.

Livro XIII

XIII.7 – Calímaco

Ὁ Λύκτιος Μενίτας
τὰ τόξα ταῦτ' ἐπειπὼν
ἔθηκε· “Τῇ, κέρας τοι
δίδωμι καὶ φαρέτρην,
Σάραπι· τοὺς δ' ὀιστοὺς
ἔχουσιν Ἑσπερίται.”

Menitas de Licto pôs o arco declarando o seguinte:
“aqui, dou-te um arco e uma aljava,
Serápis: os homens de Hespéria têm as flechas”.

Como citar este texto (ABNT):

Kuhn, J. V. Antologia grega de João Victor Kuhn. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 38-41, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE BARACAT JÚNIOR

José C. Baracat Júnior

Livro V

V.131 – Filodemo

Ψαλμὸς καὶ λαλιὴ καὶ κωτίλον ὄμμα καὶ ὥδῃ
Ξανθίππης καὶ πῦρ ἄρτι καταρχόμενον,
ὦ ψυχὴ, φλέξει σε· τὸ δ' ἐκ τίνος ἢ πότε καὶ πῶς
οὐκ οἶδα· γνώση, δύσμορε, τυφομένη.

O dedilhado a fala os olhos tagarelas o canto
o fogo de recém-ignição de Xantipa
- ai, minh'alma! – irão te flambar: por quê? quando? como?
não sei: mas tu saberás, malfadada, quando fumegares.

V.134 – Posidipo

Κεκροπί, ῥαῖνε, λάγυνε, πολύδροσον ικμάδα Βάκχου,
ῥαῖνε, δροσιζέσθω συμβολικὴ πρόποσις.
σιγάσθω Ζήνων ὁ σοφὸς κύκνος ἃ τε Κλεάνθους
μοῦσα· μέλοι δ' ἡμῖν ὁ γλυκύπικρος Ἔρως.

Jorra, jarro cecrópida, o rociosíssimo sangue de Baco,
jorra! seja rocioso o brinde costumeiro.
Calem-se o sábio cisne Zenão e a Musa de Cleantes:
queremos apenas o agridoce Eros!

V.135 – Anônimo

Στρογγύλη, εὐτόρνευτε, μονούατε, μακροτράχηλε,
ὕψαύχην στεινῶ φθεγγομένη στόματι,
Βάκχου καὶ Μουσέων ἰλαρὴ λάτρι καὶ Κυθερείης,
ἡδύγελως, τερπνὴ συμβολικῶν ταμίη,
τίφθ', ὅποταν νήφω, μεθύεις σύ μοι, ἦν δὲ μεθυσθῶ,
ἐκνήφεις; ἀδικεῖς συμποτικὴν φιλήν.

Redondinha, torneadinha, com uma asinha, pescoço
altão, balbuciando com tua boquinha pequeninha,
aia gracinha de Baco e das Musas e de Citérea,
riso doce, deliciosa dispenseira da nossa turma,
por que é que, se estou sóbrio, estás ébria, e se o ébrio sou,
voltas a estar sóbria? Tu desrespeitas os bons modos da bebedeira!

V.136 – Meleagro

Ἔγχει καὶ πάλιν εἰπέ, πάλιν, πάλιν “Ἡλιοδώρας”·
εἰπέ, σὺ δ' ἀκρήτω τὸ γλυκὺ μίσγ' ὄνομα·
καὶ μοι τὸν βρεχθέντα μύροις, καὶ χθιζὸν ἔοντα,

μναμόσυνον κείνας ἀμφιτίθει στέφανον.
δακρύει φιλέραστον, ἰδοῦ, ῥόδον, οὔνεκα κείναν
ἄλλοθι κού κόλποις ἀμετέροις ἐσορᾷ.

Um brinde! e diz de novo e de novo e de novo: “a Heliodora”;
diz, e mistura esse nome doce com vinho puro;
e me passa a coroa banhada em perfume que,
mesmo sendo de ontem, dela me alembra.
Em prantos está, olha, a rosa amante dos amantes,
porque a vê alhures e não na nossa alcova.

V.137 – Meleagro

Ἔγχει τᾷς Πειθοῦς καὶ Κύπριδος Ἥλιοδώρας
καὶ πάλι τᾷς αὐτᾷς ἀδολόγου Χάριτος.
αὐτὰ γὰρ μί' ἐμοὶ γράφεται θεός, ἅς τὸ ποθεινὸν
οὔνομ' ἐν ἀκρήτῳ συγκεράσας πίομαι.

Um brinde a Heliodora Peitó e a Heliodora Cípria,
e mais um a ela mesma, a Graça de língua doce.
Ela é para mim deusa única: seu excitante
nome ao vinho puro misturo e bebo.

V.139 – Meleagro

Ἀδὸν μέλος, ναὶ Πᾶνα τὸν Ἀρκάδα, πηκτίδι μέλπεις,
Ζηνοφίλα, ναὶ Πᾶν', ἀδὸν κρέκεις τι μέλος.
ποῖ σε φύγω; πάντη με περιστείχουσιν Ἔρωτες,
οὐδ' ὅσον ἀμπνεῦσαι βαιὸν ἐῷσι χρόνον.
ἦ γάρ μοι μορφὰ βάλλει πόθον ἢ πάλι μοῦσα
ἦ χάρις ἦ – τί λέγω; πάντα· πυρὶ φλέγομαι.

Doce canção – sim, por Pã arcádio! – tocas com a lira,
Zenófila – sim, por Pã! –, tanges uma doce canção.
Como fujo de ti? Me cercam por todos os lados os Eroles,
e sequer me dão um segundinho para respirar.
Ai, ou é a beleza que dá tesão, ou a musa,
ou a graça, ou... – que digo? todas! estou pegando fogo!

V.140 – Meleagro

Ἦδυμελεῖς Μοῦσαι σὺν πηκτίδι καὶ Λόγος ἔμφρων
σὺν Πειθοῖ καὶ Ἔρωι Κάλλος ὑφηνιοχῶν,
Ζηνοφίλα, σοὶ σκῆπτρα Πόθων ἀπένειμαν, ἐπεὶ σοὶ
αἱ τρισαὶ Χάριτες τρεῖς ἔδωσαν χάριτας.

As doce-melodiosas Musas e sua lira, o Discurso sensato
com Peitó, e Eros condutor de Beleza,
Zenófila, te concederam o cetro dos Desejos: a ti
as três Graças deram três graças.

V.141 – Meleagro

Ναὶ τὸν Ἔρωτα, θέλω τὸ παρ' οὔασιν Ἥλιοδώρας
φθέγμα κλύειν ἢ τᾶς Λατοΐδεω κιθάρας.

Por Eros! Sou mais o sussurro de Heliadora
do que a cítara do filho de Leto nos meus ouvidos!

V.146 – Calímaco

Τέσσαρες αἱ Χάριτες· ποτὶ γὰρ μία ταῖς τρισὶ κείναις
ἄρτι ποτεπλάσθη κῆτι μύροισι νοτεῖ.
εὐαίων ἐν πᾶσιν ἀρίζαλος Βερενίκα,
ᾗς ἄτερ οὐδ' αὐταὶ ταὶ Χάριτες Χάριτες.

Quatro são as Graças: pois além das três, há mais uma,
recém plasmada e ainda garoando perfume:
a mais que todas feliz afortunada Berenice,
sem a qual nem seriam Graças as Graças.

V.147 – Meleagro

Πλέξω λευκόιον, πλέξω δ' ἀπαλὴν ἄμα μύρτοις
νάρκισσον, πλέξω καὶ τὰ γελῶντα κρίνα,
πλέξω καὶ κρόκον ἡδύν· ἐπιπλέξω δ' ὑάκινθον
πορφυρέην, πλέξω καὶ φιλέραστα ῥόδα,
ὥς ἂν ἐπὶ κροτάφοις μυροβοστρύχου Ἥλιοδώρας
εὐπλόκαμον χαίτην ἀνθοβολῇ στέφανος.

Vou plantar violetas brancas,
vou plantar com o mirto o suave narciso,
vou plantar também os ridentes lírios,
vou plantar ainda o prazenteiro croco;
vou plantar depois um jacinto roxinho,
e vou plantar a rosa que amiga dos amantes:
assim,
ao redor das tēmporas,
uma coroa vai florear as madeixas cheias de cachos fofos
da minha Heliadora de mechas cheirosas.

V.148 – Meleagro

Φαμί ποτ' ἐν μύθοις τὰν εὐλαλὸν Ἥλιοδώραν
νικάσιν αὐτὰς τὰς Χάριτας χάρισιν.

Afianço que um dia os mitos contarão:
vence Heliadora língua-doce,
por suas graças, às próprias Graças.

V.149 – Meleagro

Τίς μοι Ζηνοφίλαν λαλιὰν παρέδειξεν ἑταίραν;
τίς μίαν ἐκ τρισσῶν ἤγαγέ μοι Χάρिता;
ἄρ' ἐτύμως ἀνὴρ κεχαρισμένον ἄνυσεν ἔργον
δῶρα διδοὺς καὐτὰν τὰν Χάριν ἐν χάριτι.

Quem me mostrou Zenófila, minha putinha tagarela?
Quem me trouxe uma das três Graças?
Foi um cara – verdadeiramente! – gracioso,
ele me agraciou com essa benesse:
a própria Graça para a minha graça!

Livro VII

VII.317 – Calímaco

Τίμων (οὐ γὰρ ἔτ' ἐσσί), τί τοι, σκότος ἢ φάος, ἐχθρόν;
‘τὸ σκότος’ ὑμέων γὰρ πλείονες εἰν Ἀΐδη

“Tímon (pois já não vives): treva ou luz odeias?”
“Treva: mais numerosos sois no Hades”.

VII.318 – Calímaco

Μὴ χαίρειν εἵπης με, κακὸν κέαρ, ἀλλὰ πάρελθε·
ἴσον ἐμοὶ χαίρειν ἐστὶ τὸ μὴ σέ πελᾶν³³.

Não me digas “olá”, cancro-cor, vade retro:
“Olá” p'ra mim é ver-te pelas costas.

VII.525 – Calímaco

Ὅστις ἐμὸν παρὰ σῆμα φέρεις πόδα, Καλλιμάχου με
ἴσθι Κυρηναίου παῖδά τε καὶ γενέτην.
εἰδείης δ' ἄμφω κεν· ὁ μὲν κοτε πατρίδος ὄπλων
ἤρξεν, ὁ δ' ἤεισεν κρέσσονα βασκανίης
οὐ νέμεσις· Μοῦσαι γὰρ ὅσους ἴδον ὄμματι παῖδας
ἄχρι βίου πολιοῦς οὐκ ἀπέθεντο φίλους.

Tu que por minha tumba andas, eu de Calímaco,
sabe, sou filho e pai – Cirene é a terra.
Conheces ambos: um de exércitos da pátria
chefe; poeta além de inveja o outro.
Justo: pois, quando zelum Musas por criança,
são-lhe amigas até tornar-se gris.

³³ Lê-se πελᾶν, proposto por Jacobs, em vez de γελᾶν, presente nos manuscritos.

Como citar este texto (ABNT):

BARACAT JR., J. C. Antologia grega de José Carlos Baracat Júnior. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 42-45, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE LEONARDO ANTUNES

Leonardo Antunes

Livro V

V.128 – Marco Argentário

Στέρνα περὶ στέρνοις, μαστῶ δ' ἔπι μαστὸν ἐρείσας
χείλεά τε γλυκεροῖς χεῖλεσι συμπίεσας
Ἀντιγόνης καὶ χρῶτα λαβὼν πρὸς χρῶτα, τὰ λοιπὰ
σιγῶ, μάρτυς ἐφ' οἷς λύχνος ἐπεγράφετο.

Torso se envolve com torso. Num peito outro peito se inclina.
Lábios com força se põem sobre os mais dulcídios lábios.
Carne se agarra na carne de Antígona. Quanto ao restante,
calo, mas um lampião foi testemunha de tudo.

Livro VII

VII.8 – Antípatro de Sídōn

Οὐκέτι θελγομένας, Ὀρφεῦ, δρύας, οὐκέτι πέτρας
ἄξεις, οὐ θηρῶν αὐτονόμους ἀγέλας·
οὐκέτι κοιμάσεις ἀνέμων βρόμον, οὐχὶ χάλαζαν,
οὐ νιφετῶν συρμούς, οὐ παταγεῦσαν ἄλα.
ὦλεο γάρ· σὲ δὲ πολλὰ κατωδύραντο θύγατρες
Μναμοσύνας, μάτηρ δ' ἔξοχα Καλλιόπα.
τί φθιμένοις στοναχεῦμεν ἐφ' υἰάσιν, ἀνίκ' ἀλαλκεῖν
τῶν παίδων Αἶδαν οὐδὲ θεοῖς δύναμις.

Não mais, Orfeu, encantadas as árvores, não mais as pedras,
conduzirás nunca mais bandos de feras selvagens.
Não ninarás nunca mais a rajada dos ventos, geadas,
neve escorrente não mais, mar ressonante não mais,
pois pereceste e por ti longamente choraram as filhas
de Mnemosine, e tua mãe, mais do que todas, Calíope.
Qual a razão de chorarmos os filhos que morrem se a salvo
do Hades os filhos estão nunca nem mesmo aos divinos?

VII.9 – Damágeto

Ὀρφέα Θρηκίῃσι παρὰ προμολῆσιν Ὀλύμπου
τύμβος ἔχει, Μούσης υἰέα Καλλιόπης,
ὃ δρύες οὐκ ἀπίθησαν, ὅτῳ συνάμ' ἔσπετο πέτρη
ἄψυχος θηρῶν θ' ὑλονόμων ἀγέλα,
ὅς ποτε καὶ τελετὰς μυστηρίδας εὔρετο Βάκχου
καὶ στίχον ἡρώω ζευκτὸν ἔτευξε ποδί,
ὅς καὶ ἀμειλίκτοιο βαρὺ Κλυμένοιο νόημα
καὶ τὸν ἀκήλητον θυμὸν ἔθελξε λύρα.

Junto das trácias encostas do Olimpo aqui encontra-se Orfeu,
 que este sepulcro retém. Filho da musa Calíope,
 árvores o obedeciam; seguiam-no, junto das pedras
 inanimadas, também bandos de feras silvestres;
 ele que então descobriu os mistérios do culto de Baco
 e por primeiro compôs verso em heroica cadência;
 ele que à lira encantou até mesmo o pesado sentido
 do impiedoso senhor de coração resistente.

VII.10 – Damágeto

Καλλιόπης Ὀρφῆα καὶ Οἰάγροιο θανόντα
 ἔκλαυσαν ξανθαὶ μυρία Βιστονίδες,
 στικτοὺς δ' ἡμάξαντο βραχίονας, ἀμφὶ μελαίνῃ
 δευόμεναι σποδιῇ Θρηίκιον πλόκαμον·
 καὶ δ' αὐταὶ στοναχεῦντι σὺν εὐφόρμιγγι Λυκείῳ
 ἔρρηξαν Μοῦσαι δάκρυα Πιερίδες
 μυρόμεναι τὸν ἀοιδόν· ἐπωδύραντο δὲ πέτραι
 καὶ δρύες, ἃς ἐρατῇ τὸ πρὶν ἔθελγε λύρη.

Morto o nascido de Eagro e de Calíope, Orfeu,
 lágrimas muitas, dez mil, loiras bistônias choraram
 e recobriram com sangue seus braços tatuados, tingindo
 com negras cinzas também os seus cabelos da Trácia.
 Mesmo as piéridas musas verteram-lhe lágrimas junto
 do bom lirista Liceu, que soluçava por ele,
 todas chorando o cantor. E gemiam por ele rochedos
 e árvores que ele encantou com sua lira amorável.

VII.14 – Antípatro de Sídôn

Σαπφῷ τοι κεῦθεις, χθὼν Αἰολί, τὰν μετὰ Μούσαις
 ἀθανάταις θανάτην Μοῦσαν ἀειδομένην,
 ἂν Κύπρις καὶ Ἑρως συνάμ' ἔτραφον, ἃς μέτα Πειθῷ
 ἔπλεκ' ἀείζων Πιερίδων στέφανον,
 Ἑλλάδι μὲν τέρψιν, σοὶ δὲ κλέος, ὃ τριέλικτον
 Μοῖραι δινεῦσαι νῆμα κατ' ἡλακάτας,
 πῶς οὐκ ἐκλώσασθε πανάφθιτον ἦμαρ ἀοιδῶ
 ἄφθιτα μετσαμένῃ δῶρ' Ἑλικωνιάδων;

Safo recobres, ó terra da Eólia, que em meio às eternas
 Musas, qual Musa mortal, é celebrada em canção;
 que Eros e Cípris, conjuntos, criaram; a quem Persuasão
 um sempiterno laurel entreteceu das Piéridas;
 à Hélade, uma alegria e, a ti, uma glória; ó Moiras,
 vós que na roca teceis tríplice fuso de fios,
 como não entretecestes um dia incorrupto à cantora
 que às Helicônidas fez dom incorrupto em canção?

VII.17 – Túlio Láurea

Αιολικὸν παρὰ τύμβον ἰὼν, ξένε, μή με θανοῦσαν
τὰν Μιτυληναίαν ἔννεπ' αἰδοπόλον·
τόνδε γὰρ ἀνθρώπων ἔκαμον χέρρες, ἔργα δὲ φωτῶν
ἐς ταχινὴν ἔρρει τοιάδε ληθεδόνα.
ἦν δέ με Μουσάων ἐτάσης χάριν, ὣν ἀφ' ἐκάστης
δαίμονος ἄνθος ἐμῇ θῆκα παρ' ἐννεάδι,
γνώσεται, ὡς Αἰδεω σκότον ἔκφυγον οὐδέ τις ἔσται
τῆς λυρικῆς Σαπφοῦς νώνυμος ἡέλιος.

Vindo por túmulo eólio, estrangeiro, dizer que estou morta,
a mitilênia, jamais deves, da compositora,
pois mãos humanas aqui o puseram, e os feitos dos homens,
rapidamente se vão, como este aqui, ao oblívio.
Mas, se julgar-me na graça das Musas, às quais, cada qual,
eu coloquei uma flor junto das nove que tenho,
tu saberás que fugi das tenebras do Hades, e nunca
há de raiar sem dizer Safo, a poeta, algum sol.

VII.18 – Antípatro de Tessalônica

Ἀνέρα μὴ πέτρη τεκμαίρεο· λιτὸς ὁ τύμβος
ὀφθῆναι, μεγάλου δ' ὀστέα φωτὸς ἔχει.
εἰδήσεις Ἀλκμᾶνα, λύρης ἐλατῆρα Λακαίνης
ἔξοχον, ὃν Μουσέων ἐννέ' ἀριθμὸς ἔχει.
κεῖται δ' ἡπείροις διδύμαις ἔρις, εἴθ' ὃ γε Λυδὸς
εἵτε Λάκων. πολλαὶ μητέρες ὕμνοπόλων.

O homem por meio da pedra não julgues: a tumba é pequena
de se mirar, mas contém ossos de um grande varão.
Álcman reconhecerás, o piloto da lira espartana,
ínclito, nono cantor, como são nonas as Musas.
Jaz como rusga entre dois continentes: se fora ele lídio
ou espartano. Têm mães múltiplas esses hinistas.

VII.19 – Leônidas de Tarento

τὸν χαρίεντ' Ἀλκμᾶνα, τὸν ὕμνητῆρ' ὕμεναίων
κύκνον, τὸν Μουσέων ἄξια μελψάμενον,
τύμβος ἔχει, Σπάρτας μεγάλην χάριν, ἐνθ' ὃ γε Λυδὸς
ἄχθος ἀπορρίψας οἴχεται εἰς Αἶδαν.

Álcman repleto de graça, hineando himeneus como fosse
cisne, com uma canção digna até mesmo das Musas,
tem este túmulo, graça gigante de Esparta, em que o lídio,
livre do fardo por fim, pôde partir para o Hades.

VII.75 – Antípatro de Tessalônica

Στασίχορον, ζαπληθὲς ἀμέτρητον στόμα Μούσης,
ἐκτέρισεν Κατάνας αἰθαλόεν δάπεδον,
οὔ, κατὰ Πυθαγόρεω φυσικὰν φάτιν, ἅ πρὶν Ὀμήρου
ψυχὰ ἐνὶ στέρνοις δεύτερον ᾠκίσσατο.

Eis que Estesícoro, voz sem limites e plena das Musas
foi sepultado no chão fuliginoso em Catana.
Nele, segundo o que disse Pitágoras da natureza,
a alma de Homero encontrou sua segunda morada.

VII.89 – Calímaco

Ξεῖνος Ἀταρνεΐτης τις ἀνείρετο Πιττακὸν οὕτω
τὸν Μιτυληναῖον, παῖδα τὸν Ὑρράδιον·
“Ἄττα γέρον, δοιὸς με καλεῖ γάμος· ἡ μία μὲν δὴ
νύμφη καὶ πλούτῳ καὶ γενεῇ κατ' ἐμέ,
ἢ δ' ἐτέρη προβέβηκε. τί λώιον; εἰ δ' ἄγε, σὺ μοι
βούλευσον, ποτέρην εἰς ὑμέναιον ἄγω.”
εἶπεν· ὁ δὲ σκίπωνα, γεροντικὸν ὄπλον, ἀείρας·
“Ἡνίδε, κεῖνοί σοι πᾶν ἐρέουσιν ἔπος
(οἱ δ' ἄρ' ὑπὸ πληγῇσι θαῶς βέμβικας ἔχοντες
ἔστρεφον εὐρείῃ παῖδες ἐνὶ τριόδῳ),
κείνων ἔρχεο”, φησί, “μετ' ἵχνια.” χῶ μὲν ἐπέστη
πλησίον· οἱ δ' ἔλεγον· “Τὴν κατὰ σαυτὸν ἔλα.”
ταῦτ' αἶων ὁ ξεῖνος ἐφείσατο μείζονος οἴκου
δράξασθαι, παίδων κληδὸνα συνθέμενος.
τὴν δ' ὀλίγην ὥς κεῖνος ἐς οἶκον ἐπήγετο νύμφην,
οὕτω καὶ σύ γ' ἰὼν τὴν κατὰ σαυτὸν ἔλα.

Certo estrangeiro, Atarnites, a Pítaco assim inquiriu,
ao mitilênio varão, filho nascido de Hirrádio:
“Pai venerando, convocam-me dúplices bodas. De um lado,
noiva de mesmo valor e nascimento quanto eu.
A outra, contudo, supera-me. Qual escolher? Vem comigo.
Dá-me um conselho de qual devo levar ao himeneu.”
Disse-lhe; e o rei, tendo erguido seu cetro, armamento vetusto:
“Eis! Os meninos ali tudo te irão declarar.”
Esses por meio de golpes, velozes piões carregando,
num cruzamento de três amplas estradas, giravam.
“Segue”, falou, “as pegadas daqueles.” Então, colocou-se
perto. Falavam assim: “Vai por aquela que é tua!”
Quando o escutou, o estrangeiro poupou de uma casa maior
arrebatar, por ouvir as predições dos meninos.
Tal como aquele levou para a casa uma noiva pequena,
Díon, assim tu também: vai por aquela que é tua.

VII.159 – Nicarco

Ὅρφευς μὲν κιθάρα πλεῖστον γέρας εἴλετο θνητῶν,
Νέστωρ δὲ γλώσσης ἡδυλόγου σοφίῃ,
τεκτοσύνη δ' ἐπέων πολυίστωρ θεῖος Ὅμηρος,
Τηλεφάνης δ' αὐλοῖς, οὗ τάφος ἐστὶν ὁδε.

Com sua cítara Orfeu teve o prêmio maior dentre os homens;
com a perícia Nestor, de uma dulcíloqua língua;
na arquitetura dos verbos, Homero, divino erudito;
no aulo, Teléfanos, que tem para si esta tumba.

VII.709 – Alexandre da Etólia

Σάρδιες, ἀρχαῖος πατέρων νομός, εἰ μὲν ὑμῖν
ἐτρεφόμεν, κέρνας ἦν τις ἂν ἡ βακέλας
χρυσόφορος ῥήσων λάλα τύμπανα, νῦν δέ μοι Ἀλκμάν
οὔνομα καὶ Σπάρτας εἰμὶ πολυτρίποδος,
καὶ Μούσας ἐδάην Ἑλικωνίδας αἶ με τυράννων
θῆκαν Κανδαύλεω μείζονα καὶ Γύγεω.

Sardes, antigo cantão dos meus pais, se entre vós eu crescera
hoje seria talvez clérigo baixo ou eunuco,
todo coberto com ouro, tocando um tambor, mas sou Alcman:
é para Esparta que sou, pólis de trípodes várias;
sou sabedor de helicônidas Musas que a mim, dentre reis,
já me fizeram maior do que Candaules ou Gíges.

Livro IX

IX.239 – Crinágoras

βύβλων ἡ γλυκερὴ λυρικῶν ἐν τεύχεϊ τῷδε
πεντὰς ἀμιμήτων ἔργα φέρει χαρίτων.
† Ἀνακρεῖοντος, ὃς ὁ Τήιος ἡδὺς πρέσβυς
ἔγραψεν ἡ παρ' οἶνον ἡ σὺν ἱμέροις †.
δῶρον δ' εἰς ἱερὴν Ἀντωνίῃ ἤκομεν ἡῶ
κάλλευς καὶ πραπίδων ἔξοχ' ἐνεγκαμένη.

Vem nesta caixa um quinteto de livros de lírica amáveis
com os trabalhos sem par, inimitáveis na graça,
de Anacreonte, que o velho agradável de Teos escreveu
junto do vinho ou então sob a instrução dos Desejos.
Como um presente, viemos pro dia sagrado de Antónia,
cuja beleza e saber vão muito além dos demais.

IX.441 – Paladas de Alexandria

Τὸν Διὸς ἐν τριόδοισιν ἐθαύμασα χάλκεον νῆα,
τὸν πρὶν ἐν εὐχολαῖς, νῦν παραριπτόμενον.

ὀχθήσας δ' ἄρ' ἔειπον· “Ἀλεξίκακε τρισέληνε,
μηδέποθ' ἡττηθεὶς σήμερον ἐξετάθης;”
νυκτὶ δὲ μειδιῶν με θεὸς προσέειπε παραστάς·
“Καιρῷ δουλεύειν καὶ θεὸς ὦν ἔμαθον.”

Admirei, às três vias, o brônzeo rebento de Zeus,
antes em toda oração, ora tombado por terra.
Bravo, então disse: “Guardião contra males, de tríplex luas,
nunca perdeste a ninguém, e hoje tu estás derrubado.”
Quando foi noite, sorrindo, o divino falou-me ao meu lado:
“Mesmo divino, aprendi a ser vassalo dos tempos.”

Livro XVI

XVI.309 – Leônidas de Tarento

πρέσβυν Ἀνακρείοντα χύδαν σεσαλαγμένον οἴνω
θάεο † δινωτοῦ στρεπτόν ὑπερθε λίθου †,
ὥς ὁ γέρων λίχνοισιν ἐπ' ὄμμασιν ὑγρὰ δεδορκώς
ἄχρι καὶ ἀστραγάλων ἔλκεται ἀμπεχόναν,
δισσῶν δ' ἄρβυλίδων τὰν μὲν μίαν οἶα μεθυπλήξ
ᾤλεσεν, ἐν δ' ἐτέρᾳ ρικνὸν ἄραρε πόδα.
μέλπει δ' ἡὲ Βάθυλλον ἐφίμερον ἡὲ Μεγιστᾶν
αἰωρῶν παλάμα τὰν δυσέρωτα χέλυν·
ἀλλά, πάτερ Διόνυσε, φύλασσε μιν, οὐ γὰρ ἔοικεν
ἐκ Βάκχου πίπτειν Βακχιακὸν θέραπα.

Anacreonte, esse idoso repleto de vinho e sem prumo:
olha como ele se põe todo encurvado na pedra,
como esse velho nos fita com olhos de intenso desejo,
sempre deixando no chão rastros de manto aos seus pés.
Um dos sapatos se foi ao tomar um sopapo do vinho:
causa de agora calçar um de seus pés só com rugas.
Canta a respeito da graça de Bátilo ou de Megistes,
tendo a sua lira nas mãos, sempre ela enferma de amor.
Pai Dioniso, protege-o, pois não me parece correto um
servo de Baco cair sob os efeitos de Baco.

Como citar este texto (ABNT):

ANTUNES, C. L. B. Antologia grega de Leonardo Antunes. **Cadernos de Tradução**.
Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 47-52, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE LEONARDO MÁRIO FERRARO

Leonardo Mário Ferraro

Livro XI

XI.6 – Calícter

Πτωχοῦ ἐστὶ γάμος κυνέα μάχα, εὐθὺ κυδοιμός,
λοιδορίαί, πληγαί, ζημία, ἔργα, δίκαι.

Casamento de mendigo é luta desavergonhada, gritaria franca,
xingamentos, golpes, prejuízo, problemas, processos.

XI.11 – Lucílio

Οὐκ ἦδεν σε τραγῳδόν, Ἐπίκρατες, οὐδὲ χοραύλην,
οὐδ' ἄλλ' οὐδὲν ὅλως, ὃν χορὸν ἔστιν ἔχειν·
ἀλλ' ἐκάλουν σε μόνον· σὺ δ' ἔχων χορὸν οἴκοθεν ἦκεις
ὀρχηστῶν, αὐτοῖς πάντα διδοὺς ὀπίσω.
εἰ δ' οὕτω τοῦτ' ἐστί, σὺ τοὺς δούλους κατάκλινον,
ἡμεῖς δ' αὖ τούτοις πρὸς πόδας ἐρχόμεθα.

Que eu saiba, Epícrates, tu não és nem cantor, nem flautista do coro,
nem absolutamente nada que tem a ver com o coro.
Eu convidei só a ti e tu vens de casa trazendo um coro
de dançarinos e alcanças a eles tudo pelas costas.
Já que é assim, quem sabe tu acomodas os servos nos triclinios,
e, quanto a nós, ficaremos aos pés deles.

XI.23 – Antípatro

Ὡκύμορόν με λέγουσι δαήμονες ἄνδρες ἄστρον·
εἰμὶ μὲν, ἀλλ' οὐ μοι τοῦτο, Σέλευκε, μέλει.
εἰς Αἶδην μία πᾶσι καταίβασις· εἰ δὲ ταχίων
ἡμετέρη, Μίνω θᾶσσον ἐποψόμεθα.
πίνωμεν· καὶ δὴ γὰρ ἐτήτυμον εἰς ὁδὸν ἵππος
οἶνος, ἐπεὶ πεζοῖς ἀτραπὸς εἰς Αἶδην.

Dizem-me de vida breve os homens conhecedores dos astros;
sou mesmo, mas isso não me importa, Seleuco.
Todos deverão descer ao Hades um dia, e se nós
desceremos em breve, mais cedo contemplaremos Minos.
E portanto bebamos de verdade: cavalo nessa estrada
é o vinho, já que conduz depressa os viajantes ao Hades.

XI.25 – Apolônides

Ὑπνώεις, ὠταῖρε· τὸ δὲ σκύφος αὐτὸ βοᾷ σε·
“Ἐγρεο, μὴ τέρπου μοιριδίη μελέτη.”
μὴ φείσῃ, Διόδωρε· λάβρος δ' εἰς Βάκχον ὀλισθῶν

ἄχρις ἐπὶ σφαλεροῦ ζωροπότηι γόνατος.
ἔσσεθ', ὅτ' οὐ πτόμεσθα, πολὺς πολὺς· ἀλλ' ἄγ' ἐπείγου·
ἢ συνετὴ κροτάφων ἄπτεται ἡμετέρων.

Tu dormes, ó companheiro: e a própria caneca te grita:
– acorda, não te deleites com a preocupação do destino.
Não poupes, Diodoro: ávido tendo escorregado em Baco,
bebe vinho puro até ficar com as pernas bambas.
Chegará o tempo, infundável tempo, em que não beberemos. Mas apressa-te:
a idade da sabedoria³⁴ branqueia nossas tēmporas.

XI.28 – Marco Argentário

Πέντε θανὼν κείσῃ κατέχων πόδας, οὐδὲ τὰ τερπνὰ
ζωῆς οὐδ' αὐγὰς ὄψεαι ἡελίου·
ὥστε λαβὼν Βάκχου ζωρὸν δέπας ἔλκε γεγηθώς,
Κίγκιε, καλλίστην ἀγκὰς ἔχων ἄλοχον.
εἰ δέ σοι ἀθανάτου σοφίης νόος, ἴσθι, Κλεάνθης
καὶ Ζήνων Αἰδὴν τὸν βαθὺν ὡς ἔμολον.

Tendo morrido, tu jazerás cinco pés esticado; nem as delícias
da vida, nem os raios do sol verás:
e assim agarra um puro de Baco e sorve alegre o vaso,
Cíncio, tendo nos braços a belíssima parceira.
E se tu tens entendimento da sabedoria imortal,
olha como foram ao Hades profundo Zenão e Cleantes.

XI.31 – Antípatro

Οὔ μοι Πληιάδων φοβερὴ δύσις, οὐδὲ θαλάσσης
ὥρῳον στυφελῶ κῶμα περὶ σκοπέλω,
οὐδ' ὅταν ἀστράπτῃ μέγας οὐρανός, ὥς κακὸν ἄνδρα
ταρβέω καὶ μύθων μνήμονας ὑδροπότας.

O ocaso das Plêiades³⁵ não me causa medo, tampouco do mar
onda rugente junto ao áspero rochedo,
nem quando relampagueie o grande céu; mas eu temo
como um covarde os abstêmios, lembradores até das palavras ditas.

³⁴ No último verso, ἡ συνετή = a sábia (omitindo a palavra idade). A ideia é que a velhice, ao tocar as tēmporas, deixa os cabelos grisalhos.

³⁵ As Plêiades ou Atlântidas eram filhas de Atlas e Plêione ("rainha navegante"). "[...] Segundo a tradição mais corrente, são sete: Maia, Electra, Taíget [sic], Estérope, Mérope, Alcíone e Celeno. Perseguidas pelo caçador Orião, imploraram a ajuda de Júpiter, que as transformou em pombas e colocou-as no céu [...]" (*Dicionário de mitologia greco-romana*. São Paulo: Abril Cultural, 1973). "[...] O nascer helíaco das Plêiades em maio marcava o início da temporada de navegação, e seu ocaso marcava o final, quando começava a soprar um vento bastante frio vindo do norte [...]" (GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018). O nascimento e ocaso dessa constelação marca o período de duração dos solstícios e equinócios.

XI.34 – Filodemo

Λευκοῖνους πάλι δὴ καὶ ψάλματα καὶ πάλι Χίους
οἴνους καὶ πάλι δὴ σμύρναν ἔχειν Συρίην
καὶ πάλι κωμάζειν καὶ ἔχειν πάλι διψάδα πόρνην
οὐκ ἐθέλω· μισῶ ταῦτα τὰ πρὸς μανίην.
ἀλλὰ με ναρκίσσοις ἀναδήσατε καὶ πλαγιαύλων
γεύσατε καὶ κροκίνοις χρίσατε γυῖα μύροις
καὶ Μιτυληναίῳ τὸν πνεύμονα τέγξατε Βάκχῳ,
καὶ συζεύξατέ μοι φωλάδα παρθενικήν.

Sempre coroas de violetas brancas, sempre canções à lira, sempre vinhos de Kíos,
sempre perfumar-se com mirra síria,
e de novo fazer folia, e de novo uma puta sedenta nos braços
não quero: odeio essas coisas que levam à loucura.
Mas coroai-me com narcisos, e das flautas
deem-me uma prova, e friccionai os membros com perfumes de açafrão,
e com vinho de Mitilene umedecei o meu alento,
e deem-me como par uma donzela recatada.

XI.36 – Filipe

Ἦνίκα μὲν καλὸς ἦς, Ἀρχέστρατε, κάμφι παρειαῖς
οἴνωπαῖς ψυχὰς ἔφλεγεσ ἡιθέων,
ἡμετέρης φιλίας οὐδεὶς λόγος· ἀλλὰ μετ' ἄλλων
παίζων τὴν ἀκμὴν ὡς ῥόδον ἡφάνισας.
ὡς δ' ἐπιπερκάζεις μιερῇ τριχί, νῦν φίλον ἔλκων
τὴν καλάμην δωρῇ δοὺς ἐτέροις τὸ θέρος.

Antes, quando eras belo, Arquétrato, com tuas faces
coradas queimavas espíritos de jovens solteiros;
da nossa amizade, nenhuma palavra: mas enquanto brincavas com os outros,
teu apogeu desapareceu como a rosa.
Porém, agora, amadureces com uma suja barba tentando atrair um amigo;
e o refugio ofereces depois de dar para outros o teu verão.

XI.41 – Filodemo

Ἐπὶ τὰ τριηκόντεσσιν ἐπέρχονται λυκάβαντες,
ἥδη μοι βιότου σχιζόμεναι σελίδες·
ἥδη καὶ λευκαί με κατασπείρουσιν ἔθειραι,
Ξανθίππη, συνετῆς ἄγγελοι ἡλικίης.
ἀλλ' ἔτι μοι ψαλμός τε λάλος κῶμοί τε μέλονται,
καὶ πῦρ ἀπλήστῳ τύφετ' ἐνὶ κραδίῳ.
αὐτὴν ἀλλὰ τάχιστα κορωνίδα γράψατε, Μοῦσαι,
ταύτην ἡμετέρης, δεσπότηδες, μανίης.

Trinta e sete anos passam,
já da minha vida as colunas estão sendo partidas:
já também cabelos brancos me surgem,

Xantipa, mensageiros da idade sábia.
Mas a cítara e os folguedos buliçosos ainda me interessam,
e um fogo arde em meu coração insaciável.
Por isso pintai depressa, musas, a mesma coroa,
aquela, senhoras, de nossa loucura.

XI.44 – Filodemo

Αὔριον εἰς λιτὴν σε καλιάδα, φύλτατε Πείσων,
ἐξ ἐνάτης ἔλκει μουσοφιλῆς ἔταρος
εἰκάδα δειπνίζων ἐνιαύσιον· εἰ δ' ἀπολείψῃς
οὔθατα καὶ Βρομίου χιογενῆ πρόποσιν,
ἀλλ' ἐτάρους ὄψει παναληθείας, ἀλλ' ἐπακούσῃ
Φαιήκων γαίης πούλῳ μελιχρότερα·
ἦν δέ ποτε στρέψῃς καὶ ἐς ἡμέας ὄμματα, Πείσων,
ἄζομεν ἐκ λιτῆς εἰκάδα πιστότερην.

Amanhã, à nona hora³⁶, queridíssimo Píson,
teu amigo amante das musas te conduz a uma humilde cabana,
oferecendo o banquete anual do Vinte³⁷: e se perderás
úberes³⁸ e um brinde com vinho de Quios,
entretanto verás companheiros absolutamente verdadeiros, e ouvirás
coisas muito mais doces do que as da terra dos feácios³⁹;
e então se nos honrares com tua atenção, Píson,
nos alcançamos de um Vinte humilde para um mais gordo.

Como citar este texto (ABNT):

FERRARO, L. M. Antologia grega de Leonardo Mário Ferraro. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 53-56, 2019.

³⁶ ἐνάτης refere-se à nona hora do dia (três horas da tarde), considerando-se que a primeira equivalia à aurora (6 horas da manhã).

³⁷ εἰκάδα remete ao vigésimo dia do mês, data escolhida em homenagem a Epicuro, quando comemoravam com um banquete.

³⁸ οὔθατα, úberes de vaca, era uma iguaria famosa e cara, assim como o vinho de Quios.

³⁹ Os feácios são um povo mítico mencionado por Homero na *Odisseia*. Habitantes da remota ilha da Esquéria, eram um povo riquíssimo, bem-aventurado e amado pelos deuses. Odisseu lá chegou como náufrago, ao regressar da Guerra de Troia, e foi muito bem tratado pelo rei Alcínoo.

Livro II

II.1.311-350 – Homero

Ἔμφορνα χαλκὸν Ὅμηρος ἐδείκνυεν, οὔτε μενοινῆς
ἄμμορον οὔτε νόου κεχρημένον, ἀλλ' ἄρα μούνης
φωνῆς ἀμβροσίης, ἀνέφαινε δὲ θυιάδα τέχνην.
ἦ καὶ χαλκὸν ἔχευεν ὁμῇ θεὸς εἶδεῖ μορφῆς·
οὐ γὰρ ἐγὼ κατὰ θυμὸν οἴομαι, ὅττι μιν ἀνὴρ
ἐργοπόνος χάλκευσε παρ' ἐσχαρεῶνι θαάσσω·
ἀλλ' αὐτὴ πολύμητις ἀνέπλασε χερσὶν Ἀθήνη
εἶδος ἐπισταμένη, τόπερ ὄκεεν· ἐν γὰρ Ὀμήρῳ
αὐτὴ ναιετάουσα σοφὴν ἐφθέγγετο μολπὴν.
σύννομος Ἀπόλλωνι, πατὴρ ἐμός, ἰσόθεος φῶς,
ἴστατο θεὸς Ὅμηρος, εἶκτο μὲν ἀνδρὶ νοῆσαι
γηραλέῳ, τὸ δὲ γῆρας ἔην γλυκύν· τοῦτο γὰρ αὐτῷ
πλειότερην ἔσταζε χάριν· κεκέραστο δὲ κόσμῳ
αἰδοῖά τε φίλῳ τε· σέβας δ' ἀπελάμπετο μορφῆς.
αὐχένι μὲν κύπτοντι γέρων ἐπεσύρετο βότρυς
χαίτης, εἰς ὀπίσω πεφορημένος, ἀμφὶ δ' ἀκουάς
πλαζόμενος κεχάλαστο· κάτω δ' εὐρύνετο πώγων
ἀμφοιταθεῖς, μαλακὸς δὲ καὶ εὐτροχος· οὐδὲ γὰρ ἦεν
ὀξύτενης, ἀλλ' εὐρὺς ἐπέπτατο, κάλλος ὑφαίνων
στήθεϊ γυμνωθέντι καὶ ἱμερόεντι προσώπῳ.
γυμνὸν δ' εἶχε μέτωπον· ἐπ' ἀπλοκάμῳ δὲ μετώπῳ
ἦστο σαοφροσύνη κουροτρόφος· ἀμφὶ δ' ἄρ' ὀφρῦς
ἀμφοτέρας προβλήτας εὐσκοπος ἔπλασε τέχνη,
οὔτι μάτην· φαέων γὰρ ἐρημάδες ἦσαν ὀπωπαί.
ἀλλ' οὐκ ἦν ἀλαῶ ἐναλίγκιος ἀνδρὶ νοῆσαι·
ἔζετο γὰρ κενεοῖς χάρις ὀμμασιν· ὥς δὲ δοκεύω,
τέχνη τοῦτο τέλεσσαν, ὅπως πάντεσσι φανείη
φέγγος ὑπὸ κραδίην σοφίης ἄσβεστον αἰείρων.
δοιαὶ μὲν ποτὶ βαιὸν ἐκοιλαίνοντο παρειαὶ
γῆραϊ ῥικνήεντι κατάσχετοι· ἀλλ' ἐνὶ κείναις
αὐτογενής, Χαρίτεσσι συνέστιος, ἵζανεν Αἰδώς.
Περικὴ δὲ μέλισσα περὶ στόμα θεῖον ἀλάτο,
κηρίον ὠδίνουσα μελισταγές, ἀμφοτέρας δὲ
χεῖρας ἐπ' ἀλλήλησι τιθεὶς ἐπερείδετο ῥάβδῳ
οἷά περ ἐν ζωῶσιν· ἔην δ' ἐκλινεν ἀκουὴν
δεξιτερὴν, δόκεεν δὲ καὶ Ἀπόλλωνος ἀκούειν
ἦ καὶ Πιερίδων τινὸς ἐγγύθεν. ἐν δ' ἄρα θυμῷ
σκεπτομένῳ μὲν εἶκτο· νόος δέ οἱ ἔνθα καὶ ἔνθα
ἐξ ἀδύτων πεφόρητο πολυστρέπτοιο μενοινῆς,
Περικῆς Σειρήνος ἀρήιον ἔργον ὑφαίνων.

Como bronze consciente Homero mostrava-se – não privado de pensamento ou necessitado de inteligência, mas apenas de sua voz imortal – e deixava transparecer sua

desvairada arte. Certamente alguma deidade verteu de uma só vez o bronze na forma do corpo, pois não creio, em meu íntimo, que algum laborioso homem sentado à forja o tenha modelado, mas sim que a própria Atena, sapientíssima, com as mãos o plasmou, conhecendo a forma que justamente costumava habitar: ela mesma, pois, fazendo morada em Homero, proferia seu hábil canto. Parceiro de Apolo, meu pai, mortal igual aos deuses, o divino Homero apresentava-se ereto; parecia um homem velho, mas sua vetustez era doce, pois destilava sobre ele ainda mais graça. Foi temperado com adorno tanto reverente quanto gentil, e majestade resplandecia de sua forma. Sobre o pescoço curvado, pendia em cacho a cabeleira de ancião, levada para trás, flutuando frouxa em volta das orelhas. Cingindo o rosto, a barba alargava-se à medida que descia, suave e redonda, pois não era alongada em ponta, mas caía ampla, tecendo adereço para o peito desnudo e a encantadora face. Tinha a fronte nua, e sobre essa fronte sem cabelos repousava a Prudência, nutriz dos jovens. A ambas as sobrancelhas a Arte de acurada vista moldou proeminentes, e não sem razão – pois os olhos eram faltos de luz. Entretanto, não se assemelhava a um homem que não vê, porque no olhar vazio havia graça: como penso, a Arte o perfez de modo a evidenciar a todos que ele carregava no fundo do coração o brilho inextinguível da sabedoria. As duas bochechas encontravam-se um tanto vincadas, possuídas pela velhice que encarquilha, mas sobre elas tomava lugar inata Modéstia, companheira das Graças; uma abelha piéria errava em torno de sua boca divina, produzindo um favo de mel gotejante. Com as mãos dispostas uma sobre a outra, apoiava-se sobre um bastão, exatamente como quando se achava entre os vivos, e inclinava sua orelha direita, como parecia, para escutar de perto a Apolo ou a alguma das Piérides. Dava a impressão de ter a alma em meditação, enquanto o intelecto era transportado aqui e ali do santuário do versátil pensamento, urdindo alguma obra bélica da sirene piéria.

Livro IV

IV.1 – Guirlanda de Meleagro

Μοῦσα φίλα, τίνι τάνδε φέρεις πάγκαρπον ᾠοιδᾶν
 ἢ τίς ὁ καὶ τεύξας ὕμνοθετᾶν στέφανον;
 ἄνυσε μὲν Μελέαγρος· ἀριζάλῳ δὲ Διοκλεῖ
 μναμόσυνον ταύταν ἐξεπόνησε χάριν·
 πολλὰ μὲν ἐμπλέξας Ἀνύτης κρίνα, πολλὰ δὲ Μοιροῦς
 λείρια, καὶ Σαπφοῦς βαιὰ μὲν, ἀλλὰ ῥόδα,
 ναρκίσσων τε χορὸν Μελανιπίδου ἔγκυν ὕμνων,
 καὶ νέον οἰνάνθης κλῆμα Σιμωνίδεω·
 σὺν δ' ἀναμιξ πλέξας μυρόπνουν εὐάνθεμον ἶριν
 Νοσσίδος, ἧς δέλτοις κηρὸν ἔτηξεν Ἔρωσ·
 τῇ δ' ἅμα καὶ σάμψυχον ἄφ' ἠδυπνόοιο Ῥιανοῦ,
 καὶ γλυκὺν Ἡρίνης παρθενόχρωτα κρόκον,
 Ἀλκαίου τε λάληθρον ἐν ὕμνοπόλοις ὑάκινθον,
 καὶ Σαμίου δάφνης κλῶνα μελαμπέταλον·
 ἐν δὲ Λεωνίδεω θαλεροῦς κισσοῖο κορύμβους,
 Μναςάλκου τε κόμας ὀξυτόρου πίτυος·
 βλαιοσὴν τε πλατάνιστον ἀπέθρισε Παμφίλου οἶμης,
 σύμπλεκτον καρύης ἔρνεσι Παγκράτεος,
 Τύμνεά τ' εὐπέταλον λεύκην, χλοερὸν τε σίσυμβρον
 Νικίου, Εὐφήμου τ' ἀμμότροφον πάραλον·

ἐν δ' ἄρα Δαμάγητον, ἶον μέλαν, ἡδύ τε μύρτον
 Καλλιμάχου, στυφελοῦ μεστὸν αἰεὶ μέλιτος,
 λυχνίδα τ' Εὐφορίωνος ἰδ' ἐν Μούσῃσιν ἄμωμον,
 ὃς Διὸς ἐκ κούρων ἔσχεν ἐπωνυμίην.
 τῇσι δ' ἅμ' Ἠγήσιππον ἐνέπλεκε, μαινάδα βότρυν,
 Πέρσου τ' εὐώδη σχοῖνον ἀμηςάμενος,
 σὺν δ' ἅμα καὶ γλυκύμηλον ἀπ' ἀκρεμόνων Διοτίμου,
 καὶ ῥοιῆς ἄνθη πρῶτα Μενεκράτεος,
 σμυρναίους τε κλάδους Νικαινέτου, ἡδὲ Φαέννου
 τέρμινθον, βλωθρήν τ' ἀχράδα Σιμίω·
 ἐν δὲ καὶ ἐκ λειμῶνος ἀμωμήτοιο σέλινα,
 βαῖα διακνίζων ἄνθεα, Παρθενίδος,
 λείψανά τ' εὐκαρπεῦντα μελιστάκτων ἀπὸ Μουσέων,
 ξανθοὺς ἐκ καλάμης Βακχυλίδεω στάχυν·
 ἐν δ' ἄρ' Ἀνακρείοντα, τὸ μὲν γλυκὺ κεῖνο μέλισμα
 νέκταρος, ἐν δ' ἐλέγους ἄσπορον ἀνθέμιον·
 ἐν δὲ καὶ ἐκ φορβῆς σκολιότριχος ἄνθος ἀκάνθης
 Ἀρχιλόχου, μικρὰς στράγγας ἀπ' ὠκεανοῦ·
 τοῖς δ' ἅμ' Ἀλεξάνδροιο νέους ὄρπηκας ἐλαίης
 ἡδὲ Πολυκλείτου πορφύρεον κύαμον.
 ἐν δ' ἄρ' ἀμάρακον ἦκε Πολύστρατον, ἄνθος αἰοιδῶν,
 φοίνισσάν τε νέην κύπρον ἀπ' Ἀντιπάτρου·
 ναὶ μὴν καὶ Συρίαν σταχυότριχα θήκατο νάρδον
 ὕμνοθέταν Ἑρμοῦ δῶρον αἰετιόχου.
 ἐν δὲ Ποσειδίππον τε καὶ Ἠδύλον, ἄγρι' ἀρούρης,
 Σικελίδεω τ' ἀνέμοις ἄνθεα φυόμενα·
 ναὶ μὴν καὶ χρύσειον αἰεὶ θείοιο Πλάτωνος
 κλῶνα, τὸν ἐξ ἀρετῆς πάντοθι λαμπόμενον.
 ἄστρον τ' ἴδριν Ἄρατον ὁμοῦ βάλεν, οὐρανομάκευς
 φοίνικος κείρας πρωτογόνους ἔλικας,
 λωτόν τ' εὐχαίτην Χαιρήμονος, ἐν φλογὶ μίξας
 Φαιδίμου, Ἀνταγόρου τ' εὐστροφον ὄμμα βοός,
 τάν τε φιλάκρητον Θεοδορίδω νεοθαλῇ
 ἔρπυλλον, κυάνων τ' ἄνθεα Φανίω,
 ἄλλων τ' ἔρνεα πολλὰ νεόγραφα· τοῖς δ' ἅμα Μούσῃς
 καὶ σφετέρῃς ἔτι που πρῶτα λευκόια. —
 ἀλλὰ φίλοις μὲν ἐμοῖσι φέρω χάριν· ἔστι δὲ μύσταις
 κοινὸς ὁ τῶν Μουσέων ἡδυεπὴς στέφανος.

Musa amiga, a quem ofertas este canto de frutos de toda sorte? Ou ainda, quem foi o autor de tal guirlanda lírica?

Perfê-la Meleagro, e foi para o ilustre Díocles, como recordação, que elaborou esta oferenda.

Muitas açucenas de Ânite entrelaçou, e de Mero muitos lírios; também um pouco de Safo, mas rosas; o narciso prenhe de penetrantes hinos de Melanípides e um ramo tenro da vinha de Simônides; confusamente, trançou junto a perfumada, florida íris de Nóssis, para cujas tabuletas Eros derreteu a cera; com essa, também a manjerona do odorífico Riano e, de Erina, o doce açafraão da cor das virgens; de Alceu, o jacinto, tagarela entre os compositores de hinos, e rebentos do loureiro de folhas negras de Sâmio.

Nela trançou vicejantes cachos da hera de Leônidas e, de Mnasalcas, tufos do pontiagudo pinho; cortou o plátano retorcido do poema de Pânfilo e o entreteceu com renovos da nogueira de Pâncrates; o frondoso choupo branco de Timnes, a verde hortelã de Nícias e, de Eufemo, a planta que cresce na areia da praia; nela então trançou Damageto – a violeta negra – e o suave mirto de Calímaco, sempre carregado de acre mel; a lícnide de Eufóron e o cíclame entre as Musas – aquele que dos filhos de Zeus recebeu o nome.⁴⁰

Com esses entrelaçou Hegesipo – o cacho de uvas mênade – e, de Perses, o aromático capim-limão que ceifara; incluiu ainda a doce maçã dos ramos de Diotimo e as primeiras flores da romãzeira de Menécrates; galhos da mirra de Nicêneto, o terebinto de Faeno e a alta pereira silvestre de Símiat; ali também juntou algumas flores do irrepreensível aipo do prado de Pártenis, despetalando-as, e – relíquias fecundas do mel que goteja das Musas – espigas louras do cálamio de Baquílides.

Nela então trançou Anacreonte, aquela melodia da doçura do néctar, pequena flor estéril nas elegias; trançou ali também a flor do crespo cardo do prado de Arquíloco, umas poucas gotas de seu oceano, e a essas acrescentou vergôntes frescas da oliveira de Alexandre e a centáurea purpúrea de Policlito. Ali então lançou amáraco – Polístrato, flor dos aedos – e a fresca hena escarlate de Antípatro; além disso, pôs o nardo sírio coroadado de espigas – poeta celebrado como “dom de Hermes”⁴¹ – e ali trançou tanto Posidipo quanto Hédilo – flores do campo selvagem – e, de Sicélides, as flores nascidas para os ventos.⁴²

Sim, é verdade, adicionou o sempre dourado rebento do divino Platão, resplendente pela excelência em toda parte; lançou junto o experto em astros Arato, após cortar as primeiras gavinhas da palmeira que se alonga até o céu, o lótus de densa folhagem de Querêmon, mesclado com o goivo de Fédimo, e o flexível olho-de-boi de Antágoras; de Teodóridas, o recém-florido tomilho, amante de vinho, flores das favas de Fânias e, de outros, muitos renovos recém-escritos – e com esses ainda misturou as precoces violetas brancas de sua própria Musa.

Oferto esta dádiva aos meus amigos, mas também aos iniciados aproveita esta guirlanda de voz maviosa das Musas.

Livro XV

XV.35 – Teófanis

Εἶθε κρίνον γενόμην ἀργένναον, ὄφρα με χερσὶν
ἀρσαμένη μᾶλλον σῆς χροτιῆς κορέσης.

Oxalá fosse eu nívea açucena, para que me recolheesses em tuas mãos e, ainda mais, me saciasse com tua pele!

⁴⁰ sc. Dioscórides. O nome provém de Διόσκουποι, lit. “rapazes (filhos) de Zeus”, ou seja, Cástor e Pólux.

⁴¹ sc. Hermodoro. No texto grego, o nome aparece decomposto: Ἑρμοῦ δῶρον, lit. “dom de Hermes”.

⁴² O autor se refere à anêmona (ἀνεμώνη), flor que se abre ao menor vento (ἄνεμος) e se despetala facilmente. Embora o nome da flor pareça derivar-se da palavra que significa “vento”, essa aproximação provavelmente é etimologia popular.

Como citar este texto (ABNT):

MALACARNE, L. Antologia grega de Luciana Malacarne. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 57-60, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE MARCOS MÜLLER

Marcos Müller

Livro V

V.4 – Filodemo

Τὸν σιγῶντα, Φιλαινί, συνίστορα τῶν ἀλαλήτων
λύχνον ἐλαιορῆς ἐκμεθύσασα δρόσου,
ἔξιθι· μαρτυρίην γὰρ Ἔρως μόνος οὐκ ἐφίλησεν
ἔμπνουν· καὶ τυκτὴν κλεῖε, Φιλαινί, θύρην.
καὶ σὺ φίλει, Ξανθῶ, με· σὺ δ' ὧ φιλεράστρια κοίτη,
ἤδη τῆς Παφίης ἴσθι τὰ λειπόμενα.

Retira-te, Filenide, já de azeite
a candeia embebedaste, do indizível
mera testemunha, que Eros não admite
voyeuristas. Fecha bem portanto a porta.
E tu, Xantinha, vem cá... Conhece agora,
ó leito de amor, o legado de Pafo⁴³.

V.46 – Filodemo

Χαῖρε σύ. – “Καὶ σύ γε χαῖρε.” – Τί δεῖ σε καλεῖν; – “Σὲ δέ;” – Μήπω
τοῦτο· φιλόσπουδος. – “Μηδὲ σύ.” – Μή τιν' ἔχεις; –
“Αἰεὶ τὸν φιλέοντα.” – Θέλεις ἅμα σήμερον ἡμῖν
δειπνεῖν; – “Εἰ σὺ θέλεις.” – Εὗγε· πόσου παρέση; –
“Μηδὲν μοι προδίδου ...” – Τοῦτο ξένον. – “ἀλλ' ὅσον ἂν σοι
κοιμηθέντι δοκῇ, τοῦτο δός.” – Οὐκ ἀδικεῖς.
ποῦ γίνῃ; πέμπω ... – “Καταμάνθανε.” – Πηνίκα δ' ἤξεις; –
“Ἦν σὺ θέλεις ὥρην.” – Εὐθὺ θέλω. – “Πρόαγε.”

— Oi, tudo bem!? — Tudo bem! — Como te
chamas? — E tu? — Boa pergunta,
apuradita. — Prazer. — Tens alguém?
— A fim sempre tenho. — A fim
de jantar? — Se quiseres... — Opa! quanto?
— Nada, por enquanto. — Sério?
— Vê depois que a gente tiver deitado.
— Okay; é perto daqui?
te acompanho. — Adivinha. — Que hora então?
— Diz tu. — De imediato. — Avante!

⁴³ Πάφος *Pafo*: cidade de Chipre, célebre pelo templo de Afrodite — p.ext. a própria deusa.

V.60 – Rufino⁴⁴

Παρθένος ἀργυρόπεζος ἐλούετο, χρύσεια μαζῶν
χρωτὶ γαλακτοπαγεῖ μῆλα διαινομένη·
πυγαὶ δ' ἀλλήλαις περιηγέες εἰλίσσοντο,
ὔδατος ὑγροτέρῳ χρωτὶ σαλευόμεναι·
τὸν δ' ὑπεροιδαίνοντα κατέσκεπε πεπταμένη χεὶρ
οὐχ ὅλον Εὐρώταν, ἀλλ' ὅσον ἡδύνατο.

Uma donzela argirópode⁴⁵ se banhava,
regando os pêssegos anadados!⁴⁶
As nádegas, de pele mais macia que a espuma
das ondas, roliças se buliam.
E a mão em concha diligente a represar
do Euxotas a cheia, mas não toda.⁴⁷

⁴⁴ Também traduzido por José Paulo Paes em *Poemas da antologia grega ou palatina: séculos VII a.C. a V d.C.* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 73).

⁴⁵ ἀργυρόπεζος *pés-de-prata*, epíteto (“de pés de prata” em JP.Paes); “aux pieds d’argent” (WALTZ), *silver-footed* (PAGE), *silbern ... Fuß* (BECKBY). A opção *argirópode* seguiu exemplo dos cultismos da terminologia zoológica: antepositivo ‘argir(i/o)’ *prata* + pospositivo ‘-pode’ *pé*.

⁴⁶ Na verdade, χρύσεια ... μῆλα *maçãs douradas / d’ouro*, remetendo à χρυσή Ἀφροδίτη *dourada Afrodite*, bem como à maçã de ouro do mitológico concurso de beleza (vulgo “pomo da discórdia”), donde maçã ser a fruta-símbolo da deusa; τό μῆλον, dór. e eól. μᾶλον designa não só *maçã*, mas genericamente qualquer fruta de árvore, e.g. μ. Περσικόν ‘maçã pérsica’ i.e. *pêssego* (LIDDELL-SCOTT); no plural, μῆλον é metáfora para seios de menina (Middle LIDDELL). Aliás *laranja* seria uma ótima opção, conforme anota WALTZ (que não obstante traduz por *pommes d’or*): “Périphrase habituelle pour désigner les oranges (en souvenir des pommes du jardin des Hespérides, qu’Héraclès alla chercher sur l’ordre d’Eurysthée). L’expression est devenue si courante que le poète ne songe évidemment plus, en l’employant, qu’elle fait allusion à la couleur des fruits qu’elle désigne.” — seriam seios à luz do sol vespertino ou bronzeados?

Cf. os epigramas V.290, V.291 e VI.177.

⁴⁷ No original *Eurotas* (Εὐρώτας), principal rio da Lacônia às margens do qual ficava Esparta. Sobre esse rio, COMMELIN conta o seguinte: “[...] Une loi expresse ordonnait aux Lacédémoniens de rendre à ce fleuve les honneurs divins. C’était sur ses bords, ornés de myrtes et de lauriers-roses, que Jupiter, sous la figure d’un cygne, avait trompé Leda, qu’Appolon avait déploré la perte de Daphné, que Castor et Pollux avaient coutume de s’exercer à la lutte et au pugilat, qu’Hélène avait été enlevée par le Troyen Pâris, que Diane, leur sœur, se plaisait à chasser, avec ses meutes et au milieu de ses nymphes. [...]”.

Quanto ao nome, encerra conotação obscena, significando *vulva*, *vagina* a partir de εὐρύς *largo* / εὐρύτης *largura* ou de εὐρώς, ὤτος *bolor*; *umidade putrefativa* / εὐρωτιάω *embolorar*. No LIDDELL-SCOTT, tem-se “Εὐρώτας, *pudenda muliebria*, with allusion to εὐρύς”, e BAILLY vai na mesma linha, “par jeu de mots avec εὐρύς, parties de la femme”; porém CHANTRAINE se pergunta (verbete εὐρώς) “Pourquoi le nom de la rivière Εὐρώτας ne serait-il pas dérivé de εὐρώς?”, enquanto o “concorrente” BEEKES não se pronuncia a respeito.

WALTZ segue a primeira hipótese: “Je de mots sur la racine d’Εὐρώτας, identifiée à celle d’εὐρύς, *large*. Cf. Jacobs: ‘Adduntur haec a poeta in uituperium puellae, ceterum formosae, sed a nimio ueneris usu εὐρυτιώσης.’ N’oublions pas que Rufin est un ironiste: il nous fait croire qu’il fait le portrait d’une belle jeune fille, et sa description finit en queue de poisson, — ou pis encore.” Essa última observação de Waltz faz lembrar *Vénus Anadyomène*, de Rimbaud (inspirado em *Les Antres malsains*, de Glatigny, diz a edição da *Pléiade*), embora de certa forma haja um contraste da singeleza desse epigrama de Rufino com a mordacidade do poema aludido, que parodia o nascimento de Vênus, a Ἀφροδίτη ἀναδυομένη (A. Anadiômene/a), i.e. Afrodite emergindo (das ondas), célebre quadro de Apeles, aquela nascida da espuma do mar (ἄφρος); cf. XII.207.

Retornando ao rio: todos os quatro tradutores supracitados mantiveram o nome *Eurotas*. A presente adulteração *Euxotas* dispensa comentários, inclusive ou sobretudo etimológicos — se bem que poderia advir de εὖχος *glória*, *honra*, *objeto de glória*; *objeto dum voto*, *desejo* (ISIDRO).

V.125 – Basso

Οὐ μέλλω ρεύσειν χρυσός ποτε· βοῦς δὲ γένοιτο
ἄλλος χῶ μελίθρους κύκνος ἐπηόνιος.
Ζηνὶ φυλασσέσθω τάδε παίγνια· τῇ δὲ Κορίννῃ
τοὺς ὀβολοὺς δώσω τοὺς δύο κοῦ πέτομαι.

Jorro d'ouro não me vejo, e touro seja
outrem, ou melíssono cisne na praia.⁴⁸
A Zeus essas estripulias! E à Corina
meus dois óbolos, asas não baterei.

V.230 – Paulo Silenciário

Χρυσείης ἐρύσσασα μίαν τρίχα Δωρὶς ἐθείρης,
οἷα δορικτήτους δῆσεν ἐμεῦ παλάμας.
αὐτὰρ ἐγὼ τὸ πρὶν μὲν ἐκάγχασα, δεσμὰ τινάξαι
Δωρίδος ἱμερτῆς εὐμαρὲς οἰόμενος·
ὥς δὲ διαρρηῆξαι σθένος οὐκ ἔχον, ἔστενον ἤδη
οἷά τε χαλκεΐη σφιγκτὸς ἀλυκτοπέδη·
καὶ νῦν ὁ τρισάποτμος ἀπὸ τριχὸς ἠέρτημαι,
δεσπότης ἔνθ' ἐρύση, πυκνὰ μεθελκόμενος.

Da fulva coma cortou Dóris tripla trança,
como cativo me manietando.
Primeiro achei graça, os laços da encantadora
Dóris se quisesse eu sacudia!
Como não tive forças, desatei a ganir,
qual vítima de cúpreo esfínter.
Ai de mim tão dorido, um joguete que minha
dona assim de repelão conduz.⁴⁹

⁴⁸ Alusão às metamorfoses de Zeus para possuir Dánae, Europa e Leda respectivamente.

⁴⁹ Epigrama que, em certo sentido, antecipa Sacher-Masoch (1836-1895).

V.255 – Paulo Silenciário

Εἶδον ἐγὼ ποθέοντας· ὑπ' ἀτλήτοιον δὲ λύσσης
δηρὸν ἐν ἀλλήλοις χεῖλεα πηξάμενοι,
οὐ κόρον εἶχον ἔρωτος ἀφειδέος· ἰέμενοι δέ,
εἰ θέμις, ἀλλήλων δύμενοι ἐς κραδίην,
ἀμφασίης ὅσον ὅσον ὑπεπρήννον ἀνάγκην
ἀλλήλων μαλακοῖς φάρεσιν ἐσσάμενοι.
καὶ ῥ' ὁ μὲν ἦν Ἀχιλῆϊ πανεῖκελος, οἷος ἐκεῖνος
τῶν Λυκομηδείων ἔνδον ἔην θαλάμων·
κούρη δ' ἀργυφῆς ἐπιγουνίδος ἄχρι χιτῶνα
ζωσαμένη Φοίβης εἶδος ἀπεπλάσατο.
καὶ πάλιν ἡρήρειστο τὰ χεῖλεα· γυιοβόρον γὰρ
εἶχον ἀλωφήτου λιμὸν ἐρωμανίης.
ῥεῖα τις ἡμερίδος στελέχη δύο σύμπλοκα λύσει,
στρεπτά, πολυχρονίῳ πλέγματι συμφυέα,
ἢ κείνους φιλέοντας, ὑπ' ἀντιπόροισί τ' ἀγοστοῖς
ὕγρα περιπλέγδην ἄψα δισαμένους.
τρὶς μάκαρ, ὅς τοίοισι, φίλη, δεσμοῖσιν ἐλίχθη,
τρὶς μάκαρ· ἀλλ' ἡμεῖς ἄνδιχα καϊόμεθα.

Os amantes bem vi! Que furor insofrível,
os lábios chupando-se grudados,
do fluxo da paixão insaciáveis. Lá pelas
tantas, buscando o âmagô um do outro,
ocorreu-lhes permutar as vestes em meio
ao imperativo da afasia:⁵⁰
ele virou Aquiles sem tirar nem pôr,
filha postixa de Licomedes;⁵¹
a moça, de túnica cingida chegando
às alvas coxas, Febe⁵² encarnava.
E de novo anastomosaram-se, uma fome

⁵⁰ HOPKINSON anota o seguinte acerca do 5º verso: “ἀμφασίης ... ἀνάγκην ‘their helpless yearning’ — a complex phrase. ἀνάγκη is irresistible desire, and ἀμφασίης, lit. ‘speechlessness’, must here mean ‘helplessness’ (because that about which one is speechless cannot be helped?)”. A solução em três obras críticas: “they sought to appease to a little extent the torment of the impossible” (PAGE); “ils soulageaient tant soit peu les tortures de leurs impuissance” (WALTZ), acrescentando em nota “[impuissance] A réaliser leur désir”; “Dann, um ein wenig doch die unsäglichen Qualen zu lindern” (BECKBY).

⁵¹ O grego Ἀχιλεὺς Aquiles foi levado à ilha de Ciro por sua mãe Θέτις Tétis, a deusa do mar, para ser criado como filha entre as demais do rei Λυκομήδης Licomedes e assim escapar a um oráculo de que morreria guerreando em Troia; porém Πύρρα Pirra (seu novo nome) não conseguiu conter uma parte de si, logo Δηιδάμεια Deidamia descobriu-lhe o segredo, e os dois compactuaram-se numa relação “incestuosa” da qual o fruto viria a ser Νεοπτόλεμος Neoptolemo, codinome Πύρρος Pirro. Entrementes, o advinho Κάλχας Calcas (sempre ele) não só previu que Aquiles era imprescindível à vitória contra os troianos, como também indicou onde ele se escondia. O astuto Ὀδυσσεύς Odisseu foi encarregado de trazê-lo de volta: disfarce contra disfarce, apresentou-se como caixeiro-viajante às donzelas que, com exceção de Pirra, ficaram maravilhadas com os tecidos finos, as bijuterias *idem*, as plumas e os paetês, quando súbito o forasteiro puxou escudo, lança, espada do baú! e a pobre Pirra atirou-se irremediavelmente.

⁵² Φοίβη Febe: “In later Greek Phoebe = moon = Artemis, and the girl is compared to her in two respects: as ἀργυφῆς is the colour of the moon so the short hunting-cloak is characteristic of Artemis.” (HOPKINSON)

de lobo a devorar-lhes os membros.
Mais fácil separar dois troncos de videira
retorcidos pela natureza
do que aquele casal encochado por si,
corpos ora tesos, ora fluidos.
Tresditoso⁵³, amada, quem na voragem dá
três sem tirar! Mas nós, longe ardemos...

V.290 – Paulo Silenciário

Ὅμμα πολυπτοίητον ὑποκλέπτουσα τεκούσης
συζυγίην μήλων δῶκεν ἐμοὶ ῥοδέων
θηλυτέρη χαρίεσσα. μάγον τάχα πυρσὸν ἐρώτων
λαθριδίως μήλοις μῖξεν ἐρευθομένοις·
εἰμὶ γὰρ ὁ τλήμων φλογὶ σύμπλοκος· ἀντὶ δὲ μαζῶν,
ὦ πόποι, ἀπρήκτοις μῆλα φέρω παλάμαις.

Ao vîgil da mãe olhar
escapando, a grácil
filhota duas maçãs⁵⁴
ofertou-mas róseas.
Ai, caramba! que magia
do chamego atroz
a danada embocetou
sub-repticiamente
nas rubicundas maçãs!?
Um palhaço em chamas,
em vez de pomas apalpo,
oh céus, pseudofrutos.⁵⁵

V.291 – Paulo Silenciário

Εἰ μὲν ἐμοί, χαρίεσσα, τεῶν τάδε σύμβολα μαζῶν
ᾧπασας, ὀλβίζω τὴν χάριν ὡς μεγάλην·
εἰ δ' ἐπὶ τοῖς μίμνεις, ἀδικεῖς, ὅτι λάβρον ἀνήψας
πυρσὸν ἀποσβέσσαι τοῦτον ἀναινομένη.
Τήλεφον ὁ τρώσας καὶ ἀκέσσατο· μὴ σύ γε, κούρη,
εἰς ἐμὲ δυσμενέων γίνεο πικροτέρη.

Estas peras⁵⁶, ó teteia,
se me ofereceste
como prenúncio dos teus
peitinhos, louvadas

⁵³ Evidentemente “três vezes ditoso”, i.e. “muito ditoso” (inútil procurar nos dicionários).

⁵⁴ Cf. nota ao epigrama V.60.

⁵⁵ No original, *maçãs*.

⁵⁶ O original não especifica o “mimo” (WALTZ *présent* e BECKBY *Geschenk*; PAGE *two apples*), até porque o epigrama é sequência e desenvolvimento do anterior. “Trata-se ainda dum par de maçãs.” (WALTZ) Cf. nota ao epigrama V.60.

sejam! mas se além não vais,
criminoso é o fogo
que ateaste e que sequer
tentas extinguir.
Quem feriu Télefo chupa-
-cerva deu-lhe a cura!⁵⁷
Não me ferres, minha jovem,
mais que os inimigos.

Livro VI

VI.177 – anônimo

Δάφνις ὁ λευκόχρως, ὁ καλῶ σύριγγι μελίσδων
βουκολικοὺς ὕμνους, ἄνθετο Πανὶ τάδε·
τοὺς τρητοὺς δόνακας, τὸ λαγωβόλον, ὅξυν ἄκοντα,
νεβρίδα, τὰν πῆραν, ἧ ποτ' ἐμαλοφόρει.

Dáfnis⁵⁸, o branquelo, na bela siringe
bucólicos hinos, dedicou a Pã⁵⁹:
charamela, cajado, dardo pontudo,
nébride, e a bolsinha de levar maçã.

⁵⁷ Τήλεφος *Télefo*: filho de Hércules e rei da Mísia, foi ferido pela lança de Aquiles e só por ela poderia ser curado, favor que obteve em troca de indicar aos aqueus o caminho de Troia; o nome Τήλεφος em princípio significa *longiluzente*, τῆλε ‘de longe’ + φάω ‘brilhar’ ou φῶς/φάος/φόως ‘brilho’, fem. Τηλεφάεσσα contr. Τηλεφᾶσσα (“nome lunar” derivado de τηλεφαής), mas também pode advir de θηλή ‘teta’ + ἔλαφος ‘cervo(a)’, derivação que remete ao fato de ele ter sido amamentado por uma cerva, daí epitetá-lo *chupa-cerva* (alternativamente a *chupa-cabra* ou a *mama-gazela*); cf. AP 5.225.

⁵⁸ Δάφνις *Dáfnis*: pastor siciliano, filho de Hermes e duma ninfa, protegido das Musas e tido como criador da poesia bucólica — apreendeu com Pã a cantar e a tocar flauta e funcionou como figura civilizadora junto aos pastores, ensinando-os a respeitar e honrar os deuses, propagando o culto a Dioniso etc. Belo e inteligente, queridinho de deuses e homens, quando morreu seus cachorros o seguiram na morte (ele apreciava também a caça), as ninfas ficaram inconsoláveis, enquanto Pã e Apolo, que costumavam acompanhar-lhe os passos, retiraram-se dos campos, e a terra ficou estéril, cheia de espinhos e ervas daninhas. Admitido no Olimpo, tomou para si a proteção dos pastores e rebanhos; tudo voltou a florir, brotar e crescer, os rochedos, vales e florestas clamaram em júbilo seu nome. Ganhou templos e altares onde lhe faziam libações e oferendas como a Dioniso e Deméter, sendo para os camponeses quase um outro Apolo. (COMMELIN)

⁵⁹ Πᾶν *Pã*: “Filho de Hermes e da ninfa Dríope que ele tinha seduzido tomando a forma dum bode; deus dos rebanhos; personificava a Natureza. Figurava no cortejo de Dioniso, corria pelos montes e vales, caçando ou acompanhando a dança das ninfas com a flauta pastoril, por ele inventada. Tinha chifre e pés de cabra. A sua aparição assustava, e daí a expressão *terror pânico* para designar um medo repentino e violento [...]” (LELLO)

VI.303 - Aríston

ὦ μύες, εἰ μὲν ἐπ' ἄρτον ἐληλύθατ', ἐς μυχὸν ἄλλον
στείχετ' (ἐπεὶ λειτὴν οἰκέομεν καλύβην),
οὗ καὶ πίονα τυρὸν ἀποδρέψεσθε καὶ αὔην
ἰσχάδα καὶ δεῖπνον συχνὸν ἀπὸ σκυβάλων·
εἰ δ' ἐν ἐμαῖς βύβλοισι πάλιν καταθήξετ' ὀδόντα,
κλαύσεσθ' οὐκ ἀγαθὸν κῶμον ἐπερχόμενοι.

Olá, camundongos! A que devo a honra?
Se é pelo bolo de fubá, procurai
outra freguesia, que a coisa aqui está feia.
Nos grã-finos lograreis surrupiar
gorgonzola e figo seco e toda sorte
de sobejos dignos dos lautos jantares.
Mas se de novo amolardes nos meus livros
os dentes, a farra não sairá barato.

Livro VII

VII.71 – Getúlico⁶⁰

Σῆμα τόδ' Ἀρχιλόχου παραπόντιον, ὅς ποτε πικρὴν
μοῦσαν ἐχιδναίῳ πρῶτος ἔβαψε χόλῳ
αἰμάξας Ἑλικῶνα τὸν ἡμερον. οἶδε Λυκάμβης
μυρόμενος τρισσῶν ἄμματα θυγατέρων.
ἡρέμα δὴ παράμειπον, ὁδοιπόρε, μή ποτε τοῦδε
κινήσης τύμβῳ σφῆκας ἐφεζομένους.

Nesta praia jaz Arquíloco⁶¹, que outrora
de vipéria bílis as Musas banhou
e de sangue, o Helicão⁶². Foi quando Licambes
da força as três filhas plangente colheu.
Passa de largo, andarilho, e devagar,
não vás agitar as vespas sobre a campa.⁶³

⁶⁰ “A conventional epigram, straightforward in vocabulary and phrasing.” (PAGE)

⁶¹ Ἀρχίλοχος *Arquíloco*: “Poeta lírico grego, do século VII a.C., nascido em Paros. Inventou o verso jâmbico, de que fez, nas suas sátiras, uma arma terrível. Diz-se que, tendo-lhe Licambo prometido uma filha em casamento, faltando depois à sua palavra, o poeta se vingou escrevendo versos tão sangrentos, que o pai e suas três filhas, cheios de desespero, se enforcaram. Arquíloco teria sido morto às mãos duma das suas vítimas.” (LELLO)

⁶² Monte da Beócia, consagrado às Musas. (ISIDRO)

⁶³ Cf. VII.352.

VII.309 – anônimo

Ἐξηκοντούτης Διονύσιος ἐνθάδε κεῖμαι,
Ταρσεύς, μὴ γήμας. αἶθε δὲ μὴδ' ὁ πατήρ.

Aqui jazo sessentão, Dionísio de Tarso;
nunca casei, quem dera tampouco meu pai.

VII.310 – anônimo

Θάψεν ὃ με κτείνας κρυπτὸν φόνον· εἰ δέ με τύμβῳ
δωρεῖται, τοίης ἀντιτύχοι χάριτος.

Encriptou-me com seu crime quem me matou!
Que obtenha em troca os mesmos obséquios.

VII.352 – anônimo (ou Meleagro)

Δεξιτερὴν Αἶδαο θεοῦ χέρα καὶ τὰ κελαινὰ
ὄμνυμεν ἀρρήτου δέμνια Περσεφόνης,
παρθένοι ὥς ἔτυμον καὶ ὑπὸ χθονί· πολλὰ δ' ὁ πικρὸς
αἰσχρὰ καθ' ἡμετέρης ἔβλυσε παρθενίης
Ἀρχίλοχος· ἐπέων δὲ καλὴν φάτιν οὐκ ἐπὶ καλὰ
ἔργα, γυναικεῖον δ' ἔτραπεν ἐς πόλεμον.
Πιερίδες, τί κόρησιν ἐφ' ὕβριστήρας ἰάμβους
ἐτράπετ', οὐχ ὅσιφ' φωτὶ χαριζόμεναι;

Pela destra de Hades⁶⁴ e os negros aposentos
da indizível Perséfone⁶⁵ juramos
que ainda sob a terra somos virgens! Mil
vezes infamou-nos a virgindade
Arquíloco amargo: de belos versos não
fez belas obras — combateu mulheres.
Piérides⁶⁶, por que a moças iambos ultrajantes
volvestes, a um ímpio dotando bem?⁶⁷

⁶⁴ Ἄιδης (ou Πλούτων Plutão, “doador de riquezas”), rei do mundo subterrâneo e deus dos mortos, filho de Cronos e Réia, raptou sua sobrinha Cora/Perséfone (filha de seus irmãos Zeus e Deméter) para tê-la como esposa.

⁶⁵ ἀρρήτου ... Περσεφόνης, “i.e. whose mystic name it was not allowed to utter” (PATON); ἄρρητος “não dito, desconhecido; secreto, misterioso, sagrado; indizível, inefável; horrível; que não se pode dizer sem corar” (ISIDRO), *fem.* ἀρρήτη *dór.* ἀρρήτα (BAILLY); ἀρρήτη κόρη “the maid whom none may name (i.e. Persephone)” (LIDDELL-SCOTT). Cf. última nota em VII.364.

⁶⁶ Πιερίδες *Piérides*: i.e. as Musas, de Piéria, “região da Macedônia, junto ao Olimpo, mansão das Musas” (ISIDRO).

⁶⁷ Cf. VII.71.

VII.364 – Marco Argentário

Ἀκρίδι καὶ τέττιγι Μυρῷ τόδε θήκατο σῆμα,
λιτὴν ἀμφοτέροις χερσὶ βαλοῦσα κόνιν,
ἥμερα δακρύσασα πυρῆς ἐπὶ τὸν γὰρ ἀοιδὸν
Ἄιδης, τὴν δ' ἐτέρην ἥρπασε Περσεφόνη.

Do gafanhoto e da cigarra despediu-se
Mira⁶⁸ neste jazigo, chorando
sobre a pira de parcas cinzas. A corista⁶⁹,
Hades⁷⁰ levará; Cora⁷¹, o saltão.

VII.383 – Filipe de Tessalônica

Ἡόνιον τόδε σῶμα βροτοῦ παντλήμονος ἄθρει
σπαρτόν, ἀλιρραγέων ἐκχύμενον σκοπέλων·
τῇ μὲν ἐρημοκόμης κεῖται καὶ χῆρος ὀδόντων
κόρση, τῇ δὲ χερῶν πενταφυεῖς ὄνυχες
πλευρά τε σαρκολιπῇ, ταρσοὶ δ' ἐτέρωθεν ἄμοιροι
νεύρων καὶ κώλων ἐκλυτος ἀρμονίη.
οὗτος ὁ πουλυμερὴς εἷς ἦν ποτε. φεῦ μακαριστοί,
ὅσσοι ἀπ' ὠδίνων οὐκ ἴδον ἠέλιον.

Contempla na praia o corpo deste infeliz:
arrebentou-se contra os escolhos!
Aqui a cabeça escarpada, e nem sinal
dos dentes; ali as unhas das mãos,
e as costelas à mostra; acolá os tarsos sem
tendões... A harmonia feita em pedaços,
o indivíduo que virou miscelânea. Sorte
de quem malparado o sol não viu!⁷²

⁶⁸ No original Μυρῷ *Miró*; curiosamente μύρω (na voz média) significa ‘debulhar-se em pranto’, ‘lamentar-se’. A opção por Μύρα *Mira*, cidade da Lícia cujo nome significa ‘perfume’ ou ‘mercado de perfumes’, foi para não deixar dúvida quanto ao gênero (outra seria Μύρρα *Mirra*, forma eólica de Σμύρνα Esmirna, cidade da Jônia, e também nome da filha de Ciniras, designativo do perfume de mirra, μύρρα).

⁶⁹ Em grego, cigarra é masculino (ὁ τέττιξ), referida aqui como ἀοιδός *aedo*; gafanhoto é feminino (ἡ ἀκρίς), aparece como ἡ ἐτέρη ‘a outra’ no último verso, dando a entender que a cigarra era a preferida da enlutada Mira — os antigos apreciavam muito o seu canto (AUTENRIETH), e os atenienses pré-Sólon usavam o adereço χρύσεος τέττιξ *cigarra dourada*, signo da condição de autóctone, como se supunha serem as cigarras (Middle LIDDELL).

⁷⁰ Cf. primeira nota em VII.352.

⁷¹ Κόρη Core, dórico Κόρα Cora, de κόρη / κόρα, a “Filha” (de Deméter), nome sob o qual Perséfone era adorada na Ática (Middle LIDDELL) — no epigrama está Περσεφόνη *Perséfone*. Cf. nota em VII.352.

⁷² “Pessimisme plus apparent que réel: Philippe veut dire qu’il voudrait mieux être mort-né que de mourir *ainsi*; mais il ne maudit pas la vie en général.” (WALTZ)

VII.398 – Antípatro de Tessalônica

Οὐκ οἶδ', εἰ Διόνυσον ὀνόσσομαι ἢ Διὸς ὄμβρον
μέμψομ'· ὀλισθηροὶ δ' εἰς πόδας ἀμφοτέρω.
ἀγρόθε γὰρ κατιόντα Πολύξενον ἔκ ποτε δαιτὸς
τύμβος ἔχει γλίσχρων ἐξεριπόντα λόφων·
κεῖται δ' Αἰολίδος Σμύρνης ἐκάς. ἀλλὰ τις ὄρφνης
δαιμαῖνοι μεθύων ἀτραπὸν ὑετίνην.

Devo apontar Dioniso, ou boto a culpa em Zeus⁷³
tempestuoso? Se os dois nos ensaboam o piso...
Que o diga Polixeno: ao voltar duma festa,
resbalou no barranco e bateu a caçoleta.
Jaz distante da Esmirna eólia⁷⁴. Pobre do ébrio
que a rota no breu chovediça destemer.

VII.405 – Filipe

ὦ ξεῖνε, φεῦγε τὸν χαλαζεπῆ τάφον
τὸν φρικτὸν Ἰππώνακτος, οὗ τε χά τέφρα
ιαμβιάζει Βουπάλειον ἐς στύγος,
μή πως ἐγείρης σφῆκα τὸν κοιμώμενον,
ὃς οὐδ' ἐν Ἄιδῃ νῦν κεκοίμικεν χόλον
σκάζουσι μέτροις ὀρθὰ τοξεύσας ἔπη.

Desvia-te, gringo, do granizoante⁷⁵ tumulto
de Hipônax⁷⁶ jambélico⁷⁷, de quem até as
cinzas lançam escazontes contra Bupalos;⁷⁸
não queiras os marimbondos atrair
do Inferno⁷⁹, onde seguem destilando colera⁸⁰
em metros rengos⁸¹ que munem o aguilhão.

⁷³ Διόνυσος *Dioniso*: “filho de Zeus, a quem ajudou na guerra contra os gigantes. Deus do vinho e das forças produtivas da natureza.” Ζεύς, Διός *Zeus*: “pai dos deuses. Venceu os Titãs, destronou o seu pai Saturno e deu a Posídon o mar, a Plutão o inferno e reservou para si o céu e a terra.” (ISIDRO)

⁷⁴ “Sans doute, sa patrie. Il s’agit encore (cf. 371, 376 etc.) d’un mort enseveli au loin sur une terre étrangère.” (WALTZ)

⁷⁵ χαλαζεπῆ τάφον *túmulos que manda uma saraivada de palavras*.

⁷⁶ Ἰππῶναξ *Hipônax*, “de Éfeso, poeta satírico grego (séc. IV a.C.); autor de poesias violentas e realistas. Criou o verso jámbico, colíambo.” (LELLO)

⁷⁷ jambo + bélico, em função de φρικτός *terrível/horrendo* e ιαμβιάζω/ιαμβίζω *atacar com sátiras iâmbicas*.

⁷⁸ βούπαλος *Bupalos*: “Escultor que modelou Hipônax feiamente e em razão disso foi tão espinhafrado por ele, que cometeu suicídio.” (BECKBY)

⁷⁹ Ἄιδης *Hades*, aqui *mansão dos mortos* (ISIDRO).

⁸⁰ *tumulo ... Bupalos ... colera* (sic), a fim de arremedar o metro coxo de Hipônax; se pronunciado sem o acento, os versos ímpares deixam de ser esdrúxulos e tornam-se bárbaros, i.e. passam a terminar em paroxítona e a contar 13 sílabas métricas.

⁸¹ “[...] Hipônax de Éfeso era tido como inventor do trímetro iâmbico *escazonte* (i.e. manco) ou *colíambo*, assim chamado porque o espondeu do sexto pé invertia o ritmo; esse verso, de caráter popular, o metro preferido de Hipônax, foi depois dele empregado sobretudo pelos Alexandrinos (Calímaco, Herondas) e por Bábrion [...]” (WALTZ)

Livro IX

IX.120 – Luciano de Samósata

Φαῦλος ἀνὴρ πίθος ἐστὶ τετρημένος, εἰς ὃν ἀπάσας
ἀντλῶν τὰς χάριτας εἰς κενὸν ἐξέχεας.

Gente ruim é que nem caneca furada:
as gentilezas terás versado de balde.

IX.251 – Eveno

Ἐχθίστη Μούσαις σελιδηφάγε, λωβήτειρα
φωλάς, ἀεὶ σοφίης κλέμματα φερβομένη,
τίπτε, κελαινόχρως, ἱεραῖς ψήφοισι λοχάζῃ,
σίλφῃ, τὴν φθονερὴν εἰκόνα πλαττομένη;
φεῦγ' ἀπὸ Μουσάων, ἴθι τηλόσε, μηδ' ὅσον ὄψει
βάσκανον ἐν ψήφῳ δόξαν ἐπείσαγ' ἀγῇ.

Odiosa às Musas biblioclasta, eversora
falaz, corroendo à solapa o saber,
por quê, argêntea, sacros votos insídias,
ó lepisma, e da invidía o retrato traças?
Teme as Musas, vai-te, nem mesmo ofereças
a mera cogitação do malefício.

IX.334 – Perses

Κἀμὲ τὸν ἐν σμικροῖς ὀλίγον θεὸν ἦν ἐπιβώσης
εὐκαίρως, τεύξῃ· μὴ μεγάλων δὲ γλίχου·
ὥς ὃ τι δημοτέρων δύναται θεὸς ἀνδρὶ πενέστη
δωρεῖσθαι, τούτων κύριός εἰμι Τύχων.

Se comigo, entre os menores deus pequeno,
enticares, terás! Mas nada excessivo —
como um deus do povo em boa hora agracia
a quem dá duro, imperante eis-me Tício!⁸²

⁸² Τύχων *Tícon*, divindade menor de apelo fálico, amiúde identificada com Priapo. Epigrama também traduzido por João Ângelo Oliva Neto em *Falo no Jardim* (São Paulo/Campinas: Ateliê, UNICAMP, 2006, p. 82) — cf. nota em XI.224.

IX.350 – Leônidas de Alexandria⁸³

Ἦτριά μοι βύβλων χιονώδεα σὺν καλάμοισιν
πέμπεις, Νειλορύτου δῶρον ἀπὸ προβολῆς,
μουσοπόλῳ δ' ἀτελῇ, Διονύσιε, μηκέτι πέμπε
ὄργανα. τίς τούτων χρῆσις ἄτερ μέλανος;

Níveos papiros com cálamos me envias,
presente do níllico delta.
Assim deixas, Dionísio⁸⁴, o poeta na mão!
Vale o quê, sem tinta nem tinto?⁸⁵

IX.359 – Posípido (ou Platão cômico)

Ποίην τις βίοτοιο τάμοι τρίβον; εἰν ἀγορῇ μὲν
νείκεα καὶ χαλεπαὶ πρήξεις, ἐν δὲ δόμοις
φροντίδες· ἐν δ' ἀγροῖς καμάτων ἄλις, ἐν δὲ θαλάσσῃ
τάρβος· ἐπὶ ξείνης δ', ἣν μὲν ἔχῃς τι, δέος·
ἣν δ' ἀπορῇς, ἀνηρόν. ἔχεις γάμον; οὐκ ἀμέριμνος
ἔσσεαι. οὐ γαμέεις; ζῆς ἔτ' ἐρημότερος.
τέκνα πόνοι, πῆρωσις ἄπαις βίος. αἱ νεότητες
ἄφρονες, αἱ πολιαὶ δ' ἔμπαλιν ἀδρανέες.
ἦν ἄρα τοῖν δοιοῖν ἐνὸς αἴρεσις, ἢ τὸ γενέσθαι
μηδέποτ' ἢ τὸ θανεῖν αὐτίκα τικτόμενον.

Qual vereda a melhor? Se na pública vigem
disputa e falcatrúia, na doméstica abunda
preocupação. No campo, extenuação; no mar,
sereia. No exterior, se tens algo, temor;
tens nada, azar o teu. Matrimônio contrais,
adeus sossego; inupto, a solidão te acossa.
Filhos trabalho dão; sem eles não és pleno.
Jovens juízo não têm; velhos, vera potência.
Ao fim e ao cabo, opções plausíveis só tem duas:
nem sequer ter nascido, ou morrer mal nasceu!

⁸³ “Leonides complains (no doubt joking) that the gift which he has received from Dionysius is incomplete: he has the papyrus and the pen, but where is the ink?” (PAGE)

⁸⁴ Pode tratar-se do gramático Dionísio, o Trácio (Alexandria, 170 a.C. — 90 a.C.), como quer BECKBY, ressaltando-se que Leônidas viveu no séc. I dC.

⁸⁵ Original em ἰσοψηφία **isopsefia**, i.e. a soma dos valores numéricos de cada letra é igual entre cada dístico de epigrama com 4 linhas e, se for de 2 linhas, igual entre ambas — no caso desse epigrama, 1 + 2 = 3 + 4 = 8035, conforme a tabela α—ε = 1—5, ζ—θ = 7—9, ι—π = 10—80, ρ—ω = 100—800, sendo que os números 6, 90 e 900, representados por letras obsoletas, são desconsiderados, iota adscrito conta sempre e vogal elidida, nunca. Leônidas não inventou o princípio da isopsefia, mas sim a sua aplicação ao epigrama, numa espécie de “jogo de salão”. (PAGE)

IX.360 – Metrodoro⁸⁶

Παντοῖν βίότιο τάμοις τρίβον. εἰν ἀγορῇ μὲν
κύδεα καὶ πινυταὶ πρήξεις, ἐν δὲ δόμοις
ἄμπαυμ'. ἐν δ' ἀγροῖς φύσιος χάρις, ἐν δὲ θαλάσση
κέρδος· ἐπὶ ξείνης δ', ἣν μὲν ἔχῃς τι, κλέος·
ἣν δ' ἀπορῇς, μόνος οἶδας. ἔχεις γάμον; οἶκος ἄριστος
ἔσσεται. οὐ γαμέεις; ζῆς ἔτ' ἐλαφρότερον.
τέκνα πόθος, ἄφροντις ἄπαις βίος. αἱ νεότητες
ῥωμαλέαι, πολιαὶ δ' ἔμπαλιν εὐσεβέες.
οὐκ ἄρα τῶν δισσῶν ἐνὸς αἵρεσις, ἢ τὸ γενέσθαι
μηδέποτ' ἢ τὸ θανεῖν· πάντα γὰρ ἐσθλὰ βίω.

Há vereda melhor? Se na pública vigem
sucesso e pundonor, na doméstica abunda
descontração. No campo, agraciação; no mar,
peixe. No exterior, se tens algo, prestígio;
tens nada, discrição. Matrimônio contrai,
lar doce lar; inupto, andas a teu talante.
Filhos alento dão; sem eles, nem te estressas.
Jovens vendem tesão; velhos, vero *know-how*.
Ao fim e ao cabo, (que bobagem desnascem
ou ter morrido) a vida é mesmo boa demais!

IX.369 – Cirilo

Πάγκαλόν ἐστ' ἐπίγραμμα τὸ δίστιχον· ἦν δὲ παρέλθῃς
τοὺς τρεῖς, ῥαψωδεῖς κούκ ἐπίγραμμα λέγεις.

Epigrama sem par tem um dístico. Além
rapsodias⁸⁷, não epigramatizas.

IX.577 – Ptolomeu⁸⁸

Οἶδ', ὅτι θνατὸς ἐγὼ καὶ ἐφάμερος· ἀλλ' ὅταν ἄστρον
μαστεύω πυκινὰς ἀμφιδρόμους ἑλικας,
οὐκέτ' ἐπιψάύω γαίης ποσίν, ἀλλὰ παρ' αὐτῷ
Ζανὶ θεοτρεφέος πίμπλαμαι ἀμβροσίης.

Sou mortal, efêmero — um dia, hoje talvez,
hei de fenecer. Mas quando viajo nas circun-
voluções dos astros, saem do chão meus pés:
junto a Zeus me empanturro de ambrosia divina.

⁸⁶ “On the pleasures of life. A reply to Posidippus. Metrodorus retains two thirds of the model’s words, reversing the sense of each phrase, usually by changing a noun or adjective [...]” (PAGE).

⁸⁷ Em português ‘epigramatizar existe (i.e. está dicionarizado), mas ‘rapsodiar’ não...

⁸⁸ “The astronomer’s intimations of immortality.” (PAGE)

Livro X

X.20 – Adaio

Ἦν τινα καλὸν ἴδης, εὐθὺς τὸ πρῆγμα κροτείσθω·
βάζ', ἃ φρονεῖς· ὄρχεων δράσσεο χερσὶν ὅλαις·
ἦν δ' εἵπης· “Τίω σε καὶ ἔσσομαι οἷάτ' ἀδελφός,”
αἰδώς σου κλείσει τὴν ἐπὶ τοῦργον ὁδόν.

Belezura presente, malha o ferro quente!⁸⁹
Fala sem rodeios! Arrocha os bagos nas mãos!
Porque se dizes “Te admiro fraternalmente...”,
teus caminhos o acanhamento fará vãos.

X.58 – Paladas⁹⁰

Γῆς ἐπέβην γυμνὸς γυμνός θ' ὑπὸ γαῖαν ἄπειμι·
καὶ τί μάτην μοχθῶ γυμνὸν ὄρων τὸ τέλος;

Pelado à Terra vim, pelado dela irei!
Vãmente afã pra quê, pelada a parca vendo?

⁸⁹ εὐθὺς τὸ πρῆγμα κροτείσθω “Strike while the iron is hot”, abonação pelo LIDDELL-SCOTT no verbete κροτέω “fazer ressoar; fazer ranger; bater, embater com estrépito; tocar um instrumento; forjar, modelar, dar golpes; bater as mãos, aplaudir” (ISIDRO). Também no BAILLY se encontra essa abonação para κροτέω, mas não como provérbio: “que l’affaire soit vivement menée”. No verbete **‘Fer’ ferro** do *Dicionário de Provérbios* da UNESP (Lacerda et al.) há algumas versões desse provérbio, além da supracitada: “Il faut battre le fer tandis/pendant qu’il est chaud”; “A ferro quente, malhar de repente”, ou “Malha o ferro enquanto está quente”; “Ferrum cudendum est dum candet in igne”; “Il ferro va battuto quando è caldo”; “cuando el hierro está encendido, entonces ha de ser batido” (ou “Golpea el hierro mientras está caliente”); “Man soll [muss] Eisen schmieden, solange es heiss ist”. Voltando ao epigrama, tanto PATON quanto BECKBY seguem a linha aforística: “If you see a beauty, strike while the iron is hot.” (LIDDELL-SCOTT ‘ipsis literis’) e “Wenn einen Schönen du siehst, dann säume nicht! Schmiede das Eisen!”, i.e. “Se vires um bonito, então não hesites! malha o ferro!”. Na versão ora publicada, expandiu-se o provérbio à linha inteira, especificando-o. Quanto ao 2º verso, PAGE verte em latim a parte “indecente” (seu procedimento-padrão).

⁹⁰ Também traduzido por José Paulo Paes em *Poemas da antologia grega ou palatina: séculos VII a.C. a V d.C.* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 81).

X.118 – anônimo

Πῶς γενόμεν; πόθεν εἰμί; τίνος χάριν ἦλθον; ἀπελθεῖν;
πῶς δύνάμαί τι μαθεῖν μηδὲν ἐπιστάμενος;
οὐδὲν ἐὼν γενόμεν· πάλιν ἔσσομαι, ὥς πάρος ἦα·
οὐδὲν καὶ μηδὲν τῶν μερόπων τὸ γένος.
ἀλλ' ἄγε μοι Βάκχοιο φιλήδονον ἔντυε νᾶμα·
τοῦτο γάρ ἐστι κακῶν φάρμακον ἀντίδοτον.

Como nasci? donde vim? pra quê? pra partir?!
Como aprendi do zero o que sei?
Nasci nada sendo! ao zero retornarei.
Coisa nula a raça dos mortais...
Mas anda, verte de Baco⁹¹ a fonte aprazível,
dos males antídoto e remédio!

X.124 – Glícon⁹²

Πάντα γέλως καὶ πάντα κόνις καὶ πάντα τὸ μηδέν·
πάντα γὰρ ἐξ ἀλόγων ἐστὶ τὰ γινόμενα.

Quanto riso, quanta poeira, quanto nada!
Pois todo devir é desrazão.

Livro XI

XI.70 – Leônidas de Alexandria

Γρῆυν ἔγημε Φιλῖνος, ὅτ' ἦν νέος· ἠνίκα πρέσβυς,
δωδεκέτιν· Παφίη δ' ὥριος οὐδέποτε.
τοιγὰρ ἅπαις διέμεινέ ποτε σπείρων ἐς ἄκαρπα,
νῦν δ' ἐτέροις γήμας ἀμφοτέρων στέρεται.

Filino moço, esposa velha; idoso, esposa
de doze! Em Pafo⁹³ no tempo errado...
Logo não teve filhos — foi de solo infértil
a gozo doutrem, perda dobrada.⁹⁴

⁹¹ Βάκχος Baco: “filho de Zeus e de Semele, deus do vinho e da vindima. Τά Βακχικά, os mistérios e o culto de Baco” (ISIDRO). Nome tardio de Dioniso (Middle LIDDELL). Cf. nota em VII.398.

⁹² “There is no reason to identify this author with that Glycon whose name was given to the ‘glyconic’ verse [...] On the futility of all things.” (PAGE)

⁹³ i.e. nos domínios de Afrodite; cf. nota em V.4.

⁹⁴ Isopsefia = 7246 (cf. nota em IX.350 sobre isopsefia).

XI.71 – Nicarco

Ἦκμασε Νικονόη· καὶ γὰρ λέγω· ἤκμασε δ' αὐτή,
ἦνίκα Δευκαλίων ἄπλετον εἶδεν ὕδωρ.
ταῦτα μὲν οὖν ἡμεῖς οὐκ οἶδαμεν, ἀλλ' ὅτι ταύτην
οὐκ ἄνδρα ζητεῖν νῦν ἔδει, ἀλλὰ τάφον.

Nicole⁹⁵ arrasava, eu que o diga, arrasava
quando Deucalião⁹⁶ o dilúvio encarou.
Mas disso nem temos notícia, porque
se anda atrás de homem, de tumba mais carece.

XI.79 – Lucílio

Πύκτης ὢν κατέλυσε Κλεόμβροτος· εἶτα γαμήσας
ἔνδον ἔχει πληγῶν Ἴσθμια καὶ Νέμεα,
γραῦν μαχίμην τύπτουσιν Ὀλύμπια καὶ τὰ παρ' αὐτῷ
μᾶλλον ἰδεῖν φρίσσων ἢ ποτε τὸ στάδιον.
ἂν γὰρ ἀναπνεύσῃ, δέρεται τὰς παντὸς ἀγῶνος
πληγὰς, ὥς ἀποδῶ· καὶ ἀποδῶ, δέρεται.

Cleombroto, o boxeador, se acabou! Casado,
dos jogos Ístmicos e Nemeus,
dos Olímpicos os socos dá-lhe a megera⁹⁷:
no ringue não tremia como agora.
Se baixa a guarda, paga tomando nocaute,
e se fica esperto, paga igual.

XI.223 – Meleagro

Εἰ βινεῖ Φαβορίνος, ἀπιστεῖς· μηκέτ' ἀπίσκει·
αὐτός μοι βινεῖν εἶπ' ἰδίῳ στόματι.

Favorino não fode ninguém? Fode sim!
faz favor a si mesmo, na boca!⁹⁸

XI.224 – Antípatro

Ἔστηκός τὸ Κίμωνος ἰδὼν πέος εἶφ' ὁ Πρίηπος·
“Οἶμοι, ὑπὸ θνητοῦ λείπομαι ἀθάνατος.”

De Címon viu Priapo⁹⁹ o pau duro e exclamou:

⁹⁵ Νικονόη: Niconoe (vίκη ‘vitória’; νόος ‘alma, mente, coração’).

⁹⁶ Δευκαλίων *Deucalião*: filho de Prometeu, foi o único homem sobrevivente ao dilúvio desencadeado por Zeus, e sua esposa Pirra a única mulher; ambos criaram um novo gênero humano ao jogarem pedras por sobre os próprios ombros. (COMMELIN)

⁹⁷ Μέγαιρα, *lat.* Megaera (a 1ª dentre as três Fúrias, deusas simbólicas da vingança), através do francês *mégère* (cnrtl.fr); no original, γραῦν μαχίμην “velha briguenta”.

⁹⁸ PATON em latim.

— Ai mãe¹⁰⁰, perdi prum mortal, que absurdo!¹⁰¹

XI.226 – Amiano

Εἴη σοι κατὰ γῆς κούφη κόνις, οἰκτρὲ Νέαρχε,
ὄφρα σε ῥηιδίως ἐξερύσωσι κύνες.

Leve seja a ti sob a terra o pó, Narcos¹⁰²
infeliz, pra que os cães te escavoquem fácil.

XI.276 – Lucílio

Εἰς φυλακὴν βληθεὶς ποτε Μάρκος ὁ ἀργός, ἔκοντι
ὀκνῶν ἐξελθεῖν ὠμολόγησε φόνον.

Certa noite sonhou que corria Marcos pigro.
Nunca mais quis correr o risco de deitar-se.

XI.278 – Lucílio (A propósito dum gramático¹⁰³ chifrudo)

Ἔξω παιδεύεις Πάριδος κακὰ καὶ Μενελάου
ἔνδον ἔχων πολλοὺς σῆς Ἑλένης Πάριδας.

Metes o pau no Páris¹⁰⁴ e no Menelau¹⁰⁵,
quando na tua Helena¹⁰⁶ metem vários Páris.¹⁰⁷

⁹⁹ Πρίαπος *Priapo*: “deus dos jardins e dos vinhedos, dos rebanhos, dos pescadores, e também deus da fecundidade e da geração. Era filho de Dioniso e de Afrodite ou de uma ninfa. Colocava-se a imagem do deus à entrada das propriedades de que se confiava a guarda. Personifica a virilidade.” (LELLO)

Dentre seus vários epítetos, destaca-se ἰθυφαλλικός *itifálico*, i.e. *de falo ereto*; o membro avantajado — considerado grotesco na Grécia antiga, a despeito do ἰθύφαλλος *itifalo*, ‘fascinum erectum’, falo carregado nas festas báquicas (LIDDELL-SCOTT) — desse deus “menor” era mormente representado à mostra, i.e. “pra fora”: em esculturas, pinturas, ornamentos, amuletos, adereços, moedas e até espantalhos. Por ser filho de Afrodite e associado a Hermes, há inclusive uma versão hermafrodita dele, Π. ἐρμαφρόδιτος. No âmbito da literatura, destaca-se um conjunto de poemas breves chamado *Priapéia* (a Grega e a Latina), publicada no Brasil em caprichada e meticulosa edição sob o título *Falo no Jardim*, de João Ângelo Oliva Neto (São Paulo/Campinas: Ateliê, UNICAMP, 2006). Em nosso cânone, temos e.g. Bocage com *Ribeirada* (“Poema em um só canto”). Cf. nota em IX.334.

¹⁰⁰ οἶμοι *ai de mim!*

¹⁰¹ PATON em latim.

¹⁰² Νέαρχος *Nearcos* (νέος jovem, ἄρχω comandar / ἀρχός chefe, líder).

¹⁰³ O gramático em apreço está mais para professor ou educador (ou doutrinador, moralizador), considerando-se:

- as acepções de ὁ γραμματικός (BAILLY) *quem ensina a ler e escrever; escreba, secretário; posteriorm. o que se interessa pelas letras, particul. quem se ocupa do estudo ou da crítica dos textos antigos (texto de Homero etc.)*, donde gramático, crítico;
- que o verbo no 1º verso é παιδεύω (idem) *criar uma criança* (no sentido físico); p.ext. no sentido moral *educar, instruir, formar; endireitar, repreender, donde castigar, punir (NT)*.

De qualquer modo, o teor desse epigrama não deixa de ser alusivo ao gramático **normativista**, traído a torto e a direito pela linguagem.

¹⁰⁴ Πάρις *Páris*: “filho de Príamo, com a ajuda de Afrodite levou Helena embora de Esparta e com isso desencadeou a guerra de Troia [...]” (AUTENRIETH).

¹⁰⁵ Μενέλαος *Menelau*: rei de Esparta, irmão de Agamêmnon e marido de Helena, irmã de Clitemnestra, mulher de Agamêmnon, chefe dos gregos na guerra contra Troia; conseguiu resgatar a esposa raptada...

XI.431 – Luciano

Εἰ ταχὺς εἰς τὸ φαγεῖν καὶ πρὸς δρόμον ἀμβλὺς ὑπάρχεις,
τοῖς ποσί σου τρῶγε καὶ τρέχε τῷ στόματι.

Ligeiro na comida e lerdo na corrida?
Come co'os pés e corre co'a boca!

XI.432 – Luciano

Ἔσβεσε τὸν λύχνον μῶρος ψυλλῶν ὑπὸ πολλῶν
δακνόμενος, λέξας· “Οὐκέτι με βλέπετε.”

Mordiam-no tantas pulgas, que o tonto apagou
a luz, dizendo: “Não me veem mais...”¹⁰⁸

Livro XII

XII.6 – Estratão

Πρωκτὸς καὶ χρυσὸς τὴν αὐτὴν ψῆφον ἔχουσιν·
ψηφίζων δ' ἀφελῶς τοῦτό ποθ' εὖρον ἐγώ.

Ânus e ouro têm valor igual¹⁰⁹ — que curioso...
Fiz o cálculo uma vez, brincando.

XII.188 – Estratão

Εἴ σε φιλῶν ἀδικῶ καὶ τοῦτο δοκεῖς ὕβριν εἶναι,
τὴν αὐτὴν κόλασιν καὶ σὺ φίλει με λαβών.

Se um beijo te roubo e ficas puta por isso,
paga na mesma moeda: me beija também.

¹⁰⁶ Ἑλένη *Helena*: “Princesa grega, célebre por sua formosura, filha de Leda, esposa de Menelau. Foi raptada por Páris, o que deu origem à guerra de Troia” (ISIDRO). Há quem dê conta de que ela fugiu com o troiano Páris quando este se hospedava em sua casa, o marido estando de viagem. Em Eurípides ela vai de vadia a virtuosa (melodrama fantástico?) — Hera, ressentida porque Afrodite havia sido eleita por Páris “a mais bela”, raptou Helena (a mais bela mortal, prêmio que a vencedora prometera a Páris) para a ilha de Faro, colocando em seu lugar uma *Doppelgängerin*. Em Heródoto, Páris vai parar no litoral do Egito com sua conquista amorosa (COMMELIN). Cf. XII.207.

¹⁰⁷ Uma tradução razoavelmente “fiel”: *De Páris e Menelau os males explanas, / mas tua Helena em casa muitos Páris tem.*

¹⁰⁸ Alternate take:

*Mordiam-no tantas pulgas, que o tonto apagou
a luz, dizendo: “Já não me veem!”*

¹⁰⁹ i.e. 1570 (cf. nota em IX.350 sobre isopsefia). PATON mantém o grego e ajunta parêntesis: “πρωκτός (podex) and χρυσός (gold)”; BECKBY translitera: “Pröktos und Chrysos”.

XII.207 – Estratão

Ἐχθὲς λουόμενος Διοκλῆς ἀνενήνοχε σαύραν
ἐκ τῆς ἐμβάσεως τὴν Ἀναδυομένην.
ταύτην εἴ τις ἔδειξεν Ἀλεξάνδρῳ τότε ἐν Ἴδῃ,
τὰς τρεῖς ἂν ταύτης προκατέκρινε θεάς.

Ontem Diócles, na banheira estando, emergir
fez uma salamandra¹¹⁰, Anadiômene.¹¹¹
Houvessem-na mostrado a Alexandro¹¹² no Ida,¹¹³
preterido as três deusas teria.¹¹⁴

XII.216 – Estratão

Νῦν ὀρθή, κατάρατε, καὶ εὐτονος, ἡνίκα μηδέν·
ἡνίκα δ' ἦν ἐχθὲς, οὐδὲν ὅλως ἀνέπνεις.

Eis-te a prumo,
ó poltrão,
e bem riço
mas à toa!
Ontem sim
foi mister,
nem com banda
avançavas.¹¹⁵

¹¹⁰ No original σαύρα, sáurio, lagarto; salamandara σαλαμάνδρα (sem etimologia, segundo CHANTRAINE); lagartixa; pênis *espec.* de meninos (cf. AP 12.3 e 12.242: Estratão); espécie de peixe marinho (σαῦρος), *provan.* um tipo de carapau/chicharro ('Caranx trachurus' < τραχύς áspero + οὐρά rabo/cauda) ou de cavala ou de peixe-lagarto (traíra-do-mar). Na variada sinonímia de *pênis*, em português há os seguintes peixes: bagre, bicuda, manjuba, miraguaia, muçum, robalo, traíra (em francês aliás, *poisson* 'peixe' designa 'pênis'). Outra acepção de σαύρα é κάρδαμον pelo *dim.* σαυρίδιον, mastruço (um tipo de agrião), que também é tabuísmo de 'pênis'. BECKBY verteu por 'Entchen' *patinho*, em princípio sem conexão alguma com 'pênis', sendo que em alemão tem-se e.g. 'Schwanzlurch', de 'Schwanz' *cauda* (vulg. pênis, como o fr. 'queue') + Lurch *anfíbio* (fam. pênis), designando os urodelos ("uma ordem de anfíbios caudados, que compreende as salamandras e os tritões", segundo a Wikipedia). PATON opta pelo genérico 'lyzard' lagarto. Uma alternativa com conotação burlesca seria 'iguana' (animal do Caribe, América Central e do Sul).

¹¹¹ i.e. Afrodite, cf. última nota em V.60 (Anadiômene/a).

¹¹² Ἀλέξανδρος, *Alexandre/o* "protetor dos homens"; no caso, Páris.

¹¹³ Ἴδῃ ou dór. Ἴδα, monte da Frígia e da Mísia, monte de Creta.

¹¹⁴ Evitariam portanto a Guerra de Troia. Cf. penúltima nota em XI.278 (Helena).

¹¹⁵ PATON verte em latim; tema da "brochada" aparece também no epigrama V.47 (Rufino).

XII.237 – Estratão

Χαῖρε σύ, μισοπόνηρε πεπλασμένε, χαῖρε, βάναυσε,
ὁ πρόην ὁμόσας μηκέτι μὴ διδόναι.
μηκέτι νῦν ὁμόσης. ἔγνωκα γάρ, οὐδέ με λήθεις·
οἶδα τὸ ποῦ καὶ πῶς καὶ τίνι καὶ τὸ πόσου.

Deu pra ti, paladim fingido, tchau, michê
de merda, de novo prometeste
não sair dando por aí, de novo sei
onde, como, por quanto e pra quem.

Livro XVI

XVI.152 – Gauradas

Ἀχὼ φίλα, μοὶ συγκαταίνεσόν τι. – “Τί;” –
Ἐρῶ κορίσκα; ἃ δέ μ' οὐ φιλεῖ. – “Φιλεῖ.” –
Πρᾶξιαι δ' ὁ καιρὸς καιρὸν οὐ φέρει. – “Φέρει.” –
Τὸ τοίνυν αὐτᾷ λέξον, ὥς ἐρῶ. – “Ἐρῶ.” –
Καὶ πίστιν αὐτᾷ κερμάτων τὸ δός. – “Τὸ δός.” –
Ἀχὼ, τί λοιπὸν ἢ πόθου τυχεῖν; – “Τυχεῖν.”

Eco¹¹⁶ amiga, concede-me um favor. — Favor?
Amo uma guria, que de mim não gosta. — Gosta.
Mas do tempo as asas azo não me dão. — Dão.
Conta-lhe então do amor de que te falo. — Falo.¹¹⁷
Fio-te esta prenda, levá-la tu vais... — Tu vais!
Eco, o que mais pro desejo vingar? — Vingar.¹¹⁸

¹¹⁶ Ἠχώ, *dór*. Ἀχώ Eco: Ninfa filha do Ar e da Terra; punida por Hera, só podia falar quando interpelada, repetindo as últimas palavras que porventura lhe dirigissem. Seu amor incorrespondido por Narciso a fez definhar e empedernir-se até que restasse apenas a voz nos vales, rochedos e florestas por onde se recolheu. Em versão complementar do mito, Pã se apaixonou pela ninfa Eco e com ela teve uma filha chamada Siringe (flauta de vários tubos, feitos do colmo da cana; sirinx). (COMMELIN)

¹¹⁷ A palavra repetida no final do verso é ἐρῶ, respectivamente: 1. amo de paixão, estou enamorado, desejo ardentemente (ἐράω amar; vomitar); 2. ἐρῶ direi (εἶπω dizer, falar, anunciar).

¹¹⁸ O tema popular de Eco (inclusive entre os romanos) aparece noutros epigramas, e.g. XII.43, XVI.153, XVI.154 e XVI.155.

Referências:

AUTENRIETH, G. *A Homeric Dictionary for Schools and colleges*. New York: Harper and Brothers, 1891, 324p. (edição disponível no site do Perseus Digital Library Project)

BAILLY, A. *Le grand dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 2000, xxxii, 2230p.

BECKBY, H. (ed.). *Anthologia graeca (Griechisch-deutsch)*. 2.ed. München: Ernst Heimeran Verlag (Tusculum-Bücherei), 1965. 4v. (texto em grego e alemão [trad. versificada]; introdução e notas em alemão).

BEEKES, R. & van BEEK, L. (col.). *Etymological dictionary of greek*. Leiden [The Netherlands]: Leiden Indo-European etymological dictionary series; v. 1011-2), 2010, xlvii, 1808p.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1999. xviii, 1451p.

COMMELIN, P. *Nouvelle mythologie grecque et romaine*. Paris: Garnier Frères, [1940?] ix, 516p. il.

HOPKINSON, N. (ed.). *Greek poetry of the Imperial Period: an anthology*. Cambridge [UK]: Cambridge University Press, 1994. xiii, 224p. il. (texto em grego, comentários em inglês).

ISIDRO, P. *Dicionário grego-português e português-grego*. 8. ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998. 1054p.

KORINTHIOS, J. *Grande dizionario greco classico greco-italiano*. Milano: Ulrico Hoepli Editore S.p.A., 2017; Edigeo s.r.l. (software), 2017. (aplicativo Android)

LELLO, J. & E. *Lello universal: dicionário enciclopédico luso-brasileiro*. Porto: Lello & Irmão, [1960?] 4v. il.

LIDDELL, H. & SCOTT, R. Scott. *A greek-english lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones, with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press. 19--. (unabridged Liddel-Scott Greek Lexicon, *aka* **LSJ**, aplicativo Android de Walter M. Shandruk; dicionário também disponível no site Perseus Project)

LIDDELL, H. & SCOTT, R. Scott. *An intermediate greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon Press. 19--. (*aka* **Middle Liddell**, disponível no site Perseus Project)

PAGE, D.L. *Further greek epigrams: Epigrams before A.D. 50 from The Greek Anthology and other sources, not included in 'Hellenistic Epigrams' or 'The Garland Of Philip'*. Cambridge [UK]: Cambridge University Press, 1981. xiv, 598p. (texto em grego, comentários em inglês).

PATON, W.R. (ed.). *The greek anthology*. London: William Heinemann, 1953. 5v. (texto em grego e inglês; introdução e notas [poucas] em inglês).

WALTZ, P. (ed.) & GUILLON, J. (col.). *Anthologie Grecque*: première partie: Anthologie palatine. Tome II (livre V), tome III (livre VI), tome IV & V (livre VII). Paris: Les Belles Lettres, 1928-1941. (texto em grego e francês; introdução, notas e comentários em francês).

Como citar este texto (ABNT):

MÜLLER, M. Antologia grega de Marcos Müller. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 62-83, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE RAFAEL BRUNHARA

Rafael Bunhara

Livro V

V.85 – Asclepiádes

Φείδῃ παρθενίης. καὶ τί πλέον; οὐ γὰρ ἐς Ἴδην
ἐλθοῦς' εὐρήσεις τὸν φιλέοντα, κόρη.
ἐν ζωοῖσι τὰ τερπνὰ τὰ Κύπριδος· ἐν δ' Ἀχέροντι
ὅστέα καὶ σποδιή, παρθένε, κεισόμεθα.

Roupas tua virgindade. O que tu ganhas com isso?
No Hades não acharás quem te ame, menina.
Entre os vivos as delícias da Cípris¹¹⁹; no Aqueronte,
como ossos e cinzas, donzela, jazeremos.

V.95 - Anônimo

Τέσσαρες αἱ Χάριτες, Παφίαι δύο καὶ δέκα Μοῦσαι·
Δερκυλὶς ἐν πάσαις· Μοῦσα, Χάρις, Παφίη.

Quatro são as Graças, duas as Páfias¹²⁰, dez as Musas:
Dercílis é uma de cada: Musa, Graça, Páfia.

Livro VII

VII.6 – Antípatro de Sídōn

Ἡρώων κάρυκ' ἀρετᾶς, μακάρων δὲ προφήταν,
Ἑλλάνων βιοτᾶ δεύτερον ἀέλιον,
Μουσῶν φέγγος Ὅμηρον, ἀγήραντον στόμα κόσμου
παντός, ἀλirroθία, ξεῖνε, κέκευθε κόνις.

Ao arauto da virtude de heróis, vate dos venturosos,
segundo sol da vida grega
esplendor das Musas, Homero, voz sem velhice no mundo
inteiro; cobre-o, estrangeiro, a areia batida pelo mar.

VII.7

Ἐνθάδε θεῖος Ὅμηρος, ὃς Ἑλλάδα πᾶσαν ᾄεισε,
Θήβης ἐκγεγαῶς τῆς ἑκατονταπύλου.

Aqui jaz o divino Homero, que cantou por toda a Hélade.
Em Tebas nasceu, a cidade de sete portas.

¹¹⁹ Epíteto de Afrodite, que faz referência à ilha de Chipre, local de nascimento da Deusa.

¹²⁰ Trata-se de Afrodite, que recebe o nome “Páfia” em referência à Pafos, cidade na ilha de Chipre.

VII.43 – Íon

Χαῖρε μελαμπετάλοις, Εὐριπίδη, ἐν γυάλοισι
Πιερίας τὸν αἰεὶ νυκτὸς ἔχων θάλαμον·
ἴσθι δ' ὑπὸ χθονὸς ὄν, ὅτι σοι κλέος ἄφθιτον ἔσται
ἴσον Ὀμηρείαις ἀενάοις χάρισιν.

Salve, Eurípides, nos vales de negras pétalas
da Piéria ¹²¹ tens o leito da noite eterna!
Sabe disto: mesmo sob a terra terá glória imperecível,
igual às graças perenes de Homero.

Livro IX

IX.368 – Imperador Juliano

Τίς, πόθεν εἷς, Διόνυσε; μὰ γὰρ τὸν ἀληθέα Βάκχον,
οὐ σ' ἐπιγινώσκω, τὸν Διὸς οἶδα μόνον·
κεῖνος νέκταρ ὄδωδε, σὺ δὲ τράγου. ἦ ρά σε Κελτοὶ
τῇ πενήνῃ βοτρυῶν τεύξαν ἀπ' ἀσταχύων·
τῷ σε χρὴ καλέειν Δημήτριον, οὐ Διόνυσον,
πυρογενὴ μᾶλλον καὶ Βρόμον, οὐ Βρόμιον.

Sobre a Cerveja

Quem és, Dioniso? De onde? Pelo verdadeiro Baco!
Não te reconheço. Só sei do filho de Zeus.
Ele cheira a néctar; tu, a bode. Sim, os Celtas,
pobres de uvas, fizeram-te dos cereais...
Então, debes se chamar Demétrio, não Dioniso,
antes nascido do trigo que do fogo¹²², e "Bromo"¹²³, não mais Brômio.

IX.385 – Estéfano Gramático

Ἄλφα λιτὰς Χρύσου, λοιμὸν στρατοῦ, ἔχθος ἀνάκτων,
Βῆτα δ' ὄνειρον ἔχει, ἀγορὴν καὶ νῆας ἀριθμεῖ.
Γάμμα δ' ἄρ' ἀμφ' Ἑλένης οἴοις μόθος ἐστὶν ἀκοίταις.
Δέλτα θεῶν ἀγορὴ, ὄρκων χύσις, ἄρεος ἀρχή.
Εἷ, βάλλει Κυθήρειαν Ἀρηά τε Τυδέος υἱός·
Ζῆτα δ' ἄρ' Ἀνδρομάχης καὶ Ἑκτορός ἐστ' ὁ αἰσιστός.
Ἥττ', Αἴας πολέμιζε μόνῳ μόνος Ἑκτορι δίῳ.
Θῆτα, θεῶν ἀγορὴ, Τρώων κράτος, Ἑκτορος εὗχος·
ἐξεσίη δ' Ἀχιλλῆος ἀπειθέος ἐστὶν Ἰῶτα.
Κάππα δ' ἄρ', ἀμφοτέρων σκοπιαζέμεν ἦλυθον ἄνδρες.
Λάμβδα δ', ἀριστήας Δαναῶν βάλλον Ἑκτορος ἄνδρες.

5

¹²¹ Monte no norte da Grécia, onde teriam nascido as Musas.

¹²² Antes nascido do trigo que do fogo" no original, jogo de palavras entre πυρογενής ("nascido do fogo"), epíteto do deus do vinho, e πῦρογενής, "nascido do trigo".

¹²³ "Bromo": do grego "Βρόμον", "cereal", "aveia", formando um jogo de palavras com "Brômio", epíteto do deus Dioniso.

Μῦ, Τρώων παλάμησι κατήριπε τείχος Ἀχαιῶν.
 Νῦ δέ, Ποσειδάων Δαναοῖς κράτος ὥπασε λάθρη.
 Ξῖ, Κρονίδην λεχέεσσι σὺν ὕπνῳ τ' ἤπαφεν Ἥρη.
 Οὔ, Κρονίδης κεχόλωτο Ποσειδάωνι καὶ Ἥρῃ. 15
 Πῖ, Πάτροκλον ἔπεφνεν ἀρήιον Ἑκτορος αἰχμῇ.
 Ῥῶ, Δαναοὶ Τρῶές τε νέκυν πέρι χεῖρας ἔμισγον.
 Σῖγμα, Θέτις Ἀχιλῆι παρ' Ἥφαιστου φέρεν ὅπλα·
 Ταῦ δ', ἀπέλγηγε χόλοιο καὶ ἔκθορε δῖος Ἀχιλλεύς.
 Ὑ, μακάρων ἔρις ὦρτο, φέρει δ' ἐπὶ κάρτος Ἀχαιοῖς. 24
 Φῖ, κρατερῶς κατὰ χεύματ' ἐδάμνατο Τρῶας Ἀχιλλεύς.
 Χῖ δ' ἄρα, τρὶς περὶ τείχος ἄγων κτάνεν Ἑκτορ' Ἀχιλλεύς.
 Ψῖ, Δαναοῖσιν ἀγῶνα διδοὺς ἐτέλεσσεν Ἀχιλλεύς.
 Ὡ, Πριάμῳ νέκυν υἷα λαβὼν γέρα δῶκεν Ἀχιλλεύς.

Resumo da Ilíada, Canto a Canto

Alfa, as súplicas de Crises, a peste do exército, a querela dos soberanos;
Beta contém o sonho, a assembleia, a contagem dos navios.
Gama é o combate homem a homem por Helena entre os maridos.
Delta, a assembleia dos Deuses, a quebra das juras, o início da guerra.
Epsilon, fere Afrodite e Ares o filho de Tideu.
Zeta, a conversa amável entre Andrômaca e Heitor.
Eta, Ajax sozinho luta contra o divino Heitor sozinho.
Théta, assembleia dos Deuses, a vitória dos troianos, vanglória de Heitor.
A embaixada ao inflexível Aquiles está em *Iota*.
Kappa, guerreiros de ambos os lados vão para espionar.
Lambda, os guerreiros de Heitor ferem os melhores dos Dânaos.
Mu, a muralha dos aqueus cai pelas mãos dos troianos.
Nu, Posídon confere vitória aos Dânaos em segredo.
Ksi, Hera engana com cama e sono o Cronida.
Ômicron, o Cronida se enfurece com Posídon e Hera.
Pi, a lança de Heitor mata o guerreiro Pátroclo.
Rô, Dânaos e Troianos se misturam na luta pelo corpo.
Sigma, Tétis leva as armas de Hefesto para Aquiles.
Tau, desiste da cólera o divino Aquiles, e ataca.
Ípsilon, acende a discórdia entre os venturosos, mas a vitória vem aos Aqueus.
Phi, Aquiles às margens do rio brutalmente subjuga os troianos.
Khi, Aquiles matou Heitor e dirige três vezes em torno da muralha.
Psi, Aquiles realiza jogos, que dedica aos Dânaos.
Ômega, Aquiles aceita as mercês e dá a Príamo o cadáver do filho.

IX.401 – Anônimo

Ἡ φύσις ἐξεῦρεν φιλίης θεσμοὺς ἀγαπῶσα
 τῶν ἀποδημούντων ὄργανα συντυχίης,
 τὸν κάλαμον, χάρτην, τὸ μέλαν, τὰ χαράγματα χειρός,
 σύμβολα τῆς ψυχῆς τηλόθεν ἀχνομένης.

A natureza, por apreço às leis da amizade, inventou
 ferramentas para o encontro de amigos ausentes:

cálamo, papel, tinta, a letra manuscrita;
signos do coração que longe se aflige.

IX.489 – Paladas de Alexandria

Γραμματικοῦ θυγάτηρ ἔτεκεν φιλότητι μιγεῖσα
παιδίον ἀρσενικόν, θηλυκόν, οὐδέτερον.

A filha do professor de gramática gerou unida em amor
prole do gênero masculino, feminino e neutro.

IX.507 – Calímaco

Ἡσιόδου τό τ' ἄεσμα καὶ ὁ τρόπος· οὐ τὸν ἀοιδῶν
ἔσχατον, ἀλλ' ὀκνέω μὴ τὸ μελιχρότατον
τῶν ἐπέων ὁ Σολεὺς ἀπεμάξατο. χαίρετε, λεπταὶ
ρήσιες, Ἀρήτου σύμβολον ἀγρυπνίης.

De Hesíodo, a canção e o modo. Não no aedo
exímio, mas creio que nos mais doces
versos o homem de Sólos se moldou. Olá,
breves linhas, sinal da vigília de Arato!¹²⁴

Livro X

X.45 – Paladas de Alexandria

Ἄν μνήμην, ἄνθρωπε, λάβῃς, ὁ πατήρ σε τί ποιῶν
ἔσπειρεν, παύσῃ τῆς μεγαλοφροσύνης.
ἀλλ' ὁ Πλάτων σοὶ τύφον ὀνειρώσσω ἐνέφυσεν
ἀθάνατόν σε λέγων καὶ φυτὸν οὐράνιον.
ἐκ πηλοῦ γέγονας. τί φρονεῖς μέγα; τοῦτο μὲν οὕτως
εἴπ' ἂν τις κοσμῶν πλάσματι σεμνοτέρῳ.
εἰ δὲ λόγον ζητεῖς τὸν ἀληθινόν, ἐξ ἀκολάστου
λαγνείας γέγονας καὶ μιαρᾶς ῥανίδος.

Se te lembrasses, homem, o que fez teu pai
ao te gerar, porias de lado o orgulho.
Mas Platão, sonhador, plantou em ti ilusão,
chamando-te imortal, planta do céu;
Do barro tu nasceste. Por que a arrogância?
Quem diz isso orna-se em ficções solenes.

¹²⁴ Os versos são quase uma *poética em miniatura*: Calímaco filia-se a uma tradição de poesia épica (i.é, de poesia composta em hexâmetros dactílicos) que toma não o “aedo exímio”, Homero, e sua poesia heróica como modelo a ser imitado, mas Hesíodo e Arato de Sólos (“o homem de Sólos”), poetas épicos cujos versos eram ditos “didáticos” – Hesíodo (séc. VII a.C.) compusera *Trabalhos e Dias*, poema sobre os trabalhos da terra, enquanto Arato (315-240 a.C.), o poema *Fenômenos*, que ensina a observar os sinais meteorológicos no céu, assim como Hesíodo ensinava em seu poema o tempo certo para plantar e arar a terra. Talvez estes poemas tenham servido para Calímaco como modelo para as suas *Origens* (Αἴτια), longa coleção de poemas elegíacos em 4 livros que nos restaram fragmentários e tratavam de explicar tradições e festivais do mundo grego.

Se procuras um dito verdadeiro: vieste
de licencioso coito e sêmen sujo.

X.82 – Paladas de Alexandria

Ἄρα μὴ θανόντες τῷ δοκεῖν ζῶμεν μόνον,
Ἕλληνες ἄνδρες, συμφορᾷ πεπτωκότες,
ὄνειρον εἰκάζοντες εἶναι τὸν βίον;
ἢ ζῶμεν ἡμεῖς τοῦ βίου τεθνηκότος;

Não morremos e só parecemos viver,
homens gregos caídos em desgraça,
que pensávamos ser a vida igual a sonho?
Ou vivemos, e a vida é que está morta?

Livro XI

XI.19 – Estratégia

Καὶ πίε νῦν καὶ ἔρα, Δαμόκρατες· οὐ γὰρ ἐς αἰεὶ
πιόμεθ' οὐδ' αἰεὶ παισὶ συνεσσόμεθα.
καὶ στεφάνοις κεφαλᾷς πυκασώμεθα καὶ μυρίσωμεν
αὐτούς, πρὶν τύμβοις ταῦτα φέρειν ἑτέρους.
νῦν ἐν ἑμοὶ πιέτω μέθυ τὸ πλεον ὅστέα τὰμά·
νεκρὰ δὲ Δευκαλίων αὐτὰ κατακλυσάτω.

Bebe agora e ama, Damócrates! Pois não para sempre
beberemos, nem estaremos com meninos:
Coroemos nossas cabeças, nos untamos de perfume
antes que isso outros levem aos nossos túmulos.
Agora bebam meus ossos o máximo de vinho:
mortos, leve-os o dilúvio de Deucalião.

XI.61 – Cônsul Macedônio

Χθιζὸν ἑμοὶ νοσέοντι παρίστατο δῆριος ἀνὴρ
ἱητρὸς δεπᾶων νέκταρ ἀπειπάμενος·
εἶπε δ' ὕδωρ πίνειν, ἀνεμῳλίος, οὐδ' ἐδιδάχθη,
ὅττι μένος μερόπων οἶνον Ὅμηρος ἔφη.

Ontem, quando adoeci, postou-se um inimigo contra mim,
um médico, proibindo-me o néctar das taças;
prescreveu-me beber água. Cabeça de vento, não aprendeu
que Homero diz que o vinho é a força dos homens!¹²⁵

¹²⁵ Ver por exemplo *Ilíada* 6.261: ἀνδρὶ δὲ κεκμηῶτι μένος μέγα οἶνος ἀέξει (“para o homem fatigado, o vinho aviva enormemente a força”).

XI.130 – Poliano

Τοὺς κυκλίους τούτους τοὺς “αὐτὰρ ἔπειτα” λέγοντας
μισῶ, λωποδύτας ἄλλοτρίων ἐπέων.
καὶ διὰ τοῦτ' ἐλέγοις προσέχω πλέον· οὐδὲν ἔχω γὰρ
Παρθενίου κλέπτειν ἢ πάλι Καλλιμάχου.
“θηρὶ μὲν οὐατόεντι” γενοίμην, εἴ ποτε γράψω,
εἵκελος, “ἐκ ποταμῶν χλωρὰ χελιδόνια.”
οἱ δ' οὕτως τὸν Ὅμηρον ἀναιδῶς λωποδυτοῦσιν,
ὥστε γράφειν ἤδη “μῆνιν ἄειδε, θεά.”

Esses cíclicos¹²⁶, esses que falam “e então, depois...”¹²⁷,
eu odeio, larápios são de verso alheio.
É por isso que prefiro a elegia¹²⁸: pois nada tenho
a roubar de Partênio¹²⁹ ou mesmo de Calímaco;
“igual a orelhuda besta”¹³⁰ eu seria, se escrevesse:
“pálidas andorinhas que dos mares vêm¹³¹”.
Mas eles roubam Homero tão descaradamente
que já escrevem até “A ira, Deusa, celebra¹³²”.

XI.211

Γραπτὴν ἐν τοίχῳ Καλπούρνιος ὁ στρατιώτης,
ὥς ἔθος ἐστίν, ἰδὼν τὴν ἐπὶ ναυσὶ μάχην,
ἄσφυκτος καὶ χλωρὸς ὁ θούριος ἐξετανύσθη
“Ζωγρεῖτε,” κράξας, “Τρῶες ἀρηίφιλοι.”
καὶ μὴ τέτρωται, κατεμάνθανε καὶ μόλις ἔγνω
ζῆν, ὅτε τοῖς τοίχοις ὠμολόγησε λύτρα.

O soldado Calpúrnio viu na parede o quadro
de uma batalha naval, e como de praxe,
pálido e sem ar, estatelado no chão o valente gritou:
“Tomai-me vivo, Troianos diletos de Ares!”
Averiguou se não fora ferido e a custo reconheceu
estar vivo, quando concordou em pagar resgate à parede.

¹²⁶ Os poetas cíclicos eram poetas épicos que lidavam com os grandes ciclos épicos: O Ciclo Troiano, que tratava de eventos da Guerra de Troia que ficaram de fora da *Ilíada* e da *Odisseia* e o Ciclo Tebano, eventos em torno do clã de Édipo. Já criticados por Aristóteles (*Poética*) como inferiores aos poemas homéricos por causa de sua falta de unidade, Poliano parece repetir esta crítica ao mencionar o emprego do verso αὐτὰρ ἔπειτα (“e então, depois”), que sugere o caráter episódico e fragmentário destes poemas.

¹²⁷ Trata-se de uma fórmula épica.

¹²⁸ Embora modernamente elegia dê a ideia de canto lamentoso, assim não o era na Grécia Antiga, pois prestava-se a uma variedade de temas. Sua unidade estava no ritmo, uma junção do metro hexâmetro dactílico – o mesmo metro da poesia épica – e um dito “pentâmetro” dactílico.

¹²⁹ Partênio de Niceia (72 a.C.- 14 d.C.) foi um poeta e gramático alexandrino, mas sua única obra que nos restou integralmente foi *Ερωτικὰ Παθήματα* (*Amores Apaixonados*), uma coleção de histórias de amor de personagens da mitologia. Foi muito celebrado por suas elegias, das quais, todavia, apenas nos restaram fragmentos.

¹³⁰ Poliano cita aqui os versos 31-32 das Origens de Calímaco [θηρὶ μὲν οὐατόεντι πανεῖκελον ὀγκήσαιτο/ἄλλος, “Igual a orelhuda besta vocifere/outro [...]”, trad. João Angelo Oliva Neto.

¹³¹ Trata-se de um verso de Partênio (fr.27).

¹³² O início da *Ilíada* de Homero.

XI.430

Εἰ τὸ τρέφειν πώγωνα δοκεῖς σοφίαν περιποιεῖν,
καὶ τράγος εὐπώγων αἶψ' ὅλος ἐστὶ Πλάτων.

Se tu acreditas que cultivar uma barba é adquirir sabedoria,
de repente até um bode de bela barba é um Platão completo.

Livro XII

XII.1 – Estratão de Sárdis

Ἐκ Διὸς ἀρχώμεσθα, καθὼς εἶρηκεν Ἄρατος·
ὕμῃν δ', ὦ Μοῦσαι, σήμερον οὐκ ἐνοχλῶ.
εἰ γὰρ ἐγὼ παῖδάς τε φιλῶ καὶ παισὶν ὁμιλῶ,
τοῦτο τί πρὸς Μούσας τὰς Ἑλικωνιάδας;

“Por Zeus comecemos”¹³³ – como dissera Arato;
com vocês, Musas, hoje eu não me importo.
Pois se eu adoro meninos e com eles reúno-me,
o que tem a ver com isso as Musas Heliconíades?

XII.2 – Estratão

Μὴ ζήτηὶ δέλτοιςιν ἐμαῖς Πρίαμον παρὰ βομοῖς,
μηδὲ τὰ Μηδείης πένθεα καὶ Νιόβης,
μηδ' Ἴτυν ἐν θαλάμοις καὶ ἀηδόνας ἐν πετάλοισιν·
ταῦτα γὰρ οἱ πρότεροι πάντα χύδην ἔγραφον·
ἀλλ' ἰλαραῖς Χαρίτεσσι μεμιγμένον ἡδὺν Ἔρωτα
καὶ Βρόμιον· τούτοις δ' ὀφρύες οὐκ ἔπρεπον.

Não procures em meus escritos Príamo¹³⁴ nos altares,
nem as dores de Medeia e Níobe¹³⁵;
nem Ítis no leito e rouxinóis nas pétalas¹³⁶;
isso os antigos escreveram em profusão.
Mas o doce Amor, misturado às propícias Graças,
e Brômio¹³⁷: p'ra isso, rosto sério não convém.

¹³³ Remete ao verso 1 dos *Fenômenos* de Arato. Zeus é mais indicado a presidir o canto do poeta do que as tradicionais Musas do monte Hélicon, já que o deus, tendo se apaixonado por Ganimedes como conta o mito, é o modelo da relação amorosa entre homens e efesos. O epigrama também relembra a *Teogonia* de Hesíodo, uma vez que este se abre com uma invocação às Musas do Hélicon, em versos muito parecidos com os de Estratão: Μουσάων Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ' αἰεῖδεν, "Pelas Musas Heliconíades comecemos a cantar".

¹³⁴ Príamo, velho rei de Troia, que ao final da *Ilíada* suplica a Aquiles para que retorne o cadáver degradado do filho.

¹³⁵ Níobe, mãe de catorze filhos, julgou-se mais digna de honras que Leto, que teve apenas dois, os gêmeos Apolo e Ártemis. Por esse motivo, teve todos os seus filhos assassinados pelas flechas dos filhos de Leto. Compadecido, Zeus a transformou em pedra.

¹³⁶ Ítis, filho de Tereu e Procne, reis trácios. Procne matou seu próprio filho e serviu sua carne a Tereu sem que ele soubesse. Como punição, é transformada em rouxinol.

¹³⁷ Dioniso. Metonímia para o vinho.

XII.4 – Estratão

Ἀκμῇ δωδεκέτους ἐπιτέρπομαι· ἔστι δὲ τούτου
χὼ τρισκαιδεκέτης πουλὺ ποθεινότερος·
χὼ τὰ δις ἑπτὰ νέμων γλυκερώτερον ἄνθος Ἑρώτων,
τερπνότερος δ' ὁ τρίτης πεντάδος ἀρχόμενος·
ἔξεπικαιδέκατον δὲ θεῶν ἔτος· ἐβδόματον δὲ
καὶ δέκατον ζητεῖν οὐκ ἐμόν, ἀλλὰ Διός.
εἰ δ' ἔτι πρεσβυτέρου τις ἔχει πόθον, οὐκέτι παίζει,
ἀλλ' ἤδη ζητεῖ “τὸν δ' ἀπαμειβόμενος”.

Deleito-me no viço de um rapaz de doze;
o de treze, é mais desejável que esse;
o de catorze, mais doce que a flor dos Amores;
mais deleitável o que está chegando aos quinze;
dezesesseis é uma idade divina. Mas procurar
os de dezessete não é comigo, e sim com Zeus¹³⁸.
E se alguém deseja um mais velho, não está mais brincando,
mas já procura por um “Disse-lhe em resposta”¹³⁹.

XII.5 - Estratão

Τοὺς λευκοὺς ἀγαπῶ, φιλέω δ' ἅμα τοὺς μελιχρώδεις
καὶ ξανθοὺς, στέργω δ' ἔμπαλι τοὺς μέλανας·
οὐδὲ κόρας ξανθὰς παραπέμπομαι· ἀλλὰ περισσῶς
τοὺς μελανοφθάλμους αἰγλοφανεῖς τε φιλῶ.

Adoro os pálidos, mas amo os morenos,
e os loiros também; gosto, aliás, dos de cabelos negros;
e não dispenso os de olhos castanhos, mas sobretudo
por cintilantes olhos negros eu me apaixono.

XII.16 – Estratão

Μὴ κρύπτῃς τὸν ἔρωτα, Φιλόκρατες· αὐτὸς ὁ δαίμων
λακτίζειν κραδίην ἡμετέρεην ἱκανός·
ἀλλ' ἵλαροῦ μετάδος τι φιλήματος. ἔσθ' ὅτε καὶ σὺ
αἰτήσεις τοιάνδ' ἐξ ἐτέρων χάριτα.

Não sejas recatado, Filócrates: o Deus Amor
basta p'ra calcar aos pés nosso coração.
Beija-me, hoje; chegará o dia em que tu
pedirás também esse favor de outro.

¹³⁸ Assim como em 12.1 (ver nota), aqui Estratão cita novamente as *Origens* de Calímaco (fr. 1, v.20) de Calímaco: (βροντᾷ]ν οὐκ ἐμόν, [ἀλλὰ] Διός, "trovo]ar não é comigo, e sim com Zeus". Refere-se aqui, evidentemente, não à paixão de Zeus pelos trovões, mas por meninos.

¹³⁹ τὸν δ' ἀπαμειβόμενος”, "disse-lhe em resposta", é expressão formular em Homero, usada para introduzir a resposta de um herói a outro. A partir dos 17 anos o jovem efebo já é capaz de divergir das opiniões do amante.

XII.18 - Alfeu de Mitilene

Τλήμονες, οἷς ἀνέραστος ἔφυ βίος· οὔτε γὰρ ἔρξαι
εὐμαρὲς οὔτ' εἰπεῖν ἐστὶ τι νόσφι πόθων.
καὶ γὰρ ἐγὼ νῦν εἰμι λίην βραδύς· εἰ δ' ἐσίδοιμι
Ξεινόφιλον, στεροπῆς πτήσομαι ὀξύτερος.
τοῦνεκεν οὐ φεύγειν γλυκὺν Ἴμερον, ἀλλὰ διώκειν
πᾶσι λέγω. ψυχῆς ἐστὶν Ἔρως ἀκόνη.

Infeliz, quem vive sem amor; sem o desejo,
não é fácil agir ou falar;
por exemplo: sou muito lerdo, mas se vejo
Xenófilo, voou mais rápido que a luz.
Por isso, digo: não fujas do doce amor, persiga-o!
Amor é a pedra de toque da alma.

XII.20 - Júlio Leônidas

Ὁ Ζεὺς Αἰθιόπων πάλι τέρεται εἰλαπίναισιν
ἢ χρυσὸς Δανάης εἵρπυσεν εἰς θαλάμους·
θαῦμα γάρ, εἰ Περίανδρον ἰδὼν οὐχ ἤρπασε γαίης
τὸν καλόν. ἢ φιλόπαις οὐκέτι νῦν ὁ θεός;

Zeus compraz-se outra vez em banquetes Etíopes¹⁴⁰,
ou como ouro esgueira-se no leito de Dânae¹⁴¹.
Pois seria um espanto se, ao ver Periandro, não raptasse da terra
o belo. Será que o Deus não mais ama meninos?

Livro XIII

XIII.4 - Anacreonte

Ἀλκίμων σ', Ὠριστοκλείδῃ, πρῶτον οἰκτίρω φίλων·
ᾤλεσας δ' ἦβην ἀμύνων πατρίδος δουληίην.

Bravo Aristoclides, dos amigos, a ti primeiro eu choro.
Morreste jovem, mas repeliste a escravidão da pátria.

Livro XIV

XIV.64 – Anônimo

Ἔστι δίπουν ἐπὶ γῆς καὶ τετράπον, οὗ μία φωνή,
καὶ τρίπον· ἀλλάσσει δὲ φυὴν μόνον, ὅσσ' ἐπὶ γαῖαν
ἐρπετὰ κινεῖται ἀνά τ' αἰθέρα καὶ κατὰ πόντον.

¹⁴⁰ Refere-se aqui a um povo mítico, que vive nas extremidades do mundo e que viviam numa eterna era de ouro, em que os deuses ainda os visitavam e compartilhavam com eles de banquetes.

¹⁴¹ Dânae, princesa de Argos, foi trancafiada pelo pai Acrísio, que temia que seu neto o assassinasse conforme uma antiga profecia. Mas Zeus, transformado em uma chuva dourada, invade a sua prisão e a fecunda.

ἀλλ' ὅποταν πλείστοισιν ἐρειδόμενον ποσὶ βαΐνῃ,
ἔνθα τάχος γυίοισιν ἀφαιρότατον πέλει αὐτοῦ.

O Enigma da Esfinge

É bípede sobre a terra, quadrúpede de uma só voz
e três pés: só ele muda sua forma de quantos rastejam
sobre a terra, se movem no alto do céu ou no fundo do mar.
Mas quando caminha apoiado na maioria dos pés,
Daí que a rapidez de seus membros é a mais débil.

XVI.1 Damágeto

Οὔτ' ἀπὸ Μεσσήνας οὔτ' Ἀργόθεν εἰμὶ παλαιστάς·
Σπάρτα μοι Σπάρτα κυδιάνειρα πατρίς.
κεῖνοι τεχνάεντες· ἐγὼ γε μέν, ὥς ἐπέοικε
τοῖς Λακεδαιμονίων παισὶ, βίᾳ κρατέω.

Não sou lutador da Messênia nem de Argos:
Esparta de ínclitos homens, Esparta é minha pátria!
Aqueles têm a técnica: Eu, contudo – como convém
a todos os espartanos –, primo pela força.

Como citar este texto (ABNT):

BRUNHARA, R. Antologia grega de Rafael Brunhara. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 84-93, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE RODRIGO GARCIA GARAY

Rodrigo Garcia Garay

Livro I

Agatias Escolástico

I.37 – Acerca da gênese do Cristo

Σάλπιγγες, στεροπαί, γαῖα τρέμει· ἀλλ' ἐπὶ μήτρην
παρθενικὴν κατέβης ἄψοφον ἵχνος ἔχων.

Trombetas, clarões, a terra treme; mas, à tua mãe,
a virgem, descendeste com passo sereno.

I.38 – Acerca do mesmo tema

Οὐρανὸς ἢ φάτνη, καὶ οὐρανοῦ ἔπλετο μείζων·
οὐρανὸς ἐργασίῃ τοῦδε πέλει βρέφος.

A manjedoura é o céu, é ainda maior que o céu;
o céu é obra deste recém-nascido.

I.39 – Acerca dos pastores e dos anjos

Εἷς χορός, ἓν μέλος ἀνθρώποισι καὶ ἀγγελιώταις,
οὐνεκεν ἄνθρωπος καὶ θεὸς ἓν γέγονεν.

Um só coro, uma só melodia para homens e mulheres e para os anjos,
pois que homem e Deus tornaram-se um só.

I.40 – Da gênese do Cristo

Οὐρανὸς ἢ φάτνη, καὶ οὐρανοῦ ἔπλετο μείζων,
οὐνεκεν ὄνπερ ἔδεκτο ἄναξ πέλεν οὐρανίωνων.

A manjedoura é o céu; é ainda maior que o céu,
pois aquele que por ela foi recebido é o senhor dos deuses celestiais.

I.41 – Sobre os magos

Οὐκέτι δῶρ' ἀνάγουσι μάγοι πυρὶ ἡλίῳ τε·
ἡέλιον γὰρ ἔτευξε τόδε βρέφος, ὥς πυρὸς αὐγάς.

Já não trazem os magos presentes para o fogo e o sol,
pois o sol este recém-nascido criou, assim como o brilho do fogo.

Livro II

Cristodoro de Tebas no Egito

II.I.97-98 – Sobre Platão

Εἰστήκει δὲ Πλάτων θεοεἰκελος, ὁ πρὶν Ἀθήναις
δείξας κρυπτὰ κέλευθα θεοκράντων ἀρετῶν.

E lá estava o divino Platão, que em Atenas primeiro
revelou os crípticos caminhos das virtudes forjadas pelos deuses.

II.1.372-376 – Sobre Tucídides

Θουκυδίδης δ' ἐλέλιζεν ἐὼν νόον· ἦν δὲ νοῆσαι
οἷά περ ἱστορίας δημηγόρον ἦθος ὑφαίνων·
δεξιτερὴν γὰρ ἀνέσχε μετάρσιον, ὥς πρὶν ἀείδων
Σπάρτης πικρὸν Ἄρηα καὶ αὐτῶν Κεκροπιδάων
Ἑλλάδος ἀμητῆρα πολυθρέπτοιο τιθήνης.

Tucídides revirava sua mente: havia de pensar
que caráter oratório teria sua história, ao tecê-la;
tinha a destra erguida, alta acima do chão, como quando cantou outrora
acerca do amargo combate dos espartanos contra os cecrópidas¹⁴²,
o qual ceifou a Hélade, nutriz de tantas vidas.

II.1.377-381 – Sobre Heródoto

Οὐδ' Ἀλικαρνησοῦ με παρέδραμε θέσπις ἀηδῶν,
Ἡρόδοτος πολύιδρις, ὃς ὠγυγίων κλέα φωτῶν,
ὅσσα περ ἡπείρων δυνάς ἤγαγεν, ὅσσα περ αἰῶν
ἔδρακεν ἐρπύζων, ἐνάταις ἀνεθήκατο Μούσαις,
μίξας εὐεπίησιν Ἰωνίδος ἄνθεα φωνῆς.

Tampouco me passou despercebido o rouxinol, divina inspiração de Halicarnasso, o
douto Heródoto, que dedicou às nove Musas
as glórias dos homens de outrora,
tanto as produzidas pelos dois continentes, quanto as que o tempo
rastejante observou, mesclando as flores da língua jônica
com suas belas palavras.

Livro V

V.1 – Proêmio de Constantino Cefalas

Νέοις ἀνάπτων καρδίας σοφὴν ζέσιν
ἀρχὴν Ἔρωτα τῶν λόγων ποιήσομαι·
πυρσὸν γὰρ οὗτος ἐξανάπτει τοῖς νέοις.

¹⁴² Ou cecrópidas são os atenienses, isto é, os descendentes de Κέκροψ, rei mítico de Atenas.

Inflamando o coração dos jovens de sábio fervor,
farei de Eros o início de nossas palavras:
pois é ele que acende a chama nos jovens.

V.8 – Meleagro

Νῦξ ἱερὴ καὶ λύχνε, συνίστορας οὔτινας ἄλλους
ὄρκοις, ἀλλ' ὑμέας, εἰλόμεθ' ἀμφοτέροι·
χὼ μὲν ἐμὲ στέρξειν, κεῖνον δ' ἐγὼ οὔποτε λείψειν
ὠμόσαμεν· κοινήν δ' εἴχετε μαρτυρίην.
νῦν δ' ὁ μὲν ὄρκιά φησιν ἐν ὕδατι κεῖνα φέρεσθαι,
λύχνε, σὺ δ' ἐν κόλποις αὐτὸν ὄρῳς ἐτέρων.

Ó sacra noite, ó luzeiro, outras testemunhas
dos nossos votos além de vós não tomamos nós dois.
Que ele me amaria, e eu, que nunca o deixaria
juramos em comum, e sois testemunha.
Agora, no entanto, ele diz que votos assim são levados pela chuva,
e tu, luzeiro, o vês, junto ao peito de outrem.

V.14 – Rufino

Εὐρώπης τὸ φίλημα, καὶ ἦν ἄχρι χεῖλεος ἔλθῃ,
ἡδύ γε, κἄν ψαύσῃ μοῦνον ἄκρου στόματος·
ψαύει δ' οὐκ ἄκροις τοῖς χεῖλεσιν, ἀλλ' ἐρίσασα
τὸ στόμα τὴν ψυχὴν ἐξ ὀνύχων ἀνάγει.

O beijo de Europa, ainda que viesse no cantinho do lábio,
doce seria, ainda que tocasse apenas o cantinho da boca.
Mas ela beija não apenas com a ponta dos lábios; como que em fúria
sua boca arranca a alma até das unhas.

V.83 – anônimo

Εἴθ' ἄνεμος γενόμεν, σὺ δὲ δὴ στείχουσα παρ' αὐγὰς
στήθεα γυμνώσῃς καί με πνέοντα λάβοις.

Ai, se eu fosse o vento, e tu, andando pela praia,
desnudasses teus seios e me tomasses quando eu sopro.

V.84 – anônimo

Εἴθε ῥόδον γενόμεν ὑποπόρφυρον, ὄφρα με χερσὶν
ἄρσαμένη χάρισι στήθεσι χιονέοις.

Quem dera eu fosse um botão de rosa púrpura, para que com tuas mãos
me apertasses graciosamente junto aos teus seios de neve.

V.112 – Filodemo

Ἡράσθην· τίς δ' οὐχί; κεκώμακα· τίς δ' ἀμύητος
κώμων; ἀλλ' ἐμάνην· ἐκ τίνος; οὐχὶ θεοῦ;
ἐρρίφθω· πολλὴ γὰρ ἐπείγεται ἀντὶ μελαίνης
θριξ ἥδη, συνετῆς ἄγγελος ἡλικίης.
καὶ παίζειν ὅτε καιρός, ἐπαίξαμεν· ἥνικα
οὐκέτι, λωιτέρης φροντίδος ἀψόμεθα.

Amei.

E quem não amou?

Participei do κῶμος.

E quem não é iniciado nesses ritos festivos?

Mas perdi a razão.

Por quem? Não teria sido por um deus?

Desapegue-se! Pois, no lugar de uma negra cabeleira, já se impõe o cabelo grisalho, mensageiro da idade da sabedoria.

Quando era o tempo certo para brincar, brincamos. Agora, não mais:
à meditação mais elevada nos ateremos.¹⁴³

V.123 – Filodemo

Νυκτερινή, δίκερως, φιλοπάννουχε, φαῖνε, Σελήνη,
φαῖνε δι' εὐτρήτων βαλλομένη θυρίδων·
αὔγαζε χρυσέην Καλλίστιον· ἐς τὰ φιλεύντων
ἔργα κατοπτεύειν οὐ φθόνος ἀθανάτη.
ὀλβίζεις καὶ τήνδε καὶ ἡμέας, οἶδα, Σελήνη·

¹⁴³ Para traduzir os versos acima, seguimos o raciocínio do professor de Literatura Clássica (Florida State University, University of Cambridge) Francis Cairn em *Hellenistic Epigram – Contexts of Exploration* (2016, p. 394-395), acerca da importância do contexto e da forma do diálogo interno. Traçamos um paralelo com um poema *komásico* de Meleagro, analisado e traduzido por Cairns, o AP 12.117. Três elementos em comum são centrais para a interpretação de ambos os poemas: a forma de diálogo interno, o κῶμος (ponto de partida), e o imperativo perfeito médio-passivo ἐρρίφθω.

O *kōmos* era uma forma de festival ritualístico regado a vinho. No início do poema, somos informados que Filodemo se apaixonara. Pelo uso do perfeito κεκώμακα sabemos também que ele participara de um *komos* (teria ele seguido a pessoa amada até o *komos*?) onde perdera a razão (ἀλλ' ἐμάνην), possivelmente por um rapaz (tão belo quanto um deus), e subitamente ... ἐρρίφθω! (“*que seja lançado*”). Mas o quê exatamente deve “*ser lançado*”? Comparemos agora nosso poema com a análise do AP 12.117, segundo Cairns: Meleagro encontra-se no momento da decisão: participar ou não do *komos*? Meleagro hesita, mas resolve participar (κωμάσομαι, κωμάσομαι). E o que fazer de suas convicções filosóficas (seu estudo da lógica)? Aqui, encontramos novamente o imperativo médio-passivo ἐρρίφθω: em um rompante, o poeta refuta seu grande labor acerca do conhecimento (ἐρρίφθω σοφίας ὁ πολὺς πόνος), pois ele nada pode contra o Amor. Mas ἐρρίφθω, no poema de Meleagro, tem por sujeito σοφίας ὁ πολὺς πόνος; no poema de Filodemo temos apenas o verbo, sem um sujeito aparente. Como nosso poema inicia no momento em que Filodemo *já retornou* do *komos*, consideramos que o que “*deve ser lançado (para longe?)*” é o pensamento (φροντίς), ou melhor, o *apego* ao pensamento *sobre o passado* (sobre o *komos* e o seu amado, que possivelmente lá ficou). Aqui, tomamos da liberdade poética e substituímos o *lançar* (ρίπτω) pelo nosso moderno *desapegar-se (do passado)*. O emprego do aoristo ἐπαίξαμεν parece corroborar que a brincadeira (o *komos*) já terminou e que, com a chegada dos cabelos grisalhos, já é hora de ater-se “*à meditação mais elevada*” (λωιτέρης φροντίδος) – conclusão apropriada para um filósofo. Ao contrário de Meleagro, que no AP XII.117 manda sua filosofia longe para participar do *komos*, no AP V.112, Filodemo manda longe o pensamento sobre o *komos*, para retornar à filosofia.

καὶ γὰρ σὴν ψυχὴν ἔφλεγεν Ἐνδυμίων.
Brilha, notívaga Lua, com teu duplo chifre, amiga das noitadas;
brilha, com tua luz lançada por entre as frestas das janelas;
e ilumina a áurea Calístion.
Afinal, observar as ações dos que amam
não é invidia para uma imortal.
Tu alegras a ela e a nós, bem sei, Selene¹⁴⁴:
outroa Endímion inflamava tua alma também.

Livro VI

VI.2 – Simônides

Τόξα τάδε πτολέμοιο πεπαυμένα δακρυόεντος
νηῶ Ἀθηναίης κεῖται ὑπώροφια,
πολλάκι δὴ στονόεντα κατὰ κλόνον ἐν δαΐ φωτῶν
Περσῶν ἵππομάχων αἵματι λουσάμενα.

Este arco, em pausa da lacrimosa guerra,
repousa no templo de Atena, pois muitas vezes
ele, que arrancou tantos gemidos na confusão da batalha,
no sangue dos cavaleiros persas foi lavado.

VI.19 – Juliano, governante do Egito

Κάλλος μὲν, Κυθήρεια, χαρίζεαι, ἀλλὰ μαραίνει
ὁ χρόνος ἐρπύζων σὴν, βασιλεια, χάριν·
δῶρου δ' ὑμετέροιο παραπταμένου με, Κυθήρη,
δέχνυσο καὶ δώρου, πότνια, μαρτυρίην.

A beleza, ó Citéria, tu concedes. Mas faz definhar,
o tempo que se arrasta, a tua graça, ó rainha.
Como vosso presente já voou para longe de mim, Citéria,
aceita este espelhinho, senhora, que da beleza foi testemunha.

VI.60 – Paladas de Alexandria

Ἀντὶ βοὸς χρυσέου τ' ἀναθήματος Ἴσιδι τούσδε
θήκατο τοὺς λιπαροὺς Παμφίλιον πλοκάμους.
ἢ δὲ θεὸς τούτοις γάνυται πλέον ἥπερ Ἀπόλλων
χρυσῶ, ὃν ἐκ Λυδῶν Κροῖστος ἔπεμπε θεῶ.

No lugar de uma oferenda dourada e de um boi para Ísis,
colocou Panfílio estes cachinhos lustrosos.
E a deusa se alegra com eles mais do que Apolo
com o ouro que Cresos, rei dos Lídios, ao deus ofereceu.

¹⁴⁴ Σελήνη (isto é, a Lua) apaixonou-se pelo mortal Endímion, que permanecia em sono perpétuo. Não obstante, ela o visitava todas as noites, e dele gerou 50 filhas.

VI.92 – Filipe de Tessalônica

Αὐλὸν καμινευτῆρα τὸν φιλήνεμον
ρίνην τε κνησίχρυσον ὠκυδήκτορα
καὶ τὸν δίχηλον καρκίνον πυραγρέτην
πτωκὸς πόδας τε τούσδε λειψανηλόγους
ὁ χρυσοτέκτων Δημοφῶν Κυλληνίῳ
ἔθηκε, γήρα κανθὸν ἐξοφωμένος.

O seu aulo com foles, tão afeiçoado ao vento,
e a lixa de raspar ouro, de afiada mordida,
junto com as pinças de fogo duplas,
e também estas patas de pele de lebre para colher as raspas,
o ourives Demofonte para o Cilênio Hermes
aqui depositou, pois seus olhos estão escurecidos pela idade.

VI.153 – Anite

Βουχανδῆς ὁ λέβης· ὁ δὲ θεὸς Ἐριασπίδα υἱός,
Κλεύβοτος· ἅ πάτρα δ' εὐρύχορος Τεγέα·
τάθανα δὲ τὸ δῶρον· Ἀριστοτέλης δ' ἐπόησεν
Κλειτόριος, γενέτα ταὐτὸ λαχὼν ὄνομα.

Um caldeirão contendo um boi, é o que dedica
Cleóbotos, filho de Eriaspis, cuja pátria é a espaçosa Tégea.
Para Atena é o presente que fabricou Aristóteles
de Clêitor, a quem coube a sorte de ter o mesmo nome que o pai.

VI.231 – Filipo

Αἰγύπτου μεδέουσα μελαμβώλου, λινόπεπλε
δαῖμον, ἐπ' εὐιέρους βῆθι θηηπολίας·
σοὶ γὰρ ὑπὲρ σχιδάκων λαγαρὸν ποπάνευμα πρόκειται
καὶ πολιῶν χηνῶν ζεῦγος ἐνυδροβίων
καὶ νάρδος ψαφαρὴ κεγχρίτισιν ἰσχάσιν ἀμφὶ
καὶ σταφυλὴ γραίῃ χῶ μελίπνους λίβανος.
εἰ δ' ὥς ἐκ πελάγους ἐρρύσας Δᾶμιν, ἄνασσα,
κῆκ πενίης, θύσει χρυσόκερων κεμάδα.

Protetora do Egito do negro solo, com teu manto de linho
ó Isis, deusa, desce aos sacros ritos,
pois para ti é posto um fino bolinho,
sobre as lasquinhas de madeira para o fogo,
um par de gansos selvagens que vivem n'água,

e a tênue essência de nardo¹⁴⁵, figos secos com grãos de painço dos dois lados,
e uvas passas com doce incenso.

Mas, se, assim como salvaste Dâmis do alto mar, senhora,
o livrares da penúria, ele te sacrificará um filhote
de veado de chifres d'ouro.

Referências:

CAIRNS, Francis. *Hellenistic Epigrams – Contexts of Exploration*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

LIDDEL, Henry George; SCOTT, Robert. *Greek-English Lexicon*. New York: Harper & Brothers, 1883.

PALMER, David Robert. *The Gospel of Mark (Greek-English Interlinear Text)*, 2015. Disponível em: <<http://bibletranslation.ws/palmer-translation/>>.

Como citar este texto (ABNT):

GARAY, R. G. Antologia grega de Rodrigo Garcia Garay. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 94-100, 2019.

¹⁴⁵ O nardo, ou espiganardo, é uma planta nativa da Índia. Segundo o *Greek-English Lexicon*: “**νάρδος, ἡ**, em Latim *nardus*, planta também chamada de *νάρδον στάχυς* ou *ναρδόσταχυς* (Galeno), em Latim *nardostachyon*, *spica nardi*, *espiganardo* [*spikenard*], utilizada para produzir um bálsamo perfumado ou óleo, planta esta pertencente à ordem *Valerianaceae*, Teofrasto, H.P. 9.7,2, Dioscórides 1. 6-9, cf. Sibth. Fl.Gr. 1.24” (Liddell-Scott, 1883, p. 991). No caso da oblação descrita no poema, trata-se do próprio óleo extraído da planta, pois aí o nardo – ou melhor, “a essência de nardo”, é dita *ψαφαρή*, o que normalmente significaria “em pó”, mas que no caso de líquidos, é sinônimo do *tenuis* latino (Ibid., p. 1753), razão pela qual optamos pela tradução “tênue essência de nardo”. Trata-se de uma oferta bastante cara para a época, como evidenciado no Evangelho de Marcos (14:03):

ἦλθεν γυνὴ ἔχουσα ἀλάβαστρον μύρου νάρδου πιστικῆς πολυτελοῦς· συντρίψασα τὴν ἀλάβαστρον κατέχεεν αὐτοῦ τῆς κεφαλῆς.

“Veio uma mulher portando um vaso de alabastro com **perfume de óleo de nardo, de grande valor**. Após ter quebrado o vaso, ela verteu-lhe sobre a cabeça”.

ANTOLOGIA GREGA DE THIAGO KOSLOWSKI DA ROSA

Thiago Koslowski da Rosa

Livro I

Gregório de Nazianzo

I.92 – Em Cesareia na Igreja de São Basílio

Ἦν ὅτε Χριστὸς ἴαυεν ἐφ' ὀλκάδος ἔμφυτον ὕπνον,
τετρήχει δὲ θάλασσα κυδοιμοτόκοισιν ἀήταις,
δείματί τε πλωτῆρες ἀνίαχον· “Ἐγρεο, σῶτερ·
ὀλλυμένοις ἐπάμυνον.” ἄναξ δὲ κέλευεν ἀναστὰς
ἀτρεμέειν ἀνέμους καὶ κύματα, καὶ πέλεν οὕτως·
θαύματι δὲ φράζοντο Θεοῦ φύσιν οἱ παρεόντες.

Quando Cristo dormia na nau em sono profundo,
o mar agitou-se com violentos ventos,
e os nautas gritaram em terror:
Levanta, salvador!
Socorre àqueles que perecem!
E o príncipe levantando ordenou
apaziguarem-se ventos e ondas, e assim foi:
assombrados, os presentes reconheceram a natureza de Deus.

Livro II

Cristodoro de Tebas no Egito

II.I.69-71 – Sobre Safo

Περικὴ δὲ μέλισσα, λιγύθροος ἔζετο Σαπφῶ
Λεσβιάς ἡρεμέουσα, μέλος δ' εὖμνον ὑφαίνειν
σιγαλαέαις δοκέεσκεν ἀναψαμένη φρένα Μούσαις.

Lésbia Safo, a piérida abelha, sentava calada,
boa melodia de muitos hinos parecia tecer,
tendo a mente voltada para as musas silentes.

Cristodoro de Tebas no Egito

II.1.86-91 – Sobre Crises

Χρύσης δ' αὖθ' ἱερὺς πέλας ἵστατο, δεξιτερῇ μὲν
σκῆπτρον ἀνασχόμενος Φοιβήιον, ἐν δὲ καρῆνῳ
στέμμα φέρων· μεγέθει δὲ κεκασμένος ἔπρεπε μορφῆς,
οἷά περ ἡρώων ἱερὸν γένος· ὥς δοκέω δέ,
Ἀτρείδην ἰκέτευσεν· βαθὺς δὲ οἱ ἦνθεε πάγων,
καὶ ταναῆς ἄπλεκτος ἐσύρετο βότρυς ἐθείρης.

Crises estava logo ao seu lado, na mão esquerda
cetro portava de Febo e a cabeça guirlanda adornava.
Tinha estatura maior que os demais por ser da raça
sacra dos grandes heróis. Parece também que implorava
ante o atrida Agamêmnon; profunda crescia sua barba
e em sua espalda mechas caíam do longo cabelo.

Livro V

V.6 – Calímaco

Ὡμοσε Καλλίγνωτος Ἴωνίδι μήποτ' ἐκείνης
ἔξειν μήτε φίλον κρέσσονα μήτε φίλην.
ὥμοσεν· ἀλλὰ λέγουσιν ἀληθέα, τοὺς ἐν ἔρωτι
ὄρκους μὴ δύνειν οὔατ' ἐς ἀθανάτων.
νῦν δ' ὁ μὲν ἀρσενικῷ θέρεται πυρί, τῆς δὲ ταλαίνης
νύμφης ὥς Μεγαρέων οὐ λόγος οὐδ' ἀριθμός.

Jura Calígnoto à Iônís amor maior não nutrir
por ninguém além dela, mulher ou homem.
Jura, mas verdade dizem quando lembram:
juras de amantes jamais chegam aos imortais.
Anda agora fegoso por um rapaz e da pobre,
como de Mégara, nem resta pau ou pedra.

V.7 – Asclepiádes

Λύχγε, σὲ γὰρ παρεοῦσα τρὶς ὥμοσεν Ἡράκλεια
ἦξειν κοῦχ ἦκει· λύχγε, σὺ δ', εἰ θεὸς εἶ,
τὴν δολίην ἀπάμυνον· ὅταν φίλον ἔνδον ἔχουσα
παίζη, ἀποσβεσθεὶς μηκέτι φῶς πάρεχε.

Lâmpada, ante ti jurou Heracleia três vezes
vir, mas nunca chegou. Lâmpada, se és divindade,
vinga-me da traiçoeira: quando amigo no quarto
em carícias tiver, cessa! Deixa-os no escuro.

V.16 – Marco Argentário

Μήνη χρυσόκερως, δέρκη τάδε, καὶ πυριλαμπεῖς
ἀστέρες, οὓς κόλποις Ὠκεανὸς δέχεται,
ὥς με μόνον προλιποῦσα μυρόπνοος ὄχρετ' Ἀρίστη,
ἐκταῖν δ' εὐρεῖν τὴν μάγον οὐ δύναμαι.
ἀλλ' ἔμπηξ αὐτὴν ζητήσομεν· ἦ ῥ' ἐπιπέμψω
Κύπριδος ἰχνευτὰς ἀργυρέους σκύλακας.

Lua de cornos dourados e astros que em toda parte
brilham e cobrem o mar, vejam como odorífera
Ariste partiu, deixando-me só; por seis dias procuro

pistas, mas ela sumiu como uma maga.
Vamos! Podemos achá-la se eu mandar para ela
todos argênteos cães farejadores de Cípris.

V.23 – Calímaco

Οὕτως ὑπνώσαιοις, Κωνώπιον, ὥς ἐμὲ ποιεῖς
κοιμᾶσθαι ψυχροῖς τοῖσδε παρὰ προθύροις·
οὕτως ὑπνώσαιοις, ἀδικωτάτῃ, ὥς τὸν ἐραστὴν
κοιμίζεις, ἐλέου δ' οὐδ' ὄναρ ἠγνίσας.
γεῖτονες οἰκτεῖρουσι, σὺ δ' οὐδ' ὄναρ· ἡ πολιὴ δὲ
αὐτίκ' ἀναμνήσει ταῦτά σε πάντα κόμη.

Dormes feito pedra e me fazes varar, Pernilonga,
noites dormindo no chão ante tua gélida porta.
Dormes feito pedra e o amante dormindo, malvada,
deixas, nem mesmo vais me encontrar em teus sonhos.
Mesmo os vizinhos condoem-se; tu nem em sonho. Logo
de teu desdém lembrarás vindo os cabelos brancos.

V.57 – Meleagro

Τὴν πυρὶ νηχομένην ψυχὴν ἄν πολλάκι καίης,
φεύξετ', Ἔρωι· καὐτή, σχέτλι', ἔχει πτέρυγας.

Eros, se queres ainda muito minha surrada
alma ferir, fugirá: ela também é alada.

V.89 – Marco Argentário

Οὐκ ἔσθ' οὗτος ἔρωις, εἴ τις καλὸν εἶδος ἔχουσιν
βούλετ' ἔχειν, φρονίμοις ὄμμασι πειθόμενος·
ἀλλ' ὅστις κακόμορφον ἰδὼν, πεφορημένος ἰοῖς,
στέργει, μαινομένης ἐκ φρενὸς αἰθόμενος,
οὗτος ἔρωις, πῦρ τοῦτο. τὰ γὰρ καλὰ πάντας ὁμοίως
τέρπει τοὺς κρίνειν εἶδος ἐπισταμένους.

Não se pode chamar de amor se em plena razão
algo belo quer, olhos sensatos respeitando.
Mas quem vê a feiura e setado por flechas ama,
louco total de paixão, fora de si ardendo:
Isso é amor! Isso é fogo! Pois a beleza,
aos que sabem julgar, é igual a todos.

V.102 – Marco Argentário

Τὴν ἰσχνὴν Διόκλειαν ἀσαρκωτέραν Ἀφροδίτην,
ὄψαι, ἀλλὰ καλοῖς ἦθεσι τερπομένην.
οὐ πολὺ μοι τὸ μεταξὺ γενήσεται, ἀλλ' ἐπὶ λεπτὰ
στέρνα πεσὼν ψυχῆς κείσομαι ἐγγυτάτω.

Vês a pequena Diocleia, uma Afrodite magra,
Mas que da deusa possui muitos e belos dons.
Pouco haverá entre nós, contudo quando no estreito
peito eu repousar, d'alma mais perto estarei.

Livro IX

IX. 331 – Meleagro

Αἱ Νύμφαι τὸν Βάκχον, ὅτ' ἐκ πυρὸς ἦλατο κοῦρος,
νύμφαν ὑπὲρ τέφρης ἄρτι κυλιόμενον.
τοῦνεκα σὺν Νύμφαις Βρόμιος φίλος· ἦν δέ νιν εἵργης
μίσγεσθαι, δέξιη πῦρ ἔτι καιόμενον.

Ninfas lavaram a Baco, recém livrado do fogo,
quando nasceu o rapaz, fora das cinzas rolando.
Essa a razão de amigo ser Brômio unido das Ninfas:
se o vinho não misturar, bebe-o em chamas ainda.

Livro X

X.1 – Leônidas

Ὁ πλόος ὠραῖος· καὶ γὰρ λαλαγεῦσα χελιδὼν
ἦδη μέμβλωκεν χῶ χαρίεις ζέφυρος·
λειμῶνες δ' ἀνθεῦσι, σεσίγηκεν δὲ θάλασσα
κύμασι καὶ τρηχεῖ πνεύματι βρασσομένη.
ἀγκύρας ἀνέλοιο καὶ ἐκλύσαιο γύαια,
ναυτίλε, καὶ πλώοις πᾶσαν ἐφείς ὀθόνην.
ταῦθ' ὁ Πρίηπος ἐγὼν ἐπιτέλλομαι, ὁ λιμενίτας,
ὦνθροφ', ὡς πλώοις πᾶσαν ἐπ' ἐμπορίην.

De navegar já é hora: no céu andorinhas chegaram
farra fazendo no ar; sopra o Zéfiro amável.
Bosques florescem agora, o mar enfim silencia-se,
já não castigam-no mais ondas e duros ventos.
Nautas! Levantem as âncoras, soltem das naves os cabos,
partam por mares sem fim, velas lançando ao vento!
Isto eu mesmo, Priapo, do porto guardião, ordeno:
ó marinheiro, no mar todo viaje vendendo.

X.3 – anônimo

Εἰς Αἶδην ἰθεῖα κατήλυσις, εἴτ' ἀπ' Ἀθηνῶν
στείχοις, εἴτε νέκυς νίσειαι ἐκ Μερόης.
μή σέ γ' ἀνιάτω πάτρης ἀποτῆλε θανόντα·
πάντοθεν εἷς ὁ φέρων εἰς Αἶδην ἄνεμος.

Reto caminho desce ao Hades, tanto se partes

vivo de Atenas ou então morto lá em Meroé.
Não te incomodes se acaso longe da pátria morres:
por qualquer lugar ventos levam ao Hades.

Livro XI

XI.10 – Lucílio

Τὸν τοῦ δειπναρίου νόμον οἶδατε· σήμερον ὑμᾶς,
 Αὔλε, καλῶ καινοῖς δόγμασι συμποσίου.
οὐ μελοποιὸς ἐρεῖ κατακείμενος, οὔτε παρέξεις
 οὔθ' ἕξεις αὐτὸς πράγματα γραμματικά.

Sabes as leis do banquete, hoje, porém, atenta
Aule, te convidarei sob diferente regime.
Poeta lírico algum cantará reclinado ou os outros
perturbará ao falar papos poéticos chatos.

XI.51 – anônimo

Τῆς ὥρας ἀπόλαυε· παρακμάζει ταχὺ πάντα·
 ἐν θέρος ἐξ ἐρίφου τρηχὺν ἔθηκε τράγον.

Bem aproveita o tempo. Rápido tudo passa.
Jovem num verão, n'outro, um bode velho.

Livro XII

XII.258 – Estratão

Ἦ τάχα τις μετόπισθε κλύων ἐμὰ παίγνια ταῦτα
 πάντας ἐμοὺς δόξει τοὺς ἐν ἔρωτι πόνους·
ἄλλα δ' ἐγὼν ἄλλοισιν αἰεὶ φιλόπαισι χαράσσω
 γράμματ', ἐπεὶ τις ἐμοὶ τοῦτ' ἐνέδωκε θεός.

Quando alguém no futuro ouvir meus pequenos poemas,
todas minhas crerá serem as dores do amor.
Eu, no entanto, sempre lapido agruras dos outros
homens, já que um deus deu-me esse dom.

Como citar este texto (ABNT):

ROSA, T. K. da. Antologia grega de Thiago Koslowski da Rosa. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 101-105, 2019.

ANTOLOGIA GREGA DE THIRZÁ BERQUÓ

Thirzá Amaral Berquó

Livro VI

VI.1 – Platão

Ἦ σοβαρὸν γελάσασα καθ' Ἑλλάδος, ἢ τὸν ἐραστῶν
ἐσμὸν ἐνὶ προθύροις Λαῖς ἔχουσα νέων,
τῇ Παφίῃ τὸ κάτοπτρον, ἐπεὶ τοίῃ μὲν ὀρᾶσθαι
οὐκ ἐθέλω, οἷα δ' ἦν πάρος, οὐ δύναμαι.

Eu, a orgulhosa que ria da Hélade, que um dia tive
um enxame de jovens amantes à soleira de minha porta, Laís,
para a Páfia dedico o espelho, pois como agora sou
não desejo me ver, e como era antes não sou mais capaz de me ver.

VI.18 – Juliano, governante do Egito

Λαῖς ἀμαλδυνθεῖσα χρόνῳ περικαλλέα μορφήν
γηραλέων στυγέει μαρτυρίην ῥυτίδων·
ἔνθεν πικρὸν ἔλεγχον ἀπεχθήρασα κατόπτρου
ἄνθετο δεσποίνῃ τῆς πάρος ἀγλαΐης.
“Ἀλλὰ σύ μοι, Κυθέρεια, δέχου νεότητος ἐταῖρον
δίσκον, ἐπεὶ μορφή σὴ χρόνον οὐ τρομέει.”

Laís, cuja forma belíssima foi mitigada pelo tempo,
odeia o testemunho de suas rugas e de seu envelhecimento;
Então, com ódio da aguda evidência do espelho,
dedicou-o à senhora da sua antiga beleza:
“Tu, Citeréia, recebe meu companheiro de juventude,
o espelho, pois a tua forma o tempo não abala.”

VI.59 – Agatias Escolástico

Τῇ Παφίῃ στεφάνους, τῇ Παλλάδι τὴν πλοκαμῖδα,
Ἀρτέμιδι ζώνην ἄνθετο Καλλιρόη·
εὔρετο γὰρ μνηστῆρα, τὸν ἤθελε, καὶ λάχεν ἥβην
σώφρονα καὶ τεκέων ἄρσεν ἔτικτε γένος.

À Páfia, as guirlandas, à Palas, a trança,
à Ártemis, o cinto, Calírooe dedicou.
Pois encontrou o pretendente que desejava e teve a juventude
prudente e dava à luz a meninos para a família.

VI.74 – Agátias Escolástico

Βασσαρὶς Εὐρυνόμη σκοπελοδρόμος, ἢ ποτε ταύρων
πολλὰ τανυκράϊρων στέρνα χαραζαμένη,
ἢ μέγα καγχάζουσα λεοντοφόνους ἐπὶ νίκαις,

παίγνιον ἀτλήτου θηρὸς ἔχουσα κάρη,
 ἰλήκοις, Διόνυσε, τεῆς ἀμέλησα χορείης,
 Κύπριδι βακχεύειν μᾶλλον ἐπειγομένη.
 θῆκα δέ σοι τάδε ρόπτρα, παραρρίψασα δὲ κισσὸν
 χεῖρα περισφίγξω χρυσοδέτῳ σπατάλῃ.

Eu, a bassáride Eurínome que corria sobre as rochas, que outrora
 rasgava o peito de muitos touros de longos chifres,
 a que muito ria ao vencer e chacinar leões,
 que fazia brinquedos com as cabeças de invencíveis feras,
 Perdoa-me, Dioniso, deixei a tua dança,
 apresso-me em ser a bacante de Cípris.
 Dediquei-te estes pandeiros¹⁴⁶, arranquei a coroa de hera,
 e nos pulsos colocarei braceletes dourados.

VI.146 – Calímaco

Καὶ πάλιν, Εἰλήθια, Λυκαινίδος ἐλθὲ καλεύσης
 εὖλοχος ὠδίνων ὧδε σὺν εὐτοκίῃ·
 ὥς τόδε νῦν μὲν, ἄνασσα, κόρης ὕπερ' ἀντὶ δὲ παιδὸς
 ὕστερον εὐώδης ἄλλο τι νηὸς ἔχοι.

E outra vez, Ilítia, vem ao chamado da Licênida,
 parteira, trazendo contigo o alívio das dores do parto;
 Isto, senhora, agora te darei se for menina; mas se em vez disso for menino,
 algo mais poderia ter depois o teu templo fragrante.

VI.174 – Antípatro

Παλλάδι ται τρισσαὶ θέσαν ἄλικες, ἴσον ἀράχνα
 τεῦξαι λεπταλέον στάμον' ἐπιστάμεναι·
 Δημῶ μὲν ταλαρίσκον εὐπλοκον, Ἀρσινόα δὲ
 ἐργάτιν εὐκλώστου νήματος ἡλακάταν,
 κερκίδα δ' εὐποίητον, ἀηδόνα τὰν ἐν ἐρίθοις,
 Βακχυλὶς, εὐκρέκτους ἃ διέκρινε μίτους·
 ζῶειν γὰρ δίχα παντὸς ὀνείδεος εἴλεθ' ἐκάστα,
 ξεῖνε, τὸν ἐκ χειρῶν ἀρνυμένα βίοντον.

Três meninas da mesma idade, expertas como aranhas
 ao fazer delicadas teias, à Palas dedicaram:
 Demo uma cesta bem trançada, Arsínoe, uma roca
 produtora de fios bem trançados,
 Baquílis, uma lançadeira bem-feita, rouxinol das tecelãs,
 com a qual separava os fios bem trançados;
 pois cada uma desejava viver sem quaisquer censuras,
 estranho, ganhando a vida com as mãos.

¹⁴⁶ ρόπτρα pode ser traduzido tanto como uma peça de madeira em uma armadilha (LSJ I) ou como um instrumento musical similar ao pandeiro (LSJ II). Considerando que duas linhas acima o epigrama refere a dança das bacantes, optei por traduzir como pandeiros. Em sentido contrário, Eugene Bushala (1969) argumenta que o ρόπτρον seria um tipo de percutor (similar a uma baqueta).

VI.276 – Antípatro

Ἡ πολύθριξ οὐλας ἀνεδήσατο παρθένος Ἴππη
χαίτας, εὐώδη σμηχομένα κρόταφον·
ἦδη γάρ οἱ ἐπῆλθε γάμου τέλος· αἱ δ' ἐπὶ κουρῇ
μίτραι παρθεσίας αἰτέομεν χάριτας.
Ἄρτεμι, σῇ δ' ἰότητι γάμος θ' ἅμα καὶ γένος εἶη
τῇ Λυκομηδείδου παιδί φιλαστραγάλη.

Hipe, a virgem de abundantes e cacheados cabelos,
amarrrou-os; lavou suas têmporas perfumadas;
já havia chegado o tempo de seu casamento; por sua frente,
nós mitras¹⁴⁷ exigimos a graça da virgindade.
Ártemis, por tua vontade, ambos, o casamento e a descendência
concede à filha de Licomedes, menina que deixa para ti os seus dadinhos^{148 149}.

VI.285 – Nicarco (ao que parece)

Ἡ πρὶν Ἀθηναίης ὑπὸ κερκίσι καὶ τὰ καθ' ἰστῶν
νήματα Νικαρέτῃ πολλὰ μιτωσαμένα
Κύπριδι τὸν κάλαθον τά τε πηνία καὶ τὰ σὺν αὐτοῖς
ἄρμεν' ἐπὶ προδόμον πάντα πυρῆς ἔθετο,
“Ἐρρετε,” φωνήσασα, “κακῶν λιμηρὰ γυναικῶν
ἔργα, νέον τήκειν ἄνθος ἐπιστάμενα.”
εἵλετο δὲ στεφάνους καὶ πηκτίδα καὶ μετὰ κώμων
ἡ παῖς τερπνὸν ἔχειν ἐν θαλίαις βίοντον,
εἶπε δέ· “Παντός σοι δεκάτην ἀπὸ λήμματος οἶσω,
Κύπρι, σὺ δ' ἐργασίην καὶ λάβε καὶ μετάδος.”

A que antes estava a serviço das lançadeiras de Atena e ao tear
tecendo muitas tramas, Nicárete,
em honra a Cípris, a cesta e os carreteis, junto com seus
instrumentos todos, queimou em frente ao templo,
“Danem-se,” disse ela, “obras famintas de vis mulheres,
que causam o derreter da flor da juventude!”.

¹⁴⁷ Mitra é espécie de toucado feminino, similar a um turbante. Para mais informações, vide FISCHER, 2008.

¹⁴⁸ Este epigrama se refere aos ritos pré-nupciais femininos gregos, especialmente o corte dos cabelos da noiva e a dedicação de seus brinquedos. Ambos eram ofertados à deusa Ártemis, como explica Matthew Dillon: “As oferendas que eram feitas antes do casamento na Grécia antiga incluíam a dedicação dos brinquedos para Ártemis pelas meninas antes das núpcias, [...] Mais significativo como um rito de passagem era o ritual de corte do cabelo. Geralmente, Ártemis recebia as mechas das virgens antes do casamento. [...] o corte era uma indicação do iminente fim de seu status como *parthenos*, marcando sua transição para *gyne*, mulher.” (DILLON, 1999, p. 71-72)

¹⁴⁹ λυαστραγάλη é um neologismo, composto de λείπω (abandonar) e αστράγαλος (ossos de juntas), significando algo como “abandonadora de ossinhos”. Os astrágalos eram utilizados como um tipo de brinquedo infantil, com uso semelhante ao de dados (GETTY, 2018). Esse trecho é objeto de controvérsia exatamente em razão do uso dessa palavra. Paton traduz como “who has bidden farewell to her knucklebones” (1920, p. 447); Stephanie Lynn-Budin como “who has abandoned her knucklebones” (2015, p. 93); Pierre Brulé como “qui aime encore les osselets” (2007, *online*). Como esse é um epigrama dedicatório, parece-me que os ossos são o objeto dedicado à deusa (além dos cabelos), conforme a tradição ritual pré-nupcial grega, o que seria indicado pelo uso do caso dativo.

A jovem escolheu a guirlanda, a lira e, em cortejos
e festividades, ter uma vida prazerosa e feliz.
Então, disse: “Sempre, o dízimo de tudo o que receber eu te trarei,
Cípris. Tu, dá-me trabalho e pega dele a tua parte.”

VI.353 – Nóssis

Αὐτομέλιννα τέτυκται ἴδ', ὥς ἀγανὸν τὸ πρόσωπον
ἀμὲ ποτοπτάζειν μελιχίως δοκέει·
ὥς ἐτόμως θυγάτηρ τᾷ ματέρι πάντα ποτῶκει.
ἦ καλόν, ὅκκα πέλη τέκνα γονεῦσιν ἴσα.

É a própria Melina: vê como sua gentil face
parece me olhar docemente.
Como verdadeiramente a filha em tudo com a mãe se parece.
Que belo quando as crianças são iguais aos pais!

Referências:

- BRULÉ, Pierre. Chapitre III. Des osselets et des tambourins pour Artémis. In: _____. *La Grèce d'à côté : Réel et imaginaire en miroir en Grèce antique*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2007. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pur/6221>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- BUSHALA, Eugene. Rhoptron as a musical instrument. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, vol. 10, n. 2, 1969, p. 169–172. Disponível em: <<https://grbs.library.duke.edu/article/view/10571/4331>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- DILLON, Matthew. Post-nuptial sacrifices on Kos (Segre, *ED* 178) and ancient Greek marriage rites. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, vol. 124, 1999, p. 63-80. Disponível em: <<http://www.uni-koeln.de/phil-fak/ifa/zpe/downloads/1999/124pdf/124063>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- FISCHER, Marina. *The prostitute and her headdress: the mitra sakkos and kekryphalos in Attic Red-figure Vase-painting ca. 500–450 BCE*. 2008. Tese. University of Calgary. Disponível em: <https://www.academia.edu/12398563/The_Prostitute_and_Her_Headdress_the_Mitra_Sakkos_and_Kekryphalos_in_Attic_Red-figure_Vase-painting_ca._550-450_BCE>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- GETTY. *Astragalos*. 2018. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/collection/objects/9368/unknown-maker-astragalos-greek-2nd-1st-century-bc/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- Greek Anthology*. Tradução de W. R. Patton. London/ New York: William Heinemann, G. P. Putnam's Sons, 1920.

LYNN-BUDIN, Stephanie. *Artemis*. London: Routledge, 2015.

Como citar este texto (ABNT):

BERQUÓ, T. Antologia grega de Thirzá Berquó. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 106-110, 2019.